



**PATERNIDADE ADOLESCENTE E OS PROJETOS DE VIDA  
NA GESTAÇÃO DO PRIMEIRO FILHO**

**Ana Paula Cargnelutti Venturini**

Dissertação de Mestrado

Porto Alegre/RS, 2010

**PATERNIDADE ADOLESCENTE E OS PROJETOS DE VIDA NA GESTAÇÃO DO  
PRIMEIRO FILHO**

**Ana Paula Cargnelutti Venturini**

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial  
para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia  
sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>º</sup>. Cesar Augusto Piccinini.

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Curso de Pós-Graduação em Psicologia  
Junho de 2010**

## AGRADECIMENTOS

Ao final dessa caminhada, agradeço a algumas pessoas que se tornaram essenciais à concretização desse trabalho.

Inicialmente, agradeço ao meu orientador, Prof<sup>o</sup> Cesar Augusto Piccinini, pelos ensinamentos metodológicos, pela seriedade ética como pesquisador e pelos incentivos durante esses dois anos.

Agradeço aos participantes dessa pesquisa, pela confiança em que se dispuseram a compartilhar comigo importantes fragmentos de suas histórias.

Às professoras da banca examinadora, Dra. Débora Dalbosco Dell'Aglio, Dra. Daniela Centenaro Levandowski e Dra. Dorian Mônica Arpini, por ter aceitado o convite de participar das reflexões que me propus neste estudo, bem como pelas valiosas contribuições.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro.

Agradeço ao grupo de trabalho (“as Gradoandas”): ao entusiasmo da Li, à serenidade da Fran, à harmonia da Ana Cláudia, à disposição da Gi, à sensatez da Camila e o carinho da Ana Freitas, elementos que tornaram nossas reuniões descontraídas e a equipe de trabalho transformou-se em um grupo de amigas. Agradeço especialmente o apoio emocional e as contribuições teóricas da Camila, bem como as palavras de incentivo, a atenção da minha motivadora e xará Ana F. Agradeço também às diversas “caronas” para as minhas casas de Porto Alegre e Santa Maria. Gurias: Muito obrigada!

À equipe do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, pela disponibilidade e confiança na etapa de coleta de dados. Em especial, a Dra. Ângela Polgati Diehl e a Psicóloga Ângela Pegoraro pelo acolhimento e auxílio, essenciais, no contato e nas entrevistas com os participantes.

As minhas colegas de início de jornada, Carol e Vanessa, pela amizade que se mantém além do mestrado.

Aos meus ex-colegas e amigos da Psicologia, do Riachuelo, do Objetivo, os demais de Porto Alegre e Santa Maria, por mostrarem que embora a convivência diminua, a amizade ultrapassa tempo e distâncias geográficas.

A Lú, Max, Nelson e Joca pelo companheirismo desde a graduação e durante o mestrado. Em especial, agradeço a minha grande amiga Joca, por dividimos o apartamento, nossos medos,

nossos sonhos e nossas vitórias. Aprendi muito com o teu bom humor, com tua espontaneidade... adoro nossa cumplicidade.

Aos irmãos de coração Bruna e Francisco pela paciência. Às minhas amigas: Ritinha por compartilhar angústias, Cá pela amizade pura e pela confiança, a Lú pelos momentos de diversão, a Vica pela sensibilidade e por nossas conversas. À minha prima-gêmea e amiga Carlinha, pelo acolhimento carinhoso, desde a seleção e durante todo o mestrado, pelos almoços e por tornar Porto Alegre “tão familiar”.

Agradeço também ao Rodrigo, pelo apoio e carinho constantes, pelos incentivos e por sempre torcer por mim.

Agradeço ao Éfe, sobretudo nesses últimos meses, por ter sido uma companhia essencial na minha vida. Pela sinceridade, pela dedicação à amizade, por dividir incertezas e compartilhar sonhos.

Por fim, agradeço especialmente a minha família. Agradeço ao meu Pai e a minha Mãe pelo amor, carinho e apoio, por me escutarem, me acalentarem e confiarem em mim, incondicionalmente. Enfim, são as pessoas mais incríveis que já conheci... Meu amor por vocês cresce a cada dia. Agradeço ao Mauro e a Ana por terem sempre “carregado” a responsabilidade de serem meus exemplos. Pelo apoio nas minhas grandes decisões e me “permitirem” errar. Meus irmãos queridos, as grandes bases da minha vida, Muito obrigada!!! Agradeço também ao Franco e a Lívia, pela amizade, carinho e pelos momentos divertidos, raros devido à distância, mas não menos importantes. E agora também a Isadora, cujo nascimento trouxe um “gás” no momento final, além de trazer mais alegrias as nossas vidas.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	7
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
CAPÍTULO I .....	10
INTRODUÇÃO.....	10
Apresentação.....	10
Caracterizando a adolescência .....	10
Gravidez na adolescência .....	15
Caracterizando a Paternidade .....	24
A paternidade na adolescência.....	28
Projetos de Vida na Adolescência.....	42
Justificativa e Objetivos .....	50
CAPÍTULO II .....	51
ESTUDO I: Percepção de adolescentes não-pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente.....	51
MÉTODO.....	52
Participantes.....	52
Delineamento e Procedimentos .....	52
Instrumentos .....	54
Considerações éticas .....	55
RESULTADOS .....	56
DISCUSSÃO.....	79
CAPÍTULO III.....	88
ESTUDO II: Paternidade e os projetos de vida em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho .....	88
MÉTODO.....	89
Participantes.....	89
Delineamento e Procedimento .....	89
Instrumentos .....	91

Considerações éticas .....	92
RESULTADOS .....	93
DISCUSSÃO.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	134
REFERÊNCIAS.....	141
ANEXOS.....	154
ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	155
ANEXO B: Ficha de dados sócio-demográficos da família .....	156
ANEXO C: Entrevista sobre a percepção da paternidade adolescente .....	159
ANEXO D: Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis: .....	160
ANEXO E: Certificado de aprovação do pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS .....	161
ANEXO F: Estrutura de categorias temáticas para análise das entrevistas dos adolescentes não-pais.....	162
ANEXO G: Entrevista sobre a gravidez adolescente: versão do pai.....	163
ANEXO H: Estrutura de categorias temáticas para análise das entrevistas dos pais adolescentes.....	165

## LISTA DE TABELAS

### ESTUDO I

Tabela 1. Dados sócio-demográficos dos adolescentes não-pais.....55

### ESTUDO II

Tabela 2. Dados sócio-demográficos dos pais adolescentes.....92

## RESUMO

O presente estudo investigou a paternidade e os projetos de vida entre adolescentes não-pais e adolescentes que esperavam seu primeiro filho. Em particular buscou examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida em relação à família, à escola ao trabalho. Para tanto, foram realizados dois estudos: o Estudo I, com sete adolescentes não-pais (13 a 16 anos) e, o Estudo II, com cinco pais adolescentes (16 a 18 anos). Todos responderam a uma entrevista sobre as atividades cotidianas, projetos de vida e percepções sobre a gravidez na adolescência. Análise de conteúdo qualitativa revelou que os adolescentes não-pais apresentaram grande diversidade nas atividades cotidianas e nos projetos de vida. Diferentemente, os pais adolescentes relataram uma rotina de atividades e de projetos de vida bastante restritos. Além disso, os adolescentes não-pais relataram percepções negativas da paternidade adolescente, com destaque para a diminuição das atividades cotidianas e limitações nos projetos de vida. Já os pais adolescentes, contrariando essa visão negativa da paternidade, relataram que, embora estivessem adiando alguns projetos de vida, o filho poderia ser um incentivo para realizá-los. Discute-se a importância de singularizar a experiência da paternidade adolescente que, embora possa ampliar os desafios na concretização de projetos de vida anteriores, também pode auxiliar na elaboração daqueles projetos; especialmente se for considerado o contexto e o apoio familiar recebido – os quais são fundamentais para que o adolescente enfrente melhor com a paternidade.

Palavras-chave: Adolescência; projetos de vida; paternidade



## **ABSTRACT**

The present study investigated fatherhood and life projects among adolescent's no-parents and of adolescents that waited for his first son. More specifically, it aimed to examine the impact of pregnancy in life projects in relation to family, school and work. For so much two studies were accomplished: the Study I, with seven adolescents no-parents (13 to 16 years) and, the Study II, with five adolescent parents (16 to 18 years). All answered to an interview about the daily activities, life projects and perceptions on the pregnancy in the adolescence. Qualitative content analysis revealed that the adolescents no-parents presented great diversity in the daily activities and in the life projects. Differently, the adolescent parents, told a routine of activities and of quite reduced life projects. Besides, the adolescents no-parents told negative perceptions to adolescent paternity, with prominence for the decrease of the daily activities and limitations in the life projects. Already the adolescent parents, contradicting that negative vision of the paternity, they told that, although they were postponing some life projects, the son could be an incentive to accomplish them. The importance is discussed of singling out the experience of the adolescent paternity, that although it can enlarge the challenges in the materialization of projects of previous life, it can also aid in the elaboration of those projects, especially if it be considered the context and the received family support, that they are fundamental for the adolescent to live together better with the paternity.

Word-key: Adolescence; life projects; fatherhood

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

### **Apresentação**

A adolescência é uma etapa da vida que instiga diversos pesquisadores a estudá-la, devido às mudanças peculiares que provoca no desenvolvimento humano. Associado a isso, espera-se que o jovem cumpra algumas tarefas próprias dessa fase, como o estabelecimento de metas e de projetos para o futuro, sobretudo quanto à escolarização, ao trabalho e à constituição familiar. Tais atribuições, comuns à classe média, podem ocorrer de maneira distinta nas classes populares, ou seja, a elaboração de projetos para o futuro sofre múltiplas influências, como a de fatores sócio-culturais, econômicos e do momento histórico. Entre esses fatores, pode-se pensar também na situação da paternidade, que seria uma tarefa da vida adulta, cuja ocorrência na adolescência pode ocasionar uma série de preocupações e mudanças na vida atual e futura dos pais adolescentes<sup>1</sup>.

Devido a isso, o presente estudo se propôs a investigar os projetos de vida no contexto da paternidade adolescente. Em particular, buscou-se examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida desses jovens com relação à família, à escola e ao trabalho. Para tanto, foram realizados dois estudos. O Estudo I investigou a percepção de adolescentes não-pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. Já o Estudo II investigou a paternidade e os projetos de vida em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho. Inicialmente, serão apresentados alguns aspectos teóricos sobre a adolescência, com destaque para as tarefas associadas a esta fase. Em seguida, serão revisados alguns estudos sobre a paternidade na adolescência e sobre projetos de vida.

### **Caracterizando a adolescência**

A adolescência é o período do desenvolvimento humano em que ocorrem importantes mudanças biológicas, cognitivas, sociais e psicológicas. De acordo com Organização Mundial da

---

<sup>1</sup> Esse texto utiliza o termo “pai adolescente” para caracterizar os adolescentes do sexo masculino que estão vivenciando a situação de gravidez, tendo em vista que não existe, em português, um termo para o homem equivalente à ‘gestante adolescente’. Alguns artigos, no exterior, tendem a utilizar o termo *expectant father* (Applegate, 1988).

Saúde (WHO, 1995), a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos, e a juventude insere-se entre os 15 e 24 anos. Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (Art. 2º da Lei n 1º 069,1990) considera adolescente aquele que tem entre 12 e 18 anos. Mesmo que a adolescência não seja determinada apenas pelo critério da idade (Leal & Knauth, 2006), é importante estabelecer alguns limites etários, que não são rígidos, para facilitar o seu estudo e a sua compreensão. Além disso, é importante considerar que, embora exista uma delimitação da Organização Mundial da Saúde para o período que compreende a adolescência, o mesmo pode ser ampliado ou diminuído de acordo com os contextos e os eventos de vida de cada indivíduo (Oliveira, 2008). Assim, idealmente, os estudos sobre a diversidade do desenvolvimento do adolescente deveriam tentar integrar seus níveis individuais e contextuais (Lerner, Lerner, Stefanis, & Apfel, 2001).

Nas últimas décadas, houve um crescimento considerável nos estudos sobre a adolescência. De acordo com Scelza (2006), as possíveis razões para tamanho interesse podem estar relacionadas à maioria numérica dessa faixa etária na sociedade e também por todo o imaginário social que a circunda. Além disso, a grande quantidade de trabalhos sobre a adolescência vincula-se a uma necessidade de explicar e compreender os jovens e, por conseguinte, encontrar explicações e/ou orientações sobre como lidar com as questões inerentes a essa etapa do desenvolvimento.

Através de uma análise sobre o histórico do desenvolvimento das pesquisas em relação à adolescência, a partir do século XX, Steinberg e Lerner (2004) delimitaram três grandes fases. Inicialmente, entre os anos 20 e 70, os estudos eram mais descritivos e utilizavam grandes modelos teóricos para buscar compreender todos os domínios do desenvolvimento e do comportamento dos adolescentes. A partir da metade da década de 70 até os dias de hoje, o interesse das pesquisas focou-se em testar hipóteses e tentar aproximar a ciência dos problemas do dia-a-dia dos adolescentes, com destaque para os estudos longitudinais. Particularmente na década de 90, destaca-se a influência da perspectiva ecológica do desenvolvimento, em que o contexto, e não apenas o sujeito, é investigado. Além disso, as pesquisas passaram a priorizar os problemas sociais da adolescência, principalmente relacionados ao uso de drogas, comportamentos anti-sociais, gravidez e depressão. Esses autores apontaram que atualmente há a emergência de uma terceira fase de investigações, a qual continua enfocando a relação do indivíduo com seu contexto, mas ressalta o desenvolvimento positivo dos adolescentes. Enfim, Steinberg e Lerner salientaram

que pesquisas sobre essa fase do desenvolvimento podem contribuir para aumentar o conhecimento sobre a adolescência – que é uma das fases essencial à organização do desenvolvimento humano positivo. Desse modo, o conhecimento científico pode ser usado tanto por profissionais que convivem com esse público, como por políticos, os quais podem criar programas e intervenções para os adolescentes. Frente a esse panorama, o presente estudo estaria vinculado às duas últimas fases, uma vez que buscou investigar os projetos de vida e a paternidade na adolescência, a fim de auxiliar no aumento do conhecimento sobre esses assuntos e contribuir para possíveis intervenções futuras junto aos pais adolescentes.

Há diferentes maneiras de compreender a adolescência, bem como há inúmeras teorias e uma infinidade de autores, tanto clássicos (por exemplo: Hall, Freud, Erikson, Piaget) como contemporâneos (por exemplo: Aberastury, Blos, Steinberg), de diferentes linhas teóricas, que têm se dedicado a estudar esta fase de desenvolvimento. Alguns deles têm destacado os aspectos cognitivos (Piaget), outros os afetivos (Freud, Aberastury, Blos), relativos ao ciclo vital (Steinberg), entre outros.

Tendo em vista a extensão da produção científica nesta área, e uma vez que o enfoque desse estudo são os projetos de vida e a situação de gravidez na adolescência, esse capítulo priorizará apenas alguns fatores associados a estes dois temas. Em particular a sexualidade, a identidade, a vida emocional e o desenvolvimento cognitivo dessa fase.

A adolescência compreende o processo de amadurecimento social e psicológico do indivíduo e, apesar de geralmente iniciar por decorrência de processos orgânicos despertados pela puberdade, suas principais conseqüências associam-se aos aspectos biopsicossociais (Knobel, 1981). As mudanças físicas e as alterações hormonais ocasionam modificações na altura, no peso e nas proporções corporais do jovem (Lerner et al., 2001) e são acompanhadas por mudanças nos aspectos cognitivos e psíquicos, influenciadas pelo contexto social que o adolescente está inserido. De acordo com Montemayor (1986), são as questões do meio cultural e do momento histórico que o adolescente vive que irão determinar o que se espera que o jovem cumpra para alcançar o *status* de adulto.

Além disso, a forma como o adolescente resolve as tarefas com que se depara repercutirá nos âmbitos pessoal, familiar, social, escolar e sexual (Aberastury, 1981). De acordo com Ventura e Corrêa (2006), mesmo que as questões biológicas que permeiam a transição da infância para a

vida adulta possam ser universais, ao analisar a organização das leis sociais e as expectativas sobre o desenvolvimento psíquico e moral dos adolescentes, visualiza-se uma heterogeneidade de significações sobre a adolescência. Essas diferentes compreensões podem ocorrer dentro de um mesmo país, divergindo nas várias classes sociais, dependendo da realidade social e das especificidades regionais que a pessoa pertence (Leal & Knauth, 2006). Além disso, o próprio grupo social pode determinar o que se espera que o jovem cumpra na adolescência e, conseqüentemente, a situação de gravidez pode ser percebida de diferentes maneiras e não apenas ser avaliada através das conseqüências biológicas para a mãe e para o bebê.

Em relação aos aspectos emocionais desta fase de desenvolvimento, a literatura tem mostrado que o adolescente depara-se com algumas perdas, as quais devem ser elaboradas em prol de seu desenvolvimento. Por exemplo, Aberastury (1981) aponta o luto pelo corpo infantil, pelos pais da infância e pela bissexualidade. As transformações corporais decorrentes da puberdade levam o adolescente a reformular sua imagem corporal e a renunciar o que caracterizava o universo infantil, para que possa adquirir a responsabilidade social atrelada a um adulto. As mudanças na relação de dependência e independência e na valorização dos pais levam ao luto pelos pais da infância. Para Aberastury, é necessário que os adolescentes não idealizem os pais, dimensionando suas limitações e qualidades, para que consigam buscar outras pessoas com quem se identificar (como os amigos) e, conseqüentemente, uma maior socialização. Já o luto pela bissexualidade é necessário para que o adolescente defina suas escolhas sexuais.

Essas modificações na vida psíquica do sujeito estão associadas à definição da identidade do adolescente. Para Erikson (1976), a adolescência é considerada um período crucial na constituição da identidade, pois é o momento em que a pessoa vivencia mudanças biológicas, do desenvolvimento cognitivo e certas exigências sociais que desencadeiam uma crise de identidade. Essa crise abarca as identificações e os elementos das demais crises, precedentes, do desenvolvimento. Como os adolescentes estão em uma etapa de definição de sua identidade, é comum que ocorra a busca por pessoas para se identificar e por experiências novas (Erikson, 1976). Assim, os amigos são relevantes às identificações dos adolescentes, principalmente para os meninos ao simbolizarem uma tentativa de se opor aos atributos que remetam ao feminino (Teti & Lamb, 1986). Assim, pode-se pensar que entre as experiências novas, incluem-se a descoberta da própria sexualidade, a experimentação sexual e a aquisição do papel sexual. Considerando-se que

a experimentação da sexualidade é uma das principais tarefas da adolescência (Ott, 2010), muitas vezes ocorrem relações sexuais sem proteção, associadas ao imediatismo e ao pensamento mágico de que nada irá acontecer - características comuns nessa faixa etária -, podendo levar a uma gravidez na adolescência (Benincasa, Rezende, & Coniaric, 2008).

Quanto ao desenvolvimento cognitivo do adolescente, um autor clássico que muito contribuiu para o entendimento desta dimensão foi Piaget (1969), cuja teoria é tanto apoiada como contestada. Para esse autor, é na adolescência o momento que o jovem pode alcançar a etapa denominada de pensamento formal. O adolescente constrói sistemas, teorias e é capaz de refletir livremente, elementos esses que distinguem o pensamento formal do jovem do pensamento concreto da criança. Segundo Piaget, as operações mentais da infância concentram-se nos objetos palpáveis, que podem ser manipuláveis. Já com a aquisição das operações formais, os adolescentes focam-se no plano das idéias, sendo capazes de pensar e questionar o seu próprio pensamento. O pensamento formal envolve representações, expandindo-se o pensamento do plano concreto para proposições, ou seja, o pensamento adquire importância maior e o jovem começa a construir idéias a partir do mesmo. Desse modo, os adolescentes começam a pensar sobre o que está além da realidade cotidiana, conseguindo antecipar situações futuras, mesmo que muitas vezes tais pensamentos concentrem-se no plano abstrato. Além disso, Piaget destaca que se espera que na adolescência ocorra a passagem do pensamento concreto para o hipotético-dedutivo, em que há um esforço mental maior, pois o adolescente pode tirar conclusões apenas de hipóteses, independentemente de elas serem reais ou não.

Assim, com o desenvolvimento deste tipo de pensamento, o adolescente começa a pensar mais no seu futuro, tanto em relação ao trabalho, como sobre o lugar social que irá ocupar. Além disso, busca maneiras de integrar suas atividades atuais a um “programa de vida”, ou seja, procura unir suas ações do presente às ações que terá no futuro (Inhelder & Piaget, 1976). Desse modo, a aquisição de pensamentos abstratos e a capacidade de pensar hipoteticamente possibilitam que o adolescente pense de um modo diferente sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre seu futuro (Steinberg, 1993). Desse modo, pode-se pensar a partir do desenvolvimento cognitivo, o adolescente consegue começar a criar um projeto de vida.

Os adolescentes também vivenciam tarefas relacionadas a questões psicossociais, as quais, conforme Steinberg (1993), seriam cinco: aquisição da intimidade, consolidação da identidade, da

autonomia e da sexualidade e a capacidade de realização. Mais especificamente, a ‘capacidade de realização’ envolve decisões em relação à escolarização e aos aspectos profissionais, já que na adolescência importantes decisões são tomadas em relação ao futuro. Tais decisões são influenciadas pelas opiniões dos pais, amigos e professores, além da avaliação que o adolescente faz de suas próprias capacidades. É importante compreender essas tarefas, sobretudo a ‘realização’, devido as suas possíveis conexões com a construção de projetos de vida dos adolescentes.

Como foi dito anteriormente, a adolescência instiga diversas pesquisas, sobretudo por ser uma etapa peculiar do desenvolvimento, tanto pelas modificações que a acompanham como pelas tarefas que deverão ser cumpridas para que o jovem alcance a maturidade e ingresse na vida adulta. Todavia, muitas dessas pesquisas seguem a visão linear do desenvolvimento, na qual o indivíduo deveria passar por etapas sequenciais desde o nascimento até o envelhecimento, com funções pré-determinadas em cada uma das mesmas (Oliveira, 2008). Entretanto, para muitos indivíduos não ocorre essa linearidade, sendo que algumas tarefas e alguns papéis são antecipados, adiados ou, inclusive, não cumpridos. Nesse sentido, a gravidez na adolescência seria um dos eventos que alteraria esse ciclo (Dadoorian, 2003).

### **Gravidez na adolescência**

Conforme apontado anteriormente, durante a adolescência o jovem vivencia diversas modificações corporais e psíquicas que influenciam na consolidação de sua sexualidade, que é um dos elementos constituinte da existência humana (Maheirie, Urnau, Vavassori, Orlandi, Baierle, 2005; Ott, 2010). A atividade sexual na adolescência não é algo contemporâneo (Lerner & Galambos, 1998), sendo notificadas experiências sexuais de jovens desde os nossos ancestrais (Taquette & Vilhena, 2008). Contudo, na atualidade, as maneiras como o jovem e a mídia tratam o assunto, tornaram-na mais explícita e declarada (Taquette & Vilhena, 2008) e, como a iniciação sexual tem ocorrido cada vez mais cedo, maiores são as preocupações e a amplitude de problemas associados a esse fenômeno (Lerner & Galambos, 1998). Frente a tais constatações, alguns pesquisadores têm desenvolvido estudos sobre temas associados ao início da sexualidade na adolescência, entre os quais se incluem os tabus em torno da virgindade (Neiverth & Alves, 2003), as doenças sexualmente transmissíveis e os fatores de risco a ela associados (Taquette, Vilhena &

Paula, 2004), bem como a reduzida utilização de preservativos (Lohman & Billings, 2008) que, entre outros fatores, pode desencadear uma gravidez, com suas inevitáveis repercussões (Brandão & Heilborn, 2006; Taquette & Vilhena, 2008).

Fatores biológicos, psíquicos e sociais interagem entre si e interferem na constituição da sexualidade do adolescente. Os fatores biológicos possibilitam o início da sexualidade genital, mas a cultura se constitui em um mecanismo essencial que a controla, a qual varia conforme o momento histórico (Taquette & Vilhena, 2008) e influencia a constituição psíquica. Décadas atrás, não raro as pessoas tinham um filho entre os quinze e dezenove anos, fato que não se constituía em uma preocupação de saúde pública. Todavia, mudanças nas sociedades ocidentais possibilitaram melhorias na escolarização e profissionalização dos jovens, notadamente das mulheres, bem como o surgimento e a expansão de métodos contraceptivos, que possibilitaram o controle da natalidade e o adiamento da gravidez. Já Coley e Chase-Landsdale (1998) apontaram que as taxas de gravidez na adolescência, nos Estados Unidos, no final dos anos 90, não divergiam substancialmente em relação às décadas passadas, ou seja, a preocupação não se concentra no número de nascimentos, mas no fato de as jovens recorrerem menos ao aborto e à adoção e optarem por não casar com o pai do bebê. Desse modo, a ocorrência da gravidez na faixa etária que compreende a adolescência não seria um fenômeno moderno, mas a forma com que a sociedade brasileira e outros países ocidentais a compreende é que seria nova, assim como as significações atribuídas a esse evento (Frizzo, Kahl, & Oliveira, 2005).

Frente a esse cenário, surge o questionamento: quando a gravidez na adolescência passou a ser um “problema” ou uma preocupação pública? Uma das respostas para essa questão foi proposta por Furstenberg (2003), um pesquisador da gravidez na adolescência, que tem se dedicado a estudar e compreender esse fenômeno nas últimas quatro décadas. Para o autor, até a década de 60, não se falava em “gravidez na adolescência” nos Estados Unidos, mesmo que na década seguinte à II Guerra Mundial tenha ocorrido um grande número de nascimentos de bebês de pais e mães adolescentes. Então, a partir de meados da década de 60, alguns fatores levaram à incipiente preocupação com a gravidez na adolescência, como a sua ocorrência fora do casamento, promovendo o crescimento das famílias monoparentais. Desde os primeiros estudos até a década de 80 e, a partir da década de 90, focaram os prejuízos educacionais, sociais, relativos ao casamento e a empregos para os adolescentes e seus bebês. Desse modo, as pesquisas reforçaram



o estereótipo da gravidez na adolescência como reprodutora de pobreza. Ainda hoje, uma parte considerável das pesquisas focam algum aspecto da gravidez na adolescência, sendo pouco freqüente questionarem por que ela se tornou um problema.

De qualquer forma, nos dias de hoje, a gravidez não é um evento esperado na adolescência. Pelo contrário, é vista como uma preocupação social, principalmente se for considerada a sua prevalência atual. Segundo dados dos Indicadores e Dados Básicos para a Saúde (IDB, 2007), uma em cada cinco pessoas no mundo é adolescente (entre 10 a 19 anos) e, a cada 1.000 meninas, 60 tornam-se mães, ou seja, anualmente, há 17 milhões de bebês cujas mães são adolescentes. No caso brasileiro, as últimas décadas foram marcadas por uma queda na fecundidade da população feminina, sendo a queda de 24.1% entre as décadas de 70 e 80, seguidas de redução de 38.6% na década de 80 e de 11.1% entre 1991 e 2000 (Berquó & Cavenaghi, 2006). Contudo, essa redução não teve diminuição semelhante na faixa etária entre 15 e 19 anos e não foi verificada no grupo de adolescentes menores de 15 anos (Taquette & Vilhena, 2008). Além disso, se forem considerados os últimos 11 anos (entre 1994 e 2005), pode-se visualizar um crescimento na proporção de bebês nascidos vivos na faixa etária das gestantes menores que 14 anos e a faixa etária dos 15 a 19 anos teve uma pequena variação nesses índices (IDB, 2007). Por exemplo, em 1994, foram registrados 17.628 nascimentos de bebês de gestantes com menos de 14 anos e, em 2005, esse número foi de 26.752. Além disso, em relação à faixa etária dos 15 aos 19 anos, em 1994 houve 490.716 bebês e em 2005 esse número chegou a 634.385. Assim, de acordo com o IDB, no ano de 2005, a faixa etária entre os 10 e 14 anos representou 0,9 % dos bebês nascidos vivos; já a faixa etária dos 15 a 19 anos, totalizou 20,9% desses nascimentos.

Diante de tais dados, as altas taxas de gravidez na adolescência e as suas conseqüências biopsicossociais (discutidas a seguir) podem ser consideradas um problema de saúde pública (Cabral, 2002; Brandão & Heilborn, 2006; Silva & Tonete, 2006; Trindade & Menandro, 2002), devido à preocupação com as conseqüências sociais desse fenômeno (Esteves & Menandro, 2005) e à influência dos índices de fecundidade na construção das políticas públicas de um país (Berquó & Cavenaghi, 2006). Neste sentido, salienta-se que tanto novas políticas públicas como programas de intervenção são muito necessários, mas devem contemplar as especificidades dos diversos contextos em que os jovens estão inseridos (Lerner & Galambos, 1998). Em relação ao Brasil, os autores destacam que é necessário considerar as diferentes realidades sociais que co-existem no

país e estão associadas a formas distintas de compreender e de se vivenciar as repercussões da gravidez na adolescência.

Como é difícil estimar todos os desfechos decorrentes de uma gravidez na adolescência, serão sintetizados a seguir alguns dos aspectos freqüentemente destacados pelos pesquisadores, a fim de compreender esse fenômeno. É sempre importante lembrar que essas conseqüências são mais sérias quanto mais jovens forem as adolescentes (Levandowski, Piccinini & Lopes, 2008). De qualquer modo, tradicionalmente, os estudos da área da saúde e da gravidez na adolescência tendem a focalizar suas conseqüências físicas para o bebê, assim como seus impactos sociais para a mãe. Quanto ao pai do bebê, há um menor número de pesquisas, mas as conseqüências se aproximam das referidas às gestantes.

Em relação aos prejuízos ao bebê, encontram-se estudos que ressaltam a maior ocorrência de prematuridade (Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos, 2007), baixo peso ao nascer, desproporção feto-pélvica e retardo no desenvolvimento uterino (Carvalho, Souza, Oliveira & Pires, 2002). Por exemplo, o estudo de Gama, Szwarcwald, Leal e Filha (2001) apontou que o baixo peso dos bebês cariocas ao nascer associava-se à gravidez na adolescência e podia ser decorrente tanto de questões biológicas (imaturidade do sistema reprodutivo e aumento de peso inapropriado durante a gestação) como socioculturais (entre eles a pobreza), aliados ao estilo de vida da adolescente. Além disto, os autores consideraram que o baixo peso ao nascer pode ser um dos principais responsáveis pela morbidade e mortalidade no primeiro ano de vida do bebê, sendo agravado se a mãe for adolescente e, principalmente, se tiver menos de 15 anos. Achados semelhantes foram encontrados por Fraser, Brockert e Ward (1995) que, ao investigarem se a adolescência traria riscos à gravidez, realizaram uma análise estratificada de 134.088 mulheres americanas com idades entre 13 e 24 anos, que tiveram filhos entre 1970 e 1990 e foram pareadas quanto ao estado civil, nível educacional e adequação à assistência pré-natal. Nos resultados, as mães adolescentes (13 a 17 anos) apresentaram riscos significativamente maiores, na comparação com as demais, quanto ao baixo peso ao nascer e à prematuridade do bebê. Os autores destacaram também que a gravidez na adolescência, associada a condições sócio-econômicas desfavorecidas, aumentava o risco dessas conseqüências adversas para o bebê. Por outro lado, Magalhães et al. (2006) realizaram uma pesquisa com 322 gestantes adolescentes precoces (menos que 16 anos) e 1736 tardias (entre 16 e 19 anos) pertencentes a um centro de atendimento terciário do Ceará. O

estudo investigou diversas variáveis, tais como: intercorrências clínicas no pré-natal, tipo de parto, indicações da cesariana, desproporção céfalo-pélvica, idade gestacional no momento do parto, adequação do peso no nascimento, índices de Apgar no primeiro e quinto minutos de vida, presença de malformações congênitas e óbito neonatal, bem como acesso e número de consultas ao pré-natal e uso de fumo, álcool ou drogas ilícitas. Os resultados mostraram que não houve diferenças significativas nestas variáveis entre os dois grupos, exceto quanto a escores mais baixos de Apgar de primeiro minuto no primeiro grupo. A conclusão principal do estudo destacou que, se expostas a condições socioeconômicas e de assistência pré-natal equivalentes, as gestantes adolescentes precoces apresentaram resultados semelhantes quanto ao progresso da gestação e nascimento do filho, em relação ao segundo grupo.

Examinados conjuntamente, os estudos destacados mostram que ainda existem divergências quanto às possíveis conseqüências físicas da gravidez na adolescência para o bebê. Neste sentido, é ainda necessário ampliar as investigações sobre este tema, a fim de compreender as divergências da literatura quanto aos riscos obstétricos. Sabe-se, no entanto, que quanto mais jovens as gestantes forem, maiores tendem a ser os riscos de complicações físicas, uma vez que o organismo ainda está se desenvolvendo, embora esses riscos possam ser minimizados se houver assistência pré-natal adequada (Levandowski et al., 2008; Oliveira, 1998).

Já para a mãe e para o pai do bebê, diversos estudos salientaram os impactos sociais associados à gravidez na adolescência. Entre eles, a situação de gravidez implicaria em diversas renúncias aos jovens (Frizzo et al., 2005), podendo levar a um afastamento do grupo de amigos (Lima et al., 2004), pois haveria uma falta de sincronia entre o desenvolvimento dos pais adolescentes e de seu grupo de pares (Montemayor, 1986). Nesse sentido, a gravidez diminuiria o tempo livre dos adolescentes (Cabral, 2003) e seria responsável por diferenças em suas atividades rotineiras, pois os pais adolescentes começariam a priorizar a vida doméstica e o emprego, enquanto o grupo de amigos poderia continuar com atividades extra-escolares, o que levaria a um distanciamento no envolvimento social dos dois grupos (Montemayor, 1986). Além disso, deve-se considerar que as repercussões da gravidez na adolescência podem não ser imediatas, mas ocorrer ao longo do desenvolvimento do jovem e trazer dificuldades em momentos posteriores (Levandowski et al., 2008).

Destaca-se que as repercussões da gravidez na adolescência geralmente são maiores para as mulheres do que para os homens, pois esses podem não assumir a paternidade e as responsabilidades referentes ao bebê (Marsiglio, 1986). Por exemplo, um estudo realizado por Sabroza, Leal, Souza, Gama e Costa (2004) buscou identificar o perfil sócio-demográfico de puérperas adolescentes, segundo a faixa etária e a situação conjugal. Foram entrevistadas 1228 adolescentes, imediatamente após o parto, em maternidades públicas conveniadas com o SUS e privadas da cidade do Rio de Janeiro. Os resultados revelaram que as adolescentes mais jovens e sem união conjugal mostraram-se mais vulneráveis para engravidar de outro adolescente, para não desejar a gestação, para não receber apoio familiar e para realizar tentativas de aborto. Destacou-se que a união conjugal influenciou positivamente a percepção da gestação pela adolescente e pela sua própria família, bem como promoveu uma maior frequência da gestante aos serviços de assistência pré-natal e maior uso de métodos contraceptivos no pós-parto.

Outros estudos apontaram possíveis associações da gravidez adolescente com outros fatores de risco, como o consumo de álcool, drogas e outras substâncias ilícitas (Coley & Chanse-Lansdale, 1998; Lerner & Galambos, 1998) e com a pobreza, a qual pode ser compreendida tanto como causa, quanto como conseqüência da gravidez (Cabral, 2003). Levandowski et al. (2008) apontaram que a pobreza pode acarretar mais dificuldades cotidianas aos jovens do que a situação de gravidez isoladamente. Situação semelhante ocorre com a escola, pois muitas vezes a gravidez na adolescência é apontada como causa da evasão escolar ou vice-versa. Independentemente da direção de uma possível relação causal, sabe-se que há uma associação muito forte entre a gravidez e a evasão escolar de adolescentes (Frizzo et al., 2005). Desse modo, o abandono escolar e as dificuldades econômicas podem ser decorrentes da situação de pobreza em que muitas adolescentes se encontram antes da gravidez e não serem apenas resultados da situação de gravidez (Coley & Chanse-Lansdale, 1998; Levandowski et al., 2008)

Mais especificamente em relação à paternidade, Elster e Hendricks (1986) consideram que há, pelo menos, duas formas de pensar a sua associação com a escola. A primeira assinala que os pais adolescentes seriam alunos que costumavam faltar às aulas, que apresentavam menor rendimento e desinteresse pelo estudo, além de terem abandonado a escola antes da paternidade. A segunda forma é considerar que a paternidade acarretou o abandono escolar, pois os adolescentes deveriam trocar a escolarização pela busca por um emprego, a fim de suprir as necessidades

financeiras do bebê. Desse modo, percebe-se que muitas vezes a saída da escola ocorre antes da gravidez, a qual pode dificultar o retorno ou aumentar o desinteresse pela conclusão dos estudos. Assim, mais pesquisas seriam necessárias para buscar compreender qual a associação entre paternidade e escola (Levandowski, 2001b).

Com a gravidez, o adolescente necessita assumir maiores responsabilidades (Cabral, 2003), mas muitas vezes não está preparado para a aquisição antecipada de um novo papel - o que pode dificultar a sua identificação como 'pai' ou 'mãe' (Trindade & Menandro, 2002). A imaturidade psíquica para ser pai ou mãe é outra consequência associada à gravidez na adolescência e que pode levar à instabilidade da conjugalidade (Cabral, 2003). Relacionado com as questões psíquicas, Quinlivan e Condon (2005) realizaram um estudo que buscou comparar os aspectos psicológicos de 50 homens australianos que engravidaram uma gestante adolescente e outros 50 homens que engravidaram uma mulher com mais de 20 anos. Durante a gestação, foram realizadas entrevistas e aplicados instrumentos para medir ansiedade, depressão e saúde geral. Nos resultados, o primeiro grupo apresentou escores mais altos de depressão e ansiedade e maior pessimismo quanto à expectativa de vida. Todavia, os autores enfatizaram que não foi possível determinar se esses aspectos psicológicos apresentados por aqueles que foram pais adolescentes precederam a gravidez ou foram consequências da mesma.

Por outro lado, foram encontrados estudos que chamaram a atenção para a necessidade de se considerar também outros aspectos que perpassam a gravidez na adolescência. Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade de considerar o contexto que a gravidez ocorre e não a pré-conceber apenas como um 'problema' ao jovem (Cabral, 2002, 2003; Esteves & Menandro, 2005; Lima et al., 2004; Levandowski & Piccinini, 2006; Silva & Tonete, 2006; Trindade & Menandro, 2002). Nesse sentido, a fim de investigar motivos e percepções da gestação entre adolescentes, Ximenes Neto, Dias, Rocha e Cunha (2007) aplicaram um questionário a 212 cearenses grávidas, sendo 12,7 % na faixa etária entre os 12 e 15 anos e 87,3 % na faixa etária entre os 16 e 19 anos. A maior parte das participantes era alfabetizada, tinha companheiro fixo, era dona de casa e a tinha renda mensal correspondente a um salário mínimo. Os resultados sugeriram que o desejo de ser mãe foi apontado como o principal motivo da gravidez, seguido da não utilização de métodos preventivos, falta de cuidados e planejamento com o companheiro, respectivamente. A percepção da gravidez relacionou-se com felicidade e realização pessoal. Os autores salientaram que os

resultados do estudo contrariaram a literatura, que caracteriza a gravidez na adolescência como indesejada ou precoce. Por outro lado, segundo os autores, não se pode afirmar se o desejo de ter um filho associou-se a uma tentativa de fugir do ambiente hostil a que muitas vezes as jovens estão submetidas ou se estava vinculado à auto-realização como mulher.

Associado a esses resultados, pode-se pensar que a motivação para engravidar poderia estar associada à necessidade de experimentação dos adolescentes (Ott, 2010), que motivaria a ocorrência de comportamentos exploratórios, vinculados a alguns riscos, entre eles a não utilização de métodos contraceptivos, que podem desencadear uma gravidez na adolescência (Benincasa et al., 2008).

Além disto, deve-se considerar que, apesar de muitas vezes ser tratada como um evento padrão, há diversas formas de significar a gravidez na adolescência, muito influenciadas pelo contexto, como destacado anteriormente, mas também pelo grupo de pares, pela família e pela classe social dos jovens (Cabral, 2003; Lerner & Galambos, 1998; Levandowski et al., 2008). O contexto social, mais especificamente, é um dos principais fatores que deve ser destacado, pois cada contexto pode diferir quanto às atribuições dos papéis sociais dos jovens (Neiverth & Alves, 2003), bem como em relação aos valores e às concepções dos mesmos sobre esse evento (Trindade & Menandro, 2002). Assim, as normas específicas de cada cultura e dos grupos sociais contribuem para que ocorram diferentes interpretações da gravidez na adolescência, podendo inclusive minimizar algumas das concepções mais negativas a seu respeito (Marsiglio, 1986). A visão da gravidez como um evento exclusivamente negativo também pode prejudicar o desenvolvimento de pesquisas e a atuação do psicólogo (Levandowski et al., 2008).

Ainda em relação ao contexto, podem ser visualizadas situações em que a gravidez não é vista como prejudicial para o adolescente, uma vez que tal evento pode ser uma consequência esperada, como ocorre nas camadas populares (Cabral, 2003). Nos casos em que a adolescente está exposta a situações de vulnerabilidade, por viver em uma realidade social com escassos recursos financeiros e emocionais, a gravidez pode ser percebida como uma das poucas expectativas de futuro (Ximenes Neto et al., 2007). Por exemplo, a pesquisa realizada por Gontijo e Medeiros (2008) mostrou que a experiência da maternidade foi considerada positiva para quatro meninas (que foram mães durante a adolescência, entre os 15 e 17 anos), que viviam em uma 'casa-lar' não-governamental, e tiveram experiência anterior de vida nas ruas. Os resultados desse

estudo apontaram que o filho representou a possibilidade de saída do espaço das ruas, pois, a partir da gravidez, começaram a morar em um abrigo, podendo conviver com a criança. Assim, a maternidade adolescente oportunizou um rompimento no círculo de perdas que caracterizavam suas trajetórias precedentes.

Outro componente, já mencionado acima, que pode contribuir para a aceitação da gravidez na adolescente é a união estável da gestante com o pai do bebê, o que implicaria que ela já teria condições de formar uma família e a gravidez seria considerada um evento natural (Silva & Tonete, 2006). Mesmo co-existindo sentimentos de insegurança, medos e despreparo quanto aos cuidados com o recém-nascido, que são questões típicas de uma gestação, haveria a possibilidade de a jovem adquirir responsabilidades, remetendo-as, em certa medida, à vida adulta (Folle & Geib, 2004). Como a existência simultânea de sentimentos diferenciados é característico da adolescência, pode-se pensar que a inclusão da maternidade nos projetos de vida pode estar relacionada com o imediatismo do adolescente, bem como a visualização de planos no presente ou em um futuro próximo e não, necessariamente, a longo prazo.

Contudo, é necessária uma maior reflexão sobre isto, na medida em que a gravidez pode não ser parte dos planos da jovem, nem de sua família e, inclusive, interromper os projetos que os familiares tinham para as adolescentes, principalmente no que concerne à escola (Folle & Geib, 2004). Todavia, alguns estudos apontaram que, após o anúncio da gravidez, é comum as famílias rapidamente se reorganizarem para apoiar a gestante e o pai adolescente, bem como fornecerem subsídios para o bebê. Conforme Silva e Tonete (2006), as trajetórias de vida de cada membro são ajustadas aos projetos familiares. Então, de acordo com esses autores, mesmo que a gravidez não fosse um plano coletivo, sua ocorrência pode levar a uma reformulação dos projetos de toda a família e isso pode ser percebido pelo apoio social que os familiares oferecem aos adolescentes, para que se mantenha a união do grupo familiar. Geralmente os adolescentes acabam recebendo apoio de suas famílias durante a gestação, o que influencia em sua decisão de interrompê-la ou não (Levandowski et al., 2008). Desse modo, pode haver um aumento da rede de apoio familiar durante a gestação, o que ocasionaria uma maior vinculação emocional do adolescente com sua família (Trindade & Menandro, 2002).

Outros estudos, que vão ao encontro desses achados, destacam que a gravidez pode contribuir para o distanciamento do adolescente das drogas, principalmente pela aquisição de

responsabilidades (Orlandi & Tonelli, 2005) e porque o jovem começa a pensar no filho e não apenas em si próprio. Outro elemento importante de se destacar é que a gravidez também poderia representar a possibilidade de diminuir a solidão do jovem (Levandowski, 2005). Isso pode estar associado aos aspectos psicológicos relacionados a esse fenômeno, como o desejo de engravidar, a experiência simbólica de renascimento e a possibilidade de o bebê preencher uma carência afetiva (Frizzo et al., 2005). Enfim, a gravidez também pode ser utilizada como uma estratégia de inserção no mundo adulto, principalmente para os adolescentes de níveis sócio-econômicos desfavorecidos, em que essa seria uma das únicas possibilidades de alcançar rapidamente o *status* de adulto (Frizzo et al., 2005; Silva & Tonete, 2006), embora seja importante considerar que, mesmo ao assumir a maternidade, nem sempre as adolescentes conseguem atingir a condição de adulto, principalmente por não terem cumprido tarefas de seu desenvolvimento relacionadas à escolarização, à obtenção de um emprego, além da falta de maturidade afetivo e social (Amazarray, Machado, Oliveira & Gomes, 1998).

Frente às considerações descritas acima, é importante pontuar que, com estes estudos revisados, não se tem o intuito de fazer uma apologia à gravidez na adolescência, considerando-a positiva e sem repercussões à vida desse jovem. Pelo contrário, ao não se priorizar apenas as consequências negativas da gravidez na adolescência, almeja-se considerar as representações que perpassam esse evento, para que se obtenha uma melhor compreensão sobre o mesmo e se possa intervir em políticas públicas que permitam decisões mais conscientes por parte dos jovens.

### **Caracterizando a Paternidade**

Por muito tempo, um significativo número de pesquisas sobre a paternidade justificava-se através das consideráveis lacunas na literatura sobre esse tema, ainda mais em comparação à maternidade. Ainda hoje, muitos artigos destacam essa relativa carência acadêmica, embora deva ser questionada frente à crescente produção de estudos sobre a paternidade, sobretudo nos últimos 20 anos (Nelson, 2004). Entretanto, especificamente quanto à adolescência, percebe-se que o enfoque é ainda pequeno, sendo poucos os estudos sobre essa temática no Brasil.

Considerando que a adolescência seria o momento para o jovem estabelecer seus projetos de vida, é importante se pensar como a vivência da paternidade pode influenciar nesse processo. Como já salientado acima, foram encontrados poucos estudos sobre projetos de vida na literatura



brasileira e a associação deste tema com a paternidade adolescente não foi encontrada em nenhuma publicação. Assim, nesta seção busca-se expor as pesquisas que investigam paternidade adolescente e suas conseqüências, bem como os fatores que podem influenciar sua vivência e, em particular, os projetos de vida do jovem. Assim, de uma maneira indireta, almeja-se expor possíveis relações entre a paternidade e os projetos de vida de adolescentes.

A fim de melhor entender a divisão dos papéis de pai e mãe no interior da família é importante considerar as mudanças ocorridas no decorrer da história ocidental (Castoldi, 2002). Desse modo, diversos autores apontam que as mudanças sociais que ocorreram a partir das décadas de 60 e 70 despertaram o interesse por estudos sobre a paternidade. Pode-se considerar, por exemplo, as repercussões do movimento feminista às novas definições sociais, que contribuíram para a entrada da mulher no mercado de trabalho e para o aumento da sua participação na renda doméstica. Paralelamente a este processo, ocorreu um aumento no número de divórcios, famílias monoparentais e pais que não residem com seus filhos (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Jain, Belsky & Crnic, 1996; Monteiro & Cardoso, 2001; Silva, 2003, 2007; Trindade, Andrade & Souza, 1997). Desse modo, as mudanças sociais tem levado à flexibilização do papel do homem na família e na sociedade (Hennigen & Guareschi, 2002).

Assim, as mudanças no papel do pai no interior da família influenciaram a realização de pesquisas sobre a paternidade. Por muito tempo, a importância do pai ao desenvolvimento psicológico da criança foi desconsiderada em prol do relacionamento da mãe com a criança (Elster & Lamb, 1986). Até meados da década de 70, as funções do pai para a família focavam na sua contribuição para o provimento e o sustento econômico, sendo pouco esperada sua participação no desenvolvimento dos filhos (Lewis & Dessen, 1999). A partir dos anos 70, começou se reconhecer o papel do pai durante a gravidez e que não apenas a mãe ficava grávida, embora essas mudanças continuem sendo lentas (Parke, 1996). Já na década de 80, estudos começaram a mostrar que o pai era importante para o filho desde seu nascimento, uma vez que o bebê percebe o pai já nos primeiros dias de vida (Maldonado, Dickstein & Nahoum, 1997). Por exemplo, atualmente, já se sabe que o bebê é capaz de partilhar sua atenção na presença de seu pai e sua mãe e não apenas da mãe (Wendland, 2001). Deve-se ressaltar que, mais especificamente em relação à gestação, é comum os pais terem mais dificuldades do que as mães de vincularem-se com o filho, uma vez

que não o sentem dentro de si. Então, é comum que a formação do vínculo com o bebê seja mais consolidada a partir do nascimento, convivência e desenvolvimento do filho (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004).

Estas novas idéias impulsionaram a realização de pesquisas que têm investigado, através de observações e diários de campo, como são os comportamentos dos pais com os filhos (Parke, 1996; Silva, 2007; Silva & Piccinini, 2007). Parte desta literatura utiliza nestas investigações o conceito de envolvimento paterno, que foi proposto inicialmente por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) e é composto por três dimensões: interação, acessibilidade e responsabilidade. A interação se refere ao contato direto com o filho e às atividades compartilhadas com o mesmo. Já a acessibilidade refere-se à disponibilidade ou presença do pai para a criança, a qual possibilita que ocorram interações entre ambos. Por fim, a responsabilidade abrange os cuidados e os recursos necessários que o pai oferece para que a criança tenha bem-estar e saúde apropriados. A partir de uma revisão de literatura sobre os níveis, origens e conseqüências do envolvimento paterno, Pleck (1997) ressaltou que as pesquisas mostraram um aumento do envolvimento paterno nas últimas três décadas do século XX. Contudo, o envolvimento varia conforme o contexto em que o pai se insere e ainda não pode ser pareado com o envolvimento das mães. Além disso, Pleck (1997) salienta que a interação entre os três aspectos do envolvimento paterno é mais importante do que cada um deles separadamente.

Relacionado ao conceito de envolvimento paterno, o conceito de parentalidade tem sido também utilizado por alguns autores. De acordo com Houzel (2004), a parentalidade é um processo complexo e não está sujeito à dimensão biológica de ser pai, mas ao processo de vir a ser, ou seja, de constituir-se como pai. A fim de melhor compreender a parentalidade, Houzel dividiu-a em três eixos: exercício, experiência e prática da parentalidade. O primeiro eixo está relacionado com os direitos e deveres dos pais, como, por exemplo, os laços de parentesco e as leis da sociedade que o indivíduo se insere. Esse eixo se aproxima da antropologia, principalmente por abarcar questões jurídicas. No plano psíquico, o exercício da parentalidade relaciona-se com as normas que organizam o funcionamento psíquico, por exemplo, o tabu do incesto. Já a experiência da paternidade engloba as questões subjetivas dos papéis parentais, tanto em relação à dimensão do desejo de ter um filho, como em relação ao processo de transição à parentalidade (parentificação). Por fim, as tarefas físicas e psíquicas que os pais executam junto aos seus filhos,

no dia-a-dia, constituem a prática da parentalidade. Como exemplos podem-se citar as brincadeiras, atividades físicas, cuidados e interações (comportamentais, fantasmáticas e simbólicas) entre pais e filhos.

Mesmo com o surgimento de conceitos mais específicos às funções do pai, alguns autores apontam que o papel paterno encontra-se em um processo de redefinição, em que co-existe a função tradicional do pai como provedor, com as demandas de um pai mais presente, que tenha um maior envolvimento e uma maior participação nos cuidados com o filho (Bustamante, 2005; Castoldi, 2002; Gomes & Resende, 2004; Wagner et al., 2005). Em consonância com essa idéia e, a fim de investigar quais seriam as possíveis modificações nas representações masculinas da paternidade e das práticas parentais, Trindade et al. (1997) realizaram uma pesquisa com 80 homens que se tornaram pais na década de 60 e na de 80, com diferentes níveis de escolaridade. Entre os resultados, pôde-se visualizar o predomínio das representações e dos papéis parentais tradicionais, embora os participantes relatassem uma maior interação e um envolvimento mais afetivo com os filhos. Os homens com maior escolaridade e que se tornaram pais na década de 80 foram os que descreveram maiores mudanças.

Esses dados parecem indicar a existência de diferentes representações sobre a paternidade, mesmo que sejam crescentes as novas atribuições do pai no interior da família e no desenvolvimento dos filhos. Do mesmo modo, Lewis e Dessen (1999) assinalaram o cuidado que se deve ter ao estudar a paternidade, uma vez que qualquer pesquisa deve considerar que em poucas sociedades os pais se responsabilizam pelo cuidado rotineiro das crianças. O que, conforme Lamb e Elster (1986), deve-se à maior frequência do envolvimento materno em situações de interação que envolvam afeto e estimulação. Lewis e Dessen (1999) também ressaltam que as demandas do trabalho, as tênues negociações dos genitores sobre o que concerne ao pai na família, bem como a pequena recompensa pela sua participação nos cuidados com as crianças fazem com que os homens continuem distantes do universo familiar. Então, os autores sinalizaram que as diferenças entre o pai e a mãe no cuidar e educar as crianças mantém o estereótipo negativo do papel masculino no contexto familiar.

Desse modo, Lewis e Dessen (1999) também apontaram que as pesquisas sobre a paternidade devem investigar quem são os pais e quais são seus papéis em cada cultura. Particularmente no Brasil, os autores assinalaram a necessidade de considerar os diversos

contextos sociais existentes, as características demográficas das famílias, o tempo dedicado aos filhos e o nível de envolvimento com os mesmos. Entretanto, esses autores não fizeram considerações ao homem e às mudanças em sua vida diante do nascimento dos filhos. É comum os estudos enfocarem a criança, o envolvimento do pai com a mesma e o seu papel no interior da família, mas é difícil encontrar pesquisas que focalizem como é a vivência da paternidade para o pai e quais as conseqüências disso para a sua vida.

### **A paternidade na adolescência**

Como exposto anteriormente, é menor o número de estudos sobre a paternidade, em comparação com aqueles que enfocam a maternidade. Alguns autores consideram que esse fato representa, em certa medida, uma recusa social da paternidade, pois os dados sobre os pais são freqüentemente omitidos de pesquisas científicas e de estatísticas do governo (Trindade & Bruns, 1998; Trindade & Menandro, 2002). Embora seja crescente o número de estudos sobre a paternidade, a produção é ainda pequena em relação à paternidade na adolescência (Nelson, 2004). A baixa incidência de estudos sobre a paternidade adolescente foi destacada por Levandowski (2001a) em sua revisão sobre esse assunto na literatura internacional. Entre os estudos encontrados, diversos salientavam problemas, preocupações, fatores de risco e estresse atrelados à paternidade adolescente, a qual seria concebida como uma vivência negativa, devido aos prejuízos a ela associados. Contudo, para Cabral (2003), o entendimento da paternidade adolescente como desvantagem ou problema social associa-se à visão da adolescência como uma etapa de preparação à vida adulta, em que o jovem deveria dedicar-se à escolarização. Em consonância com essas idéias, Hardy e Duggan (1988) salientaram que o menor número de estudos sobre a paternidade na adolescência indicaria uma desvantagem para este público, pois um aumento de informações auxiliaria na elaboração de programas preventivos e, frente à ocorrência da gravidez, teria um impacto positivo no relacionamento pai-bebê, bem como poderia minimizar os preconceitos sociais associados a este fenômeno. Enfim, a imagem estereotipada da gravidez na adolescência muitas vezes limita a heterogeneidade de representações desse fenômeno (Camarena, Minor, Melmer, & Ferrie, 1998).

Quanto à produção nacional sobre a gravidez na adolescência, Venturini, Freitas e Piccinini (2010) realizaram um levantamento com os indexadores “gravidez”, “adolescência” e

“adolescente” a fim de avaliar todas as dissertações e teses com esses indexadores, publicadas no Banco de Teses da Capes, nos últimos 20 anos. Após serem excluídos os resumos repetidos, os que apresentavam dados insuficientes para análise, os que não apresentavam o tema gravidez na adolescência em seus objetivos nem em seus resultados ou, ainda, não apresentavam resumos, totalizou-se 336 resumos. Esses foram avaliados em nove categorias (estabelecidas a partir da leitura prévia dos mesmos). Apesar de ser crescente o número de trabalhos sobre a gravidez na adolescência nas últimas décadas, a produção é ainda pequena, frente a todas as possíveis compreensões desse fenômeno nas diferentes áreas do conhecimento. Além disso, o número de resumos cujos participantes envolviam pais adolescentes foi expressivamente menor (19) do que aqueles que investigaram mães e gestantes adolescentes (189).

O pequeno destaque à participação do pai especialmente durante a gestação, de acordo com Thompson e Crase (2004), está relacionada à ênfase nas questões da gestante e da saúde do bebê, tornando o pai praticamente invisível nesse período. Além disso, a associação naturalizada entre gravidez e maternidade na adolescência, muitas vezes utilizados como sinônimos, parece refletir a valorização da mulher como figura cuidadora e responsável pela educação dos filhos (Thompson & Crase, 2004; Trindade & Bruns, 1988). Do mesmo modo, como as maiores atenções voltam-se para a gestante e o bebê, dificilmente há o interesse no pai e nos seus sentimentos durante a gestação (Piccinini et al., 2004). Assim, como a gestação é predominantemente estudada em uma perspectiva feminina (Cabral, 2003), é provável que ocorra uma naturalização dessa associação, mesmo que a paternidade represente metade da concepção (Thompson & Crase, 2004), e os pais adolescentes também sejam responsáveis pela gestação (Ott, 2010).

Além disso, as expectativas da gravidez, sua vivência e a chegada do primeiro filho são intensas e trazem conseqüências não apenas a vida das mulheres, como também a dos homens (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Ott, 2010). E, para que ocorra um maior envolvimento com o filho, é importante o pai adolescente fazer parte do processo da gravidez, desde o anúncio da chegada do bebê (Miller, 1997), mesmo que alguns autores considerem que a transição efetiva à paternidade comece apenas com o nascimento da criança e vá ocorrendo progressivamente, através das habilidades que o pai vai adquirindo no convívio diário com o bebê (Belsky & Miller, 1986).

Assim, percebe-se que, mesmo sendo um tema relevante e que merece atenção, a paternidade na adolescência é um campo de estudo com questões ainda não exploradas. Desse modo, a seguir são examinados diversos fatores associados à paternidade na adolescência, entre os quais se incluem: as possíveis repercussões da paternidade ao desenvolvimento do adolescente e as diferenças na vivência da paternidade na etapa da adolescência inicial e tardia. Além disso, serão discutidas questões sobre como os adolescentes aprendem a ser pais, a sobrecarga de tarefas que podem ocorrer ao pai adolescente, bem como a prontidão à paternidade e a antecipação de papéis de adultos. A identificação dos adolescentes com seus pais e familiares, bem como possíveis repetições da trajetória familiar, sobretudo quanto à escola e à situação econômica, são outros temas levantados pela literatura que merecem atenção. Por fim, será discutida a importância da rede de apoio social e de programas assistenciais específicos para o pai adolescente.

Um aspecto importante apontado pela literatura é que pouco se sabe sobre os efeitos da paternidade na adolescência no desenvolvimento posterior dos adolescentes (Montemayor, 1986). A adolescência é retratada como um período de transição, instabilidade, experimentações e irresponsabilidades (Levandowski & Piccinini, 2006; Orlandi & Tonelli, 2005), diferentemente da paternidade, que está atrelada às idéias de maturidade e de responsabilidade, de modo que não se espera que o adolescente se torne pai (Belsky & Miller, 1986; Esteves & Menandro, 2005; Petersen, 1988). Assim, frequentemente, os estudos relacionam a paternidade adolescente a um fenômeno indesejável e precoce (Levandowski, 2001a; Montemayor, 1986; Orlandi & Tonelli, 2005), principalmente porque os adolescentes ainda estão vivendo mudanças corporais, consolidação da identidade sexual, conflitos de valores e escolhas vocacionais e de papéis sociais (Teti & Lamb, 1986). Por outro lado, algumas pesquisas mostraram que nem sempre há essa associação, já que a paternidade em adolescentes pode não apresentar diferenças significativas em relação à paternidade em adultos (Levandowski & Piccinini, 2006) e, ainda, pode não ser concebida como um problema, sendo almejada e parte do projeto de vida de alguns adolescentes (Lima et al., 2004).

Como os adolescentes não são um grupo de desenvolvimento homogêneo, não se pode considerar a adolescência como uma fase única, sendo que alguns pesquisadores a dividem em adolescência inicial e tardia, uma vez em que há diferenças sociais, psicológicas e biológicas entre o que se vive próximo da puberdade, em comparação com o que se aproxima da idade adulta

(Montemayor, 1986). Em relação à paternidade, Teti e Lamb (1986) apontaram que também haveria diferenças entre os jovens que a vivenciam no início ou no final da adolescência. De acordo com esses autores, pesquisas demonstraram que até os 14 ou 15 anos, os adolescentes do sexo masculino têm mais dificuldades de diferenciar comportamentos sociais dos bebês e que essas diferenças desapareceriam em torno dos 18 ou 19 anos.

Além disso, a imaturidade cognitiva do adolescente pode dificultar a ele conseguir traçar planos ou metas para o futuro, centrando-se mais no presente (Elster & Hendricks, 1986), uma vez que os adolescentes geralmente têm dificuldades em organizar o dia-a-dia em agendas ou outras vias e de criar planos a curto e, principalmente, a longo prazo (Montemayor, 1986; Levandowski & Piccinini, 2006). Quanto à paternidade, a imaturidade cognitiva pode dificultar que o pai adolescente visualize as necessidades do bebê e organize-se para cuidá-lo (Levandowski, 2001a, 2001b; Levandowski & Piccinini, 2002). Além disso, outros autores consideram que os pais adolescentes dificilmente teriam competências necessárias para instruir e, inclusive, controlar suas crianças (Fagot, Pears, Capaldi & Crosby, 1998). Esses fatos estão relacionados ao pouco conhecimento que os jovens têm sobre o desenvolvimento das crianças (Belsky & Miller, 1986; Levandowski & Piccinini, 2006) e, além disso, o desenvolvimento cognitivo dos adolescentes pode interferir na forma como eles irão responder às demandas da criança, bem como influenciar na percepção dos mesmos sobre o papel parental (Lamb & Elster, 1986; Levandowski & Piccinini, 2002).

Desse modo, pode-se pensar que a paternidade na adolescência inicial, de modo geral, seria mais difícil de ser vivenciada, se comparada com a que ocorre na adolescência tardia. Deve-se considerar que não raro a gravidez na adolescência ocorre com as meninas a partir dos 11 anos, mas esse fato é menos freqüente com os meninos, uma vez que, tipicamente, os pais adolescentes são, pelo menos, dois ou três anos mais velhos do que as mães adolescentes (Belsky & Miller, 1986; Miller, 1997; Wang & Chou, 2001). Em geral, esse dado se amplia, quando as mães são adolescentes, como apontam Landry e Forrest (1995). Estes autores indicaram, através da análise *National Maternal and Infant Health Survey* de 1988, que nos Estados Unidos, a cada cinco mães com idades entre 15 e 17 anos, uma tem um parceiro com pelo menos seis anos a mais. Males e Chew (1996) reforçaram essa diferença, após análise de dados do *California Center for Health Statistics* de 1993, a qual amostrou que metade dos pais Californianos eram, no mínimo, três anos

mais velhos do que as mães adolescentes. Apesar de não serem dados atuais, parece não terem ocorrido mudanças expressivas nesse aspecto, embora deva-se salientar que esses dados não são concludentes, pois é freqüente a omissão ou o preenchimento incorreto dos dados sobre os pais nas certidões de nascimentos das crianças ou em dados hospitalares – fichas que são geralmente respondidas pelas mulheres (Dallas, 2004), inclusive na realidade brasileira.

De acordo com Woodward, Fergusson e Horwood (2006), tanto pela tendência em haver um adiamento da paternidade em países desenvolvidos e nas classes mais favorecidas, como pelos pais serem comumente mais velhos que as gestantes, justifica-se que os estudos atuais sobre a paternidade precoce incluam adolescentes e pais jovens com até 25 anos. No estudo realizado por Woodward et al. (2006) com 1055 pessoas (entre homens e mulheres) com idades entre 16 e 25 anos, buscou-se examinar possíveis diferenças de gênero na paternidade e maternidade precoces. A principal diferença apontou que a propensão de as mulheres se tornarem mães foi duas vezes maior do que os homens, nesse intervalo etário.

Outra explicação possível para a diferença na idade dos pais e das mães adolescentes pode estar vinculada à iniciação sexual dos adolescentes. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde (2000) sobre o comportamento sexual da população brasileira apontou uma queda no início da vida sexual tanto das mulheres como dos homens, com idades entre 16 e 19 anos, entre os anos de 1984 e 1998. Os resultados da pesquisa apontaram que as adolescentes ainda começam a vida sexual mais tardiamente (em média aos 15 anos) se comparadas com os adolescentes (em média aos 14 anos). Entretanto, entre os anos investigados, foi maior a mudança nas mulheres, em relação à proporção da iniciação sexual. Além disso, Teixeira, Knauth, Fachel e Leal (2006) utilizaram dados da pesquisa Gravidez na Adolescência: Estudo multicêntrico sobre Jovens, sexualidade e reprodução no Brasil (GRAVAD), que se estruturou em um estudo transversal, realizado em 2002, com amostragem probabilística estratificada, representativa dos jovens de 18 anos a 24 anos, de ambos os sexos, nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Os resultados desse estudo mostraram que a primeira e as demais relações sexuais das adolescentes freqüentemente ocorreram com adolescentes mais velhos, bem como as relações sexuais dos adolescentes ocorreram com parceiras da mesma idade ou mais novas. Em consonância com esses dados, Wang e Chou (2001) apontaram que ter parceiros mais velhos também poderia antecipar a iniciação sexual das adolescentes mais novas.



Mais especificamente em relação à iniciação sexual masculina e suas representações, Leal e Knauth (2006) entrevistaram 62 jovens do sexo masculino, com idades entre 18 e 24 anos, residentes nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Os participantes foram classificados como pertencentes às classes populares (40) e às classes média e alta (22) e responderam questões sobre o início da sua vida sexual. Os resultados revelaram que a primeira experiência sexual foi considerada um momento social importante, mas não isolado, pois se incluiu no processo de tornar-se homem, envolvendo um aprendizado social e corporal, os quais são demarcadores importantes na transição à vida adulta. Além disso, os autores salientaram que as maiores diferenças nessa experiência vinculavam-se à classe econômica e social da pessoa, principalmente no que se refere aos modelos de masculinidade. Por outro lado, Coley e Chase-Lansdale (1998) revisaram pesquisas cujos enfoques eram a atividade sexual da adolescência, a gravidez e a paternidade e encontraram poucos estudos que se preocupavam em entender as representações e as questões psíquicas dos adolescentes vinculadas a essas questões. Os autores apontam que, além da literatura pouco explorada, os preditores psicológicos relacionados à paternidade adolescente e os efeitos desse fenômeno sobre a vida emocional dos jovens são temas ainda menos pesquisados.

Nessa mesma direção, Cabrera et al. (2000) advertem que se sabe muito pouco sobre como os homens aprendem a ser pais, pois as pesquisas sobre a paternidade normalmente consideram a relevância do papel do pai para a criança e excluem a bidirecionalidade da relação pai-filho. Além disso, questões sobre a influência da fase do desenvolvimento da criança sobre a paternidade dificilmente são consideradas, mesmo que se saiba que, à medida que a criança vai crescendo, o pai também vai mudando e se desenvolvendo. Enfim, há algumas idéias, padrões de comportamento e competências que são esperadas que os homens executem, mas a forma como elas interagem para constituir a paternidade também é pouco conhecida. Os autores concluíram que as pesquisas sobre como ocorre o desenvolvimento da paternidade são complicadas por não haver um conjunto de tarefas desenvolvimentais que abarquem o que são as competências e o que se espera de suporte paterno para todos os homens, principalmente se for considerada a paternidade fora do modelo tradicional da família nuclear. Pode-se pensar que a paternidade na adolescência estaria incluída nessa categoria, em que o nascimento de um filho ocorre em um momento pouco esperado do desenvolvimento.

Relacionado a esse dado, os adolescentes geralmente têm menos informações sobre a paternidade, em relação à maternidade, e têm mais dificuldades de aprender sobre cuidados com o bebê em manuais ou livros. Além disso, os meninos raramente brincam com bonecas ou casinhas, como é o caso das meninas, as quais vão fantasiando o exercício do papel materno desde pequenas (Levandowski & Piccinini, 2006). Assim, a paternidade envolveria a interpretação dos gestos sutis do bebê e a organização das tarefas de cuidado com o filho (Montemayor, 1986). Então, o conjunto desses elementos, aliado ao desenvolvimento cognitivo influenciaria na vivência e na aceitação da paternidade.

Em consonância com essas idéias, encontra-se outro aspecto também destacado pela literatura, que é a falta de preparo psíquico do adolescente para se tornar pai. Estudo realizado por Cabral (2003) com 15 adolescentes moradores em uma favela no Rio de Janeiro mostrou que os jovens avaliaram que a gravidez não ocorreu em um momento oportuno, principalmente por não terem condições financeiras suficientes para manter o filho e a parceira. Todavia, mesmo que avaliassem como sendo cedo o momento que tiveram o filho, os jovens não relataram arrependimento e avaliaram a paternidade como um evento positivo para suas vidas.

Como a paternidade é um acontecimento associado aos homens adultos, tornar-se pai durante a adolescência é muitas vezes um evento involuntário (Cabrera et al., 2000), sendo considerado um evento desconexo do curso de vida esperado para os jovens (Belsky & Miller, 1986). Além disso, requer que o jovem cumpra às exigências da adolescência e da paternidade ao mesmo tempo, o que pode desencadear estresse e causar uma grande sobrecarga de tarefas (Belsky & Miller, 1986; Elster & Lamb, 1986; Levandowski, 2001 b; Miller, 1997). Marsiglio (1986) considera que o estresse vinculado à paternidade na adolescência relaciona-se à árdua conciliação entre as tarefas típicas dessa etapa, como a escolarização, e a assunção dos papéis de pai e, muitas vezes, de esposo. Mesmo que o aumento do nível de estresse e a ansiedade sejam considerados esperados para a adolescência, alguns pais adolescentes apresentam dificuldades, imaturidade psicológica ou suporte social restrito, que levam a uma crise maior (Elster & Hendricks, 1986). Partindo dessas idéias, há autores que consideram que a vivência simultânea das tarefas da adolescência e da paternidade envolveria duas crises do desenvolvimento interligadas (Belsky & Miller, 1986; Elster & Hendricks, 1986; Levandowski, 2001a; Levandowski & Piccinini, 2006; Teti & Lamb, 1986; Thompson & Crase, 2004). Desse modo, a paternidade pode limitar ou

interromper oportunidades de vida, bem como antecipar algumas funções (marido, pai) e afetar consideravelmente o desenvolvimento da identidade do adolescente (Montemayor, 1986).

Outro fator associado às diversas tarefas da adolescência que o jovem está vivenciando e ainda terá que vivenciar engloba a prontidão à paternidade. A literatura frequentemente aponta que a sobrecarga de tarefas leva a uma menor prontidão do adolescente para ser pai, uma vez que o jovem vive uma dicotomia entre ser pai e ser adolescente (Belsky & Miller, 1986; Coley & Chase-Lansdale, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Levandowski, 2001a; Montemayor, 1986; Teti & Lamb, 1986; Trindade & Bruns, 1999). A ambivalência dos pais adolescentes pode ser atribuída ao desenvolvimento do papel sexual, uma vez que na adolescência desenvolve-se a identidade sexual e é comum os homens distanciarem-se e serem mais hostis frente às tarefas ou ações que remetam a um estereótipo de feminino, sentindo-as como ameaçadoras à consolidação da sua identidade de gênero. Além das pressões do grupo de pares, a necessidade de adquirir a identidade leva à penosa ambivalência entre a adolescência e a paternidade. Associado à ambivalência, há o desejo de autonomia, de distanciar-se dos pais e aproximar-se de um grupo de amigos, a qual frequentemente se opõe à prontidão à paternidade. Desse modo, a autonomia do adolescente pode ser dificultada pela paternidade, a qual geralmente ocasiona o casamento ou a coabitação com a gestante.

Assim como o contato com o bebê, o envolvimento paterno, proposto por Lamb et al. (1985) e a parentalidade, proposto por Houzel (2004), há outros fatores que perpassam a qualidade do vínculo afetivo e da interação entre o pai e o filho. Por notável tempo, considerou-se que as características do pai seriam as únicas responsáveis pela qualidade do relacionamento com o bebê, mas, atualmente, sabe-se que fatores ambientais e características da criança influenciam nessa relação. Por exemplo, o humor fácil de alguns bebês pode facilitar a interação com os pais (Lamb & Elster, 1986; Levandowski & Piccinini, 2002). A rede de apoio social, o conhecimento do pai sobre o desenvolvimento infantil, as aquisições cognitivas dos adolescentes e a capacidade de lidar com o estresse relacionado à situação de cada gravidez também contribuem para a qualidade do vínculo e do envolvimento que o pai terá com o filho.

Outros elementos que influenciam na interação do pai com o bebê são: a qualidade da relação do pai com a gestante (Lamb & Elster, 1986) e o relacionamento que o pai do bebê estabelece com a família dela (Gavin et al, 2002; Miller, 1997). Em relação ao primeiro elemento,

Belsky e Miller (1986) ressaltam que a natureza da relação que o pai tinha com gestante, antes da concepção, sofre influência da duração e se eles eram namorados ou não. Os autores também concordam que o relacionamento que o pai adolescente estabelece com a família de origem da mãe do bebê pode incentivá-lo ou afastá-lo do contato com a criança. Para Gavin et al. (2002), a qualidade do relacionamento do pai adolescente com a avó materna, sobretudo se residem conjuntamente, também pode influenciar em seu envolvimento com o filho. Para Marsiglio (1986), mesmo que os pais adolescentes tenham interesse na paternidade e em assumir as responsabilidades pelo filho, é comum eles optarem por não viver com o mesmo, porque isso implicaria em residir também com a mãe da criança. Miller (1986) aponta que uma das possíveis causas para o distanciamento ou término da relação com a parceira, o que pode levar também a um afastamento do bebê, deve-se à dificuldade de os jovens pais conseguirem conciliar os papéis de adolescente e de pai, ao mesmo tempo. Desse modo, percebe-se que o envolvimento com a mãe do bebê é um dos elementos fundamentais para a prontidão à paternidade e pode dimensionar a proximidade e o papel que o pai terá no desenvolvimento da criança.

Um ponto a ser considerado é que freqüentemente os pesquisadores afirmam que a gravidez ocasiona transformações na vida do adolescente, podendo influenciar em seus projetos de vida, na vivência de situações rotineiras, bem como nas diferentes oportunidades que podem surgir. Desse modo, uma das maneiras de compreender quais seriam essas mudanças é comparar as vivências dos pais adolescentes com outros adolescentes, da mesma faixa etária, que não tiveram tal experiência. Partindo desse pressuposto, Esteves e Menandro (2005) apontaram que seriam encontradas diferenças significativas nas histórias de vida de mulheres que foram mães na adolescência, se fossem comparadas com um grupo de amigas, da mesma faixa etária, que conviviam com essas mulheres e não se tornaram mães. Desse modo, os autores sugeriram a realização de estudos que comparem tais grupos para compreender quais seriam essas diferenças.

Nesta direção, o estudo de Thompson e Crase (2004) investigou possíveis diferenças quanto às variáveis sócio-emocionais e à visão da paternidade entre 15 homens americanos que tiveram filhos de mães adolescentes, com 15 amigos que não tiveram filhos e com 15 mães adolescentes. Foram realizadas entrevistas individuais com os participantes e a aplicação de instrumentos que avaliavam diversos aspectos, tais como: depressão, suporte social satisfação parental e satisfação global com a vida. Entre os resultados, destacou-se que os pais apresentaram

escores significativamente menores que seus amigos quanto ao bem-estar sócio-emocional, ao apoio social e quanto à satisfação global com a vida, mas não houve diferenças significativas entre os grupos quanto aos escores de depressão, satisfação com os amigos e intimidade. Os pais e as mães adolescentes apenas apresentaram diferenças nos escores da satisfação global com a vida; nos demais escores não houve diferenças significativas e, em geral, os pais tiveram escores mais baixos. Considerando estes resultados, os autores apontaram a necessidade de programas e políticas que ofereçam suporte aos pais, a partir de mudanças nas leis e na visão social da paternidade, o que contribuiria para uma melhor interação entre eles e as crianças.

Programas que abarquem os adolescentes do sexo masculino ou aqueles que já se tornaram pais já eram apontados como necessários na década de 80. Rivara, Sweeney e Henderson (1987) ressaltaram a importância de incluir não só a jovem, mas também o jovem nos programas de planejamento familiar, prevenção e orientações sobre a gravidez na adolescência. Tais autores realizaram um estudo comparativo entre 67 pais adolescentes com outros 77 adolescentes que não eram pais e que viviam nos Estados Unidos, em um mesmo meio sócio-cultural e com condições econômicas semelhantes. O estudo mostrou que o risco de repetir a paternidade foi maior no primeiro grupo, depois de transcorridos 20 meses. Os pais que tiveram outro filho nesse período relataram relações familiares distantes e compartilhavam modelos familiares de gravidez na adolescência, em que era freqüente ocorrer uma antecipação dos papéis da idade adulta.

A respeito das semelhanças entre as características dos pais adolescentes com seus pais e com suas famílias, Cabral (2003) citou que freqüentemente os adolescentes repetem as trajetórias de seus pais, notadamente no que concerne ao baixo grau de escolaridade e em profissões com baixa remuneração. Em conformidade com essa idéia, Marsiglio, Hutchinson e Cohan (2000) apontaram que a vontade de ser pai e a percepção da paternidade se relacionam com a maneira pela qual os homens visualizam os seus próprios pais e a relação que tinham com os mesmos. Assim, a partir das experiências positivas e negativas com seus pais, os jovens constroem os seus ideais de paternidade, podendo repetir suas ações ou recriar uma experiência com uma maneira própria de cuidar dos filhos (Trindade & Bruns, 1998). Do mesmo modo, Fagot et al. (1998) assinalaram que as práticas educativas parentais da família do adolescente são transmitidas para o filho e influenciam nas formas pelas quais o mesmo irá comportar-se diante de seu bebê. Contudo,

para Miller (1997), além da família de origem, o grupo de pares influenciaria nas expectativas e comportamentos que os pais adolescentes irão assumir diante da paternidade.

Ainda em relação às influências familiares e do contexto na criação de modelos de identificação para o adolescente, Teti e Lamb (1986) citaram os estereótipos que são internalizados pelas crianças, desde a tenra idade, em que as mulheres seriam mais sensíveis e responsáveis pela organização familiar e aos homens caberiam as tarefas laborais. Ao chegar à adolescência e defrontar-se com as questões de definição da identidade sexual, o adolescente seriam influenciados por essa divisão, sendo mais difícil para o menino, em comparação com a menina, assumir um papel sexual, já que os mesmos geralmente apresentariam mais ansiedades e seriam menos flexíveis à aquisição do papel sexual. Assim, para esses autores, os adolescentes teriam um menor contato com o filho, por esta tarefa estar relacionada à mulher e poderia comprometer o estereótipo da masculinidade. Além disso, se os pais dos adolescentes são ausentes no plano afetivo e responsabilizam-se preferencialmente pelo provimento econômico, há mais chances do jovem pai seguir esse modelo de identificação e agir com o filho de maneira semelhante àquela que o pai agiu com ele (Teti & Lamb, 1986). De acordo com Montemayor (1986), os fatores familiares, mais particularmente a identificação do adolescente com seu pai, são os modelos de identificação mais influentes para o adolescente. Assim, são maiores as dificuldades em assumir os papéis de pai e marido para aqueles adolescentes que têm uma identidade difusa, podendo levá-los a disputar com o bebê as atenções da mãe e dos demais familiares.

Atrelada às características da família de origem, as questões econômicas podem influenciar na maneira como o adolescente irá perceber a paternidade, bem como no exercício da mesma. Nesse sentido, Fagot et al. (1998) realizaram entrevistas com 194 adolescentes (34 que já eram pais e 160 que não eram pais) e seus genitores, todos residentes nos Estados Unidos. Os resultados revelaram que os adolescentes que tinham menos recursos financeiros foram os que apresentaram mais chances de se tornarem pais. Para os autores, os jovens com mais recursos sentiam que tinham mais a perder com a paternidade do que os demais, o que os levava a utilizar métodos contraceptivos com mais frequência. Os demais jovens visualizavam a paternidade de uma maneira mais positiva, considerando-a uma possibilidade de melhorar suas vidas, devido à conquista do papel de adultos.

A antecipação de papéis adultos através da paternidade na adolescência também é ressaltada por outros autores (Dadoorian, 2003; Marsiglio, 1986; Teti & Lamb, 1986), os quais apontaram que, força uma transição inesperada à vida adulta, em diversos casos também antecipando o papel conjugal. Terminar a escola, ter um emprego e casar seriam conquistas esperadas para o final da adolescência, ou seja, haveria uma organização social que definiria o que concerne a cada fase e o que determinaria a passagem de uma fase para outra (Montemayor, 1986, Oliveira, 2008). Então, a paternidade na adolescência seria responsável pela alteração no ciclo esperado, por causar uma antecipação no exercício de algumas funções da vida adulta e ocorrer antes que os adolescentes terminassem o processo de escolarização e tivessem bons empregos. Elster e Hendricks (1986) reforçam essa idéia, ao apontarem que as dificuldades da paternidade na adolescência estão particularmente relacionadas com a antecipação do papel de adultos em jovens que não estão psicologicamente preparados para essas funções. Por outro lado, além de incitar a transição à vida adulta, Cabral (2003) aponta que a paternidade na adolescência poderia consolidar tal passagem, ao implicar um aumento de responsabilidades, na necessidade de o jovem encontrar meios para provimento, bem como no despertar de seriedade e de maturidade.

Associada à antecipação do papel de adulto, o pai adolescente sofre pressões para sustentar o bebê e a gestante, fato que pode levá-lo a abandonar a escola ou dificultar a sua permanência na mesma. Para Fagot et al. (1998), o baixo desempenho acadêmico é um dos principais preditores da ocorrência da paternidade na adolescência. Marsiglio (1986) chama a atenção que, mesmo sendo influenciada pela paternidade, a permanência na escola depende de outros fatores individuais dos adolescentes, como a percepção dos mesmos quanto as suas competências e a motivação para continuar sua educação. Assim como há aqueles que acreditam em suas habilidades e fazem mais esforços para permanecer na escola, há outros casos de adolescentes que utilizam a paternidade como justificativa para o abandono escolar, mesmo que esse não seja o fator principal que desencadeou essa decisão. Então, o autor complementa que alguns pais consideram difícil, mas conseguem conciliar as atividades escolares com a paternidade. Já para outros, essa associação é impossível. Além disso, Marsiglio (1986) aponta que a mãe do bebê, as expectativas dos pais, os recursos financeiros e os anos de escolarização são outros elementos que incentivam o pai do bebê a continuar os estudos.

Desse modo, as responsabilidades com o provimento da casa causam cobranças aos jovens pais, os quais muitas vezes não têm escolaridade suficiente para conquistar um emprego que lhes proporcione renda satisfatória (Teti & Lamb, 1986), pois geralmente a paternidade na adolescência ocorre em um momento em que os homens não terminaram o processo de escolarização, cabendo-lhes empregos com menores remunerações e com baixas perspectivas de crescimento (Dallas, 2004; Montemayor, 1986), podendo acarretar em salários menores, instabilidade financeira e maior risco de desemprego (Elster & Hendricks, 1986). Além da necessidade de suprir economicamente o bebê e a mãe, as pressões impostas ao homem como responsável pelo provimento preocupam não só os pais adolescentes, mas também os adultos (Levandowski & Piccinini, 2006). Teti e Lamb (1986) assinalam que, na cultura ocidental, o homem assegurou-se do sustento econômico da família como uma maneira de obter respeito familiar e dos demais, uma vez que uma das maiores representações sociais da masculinidade é o papel de provimento. Os autores assinalaram a naturalização da paternidade associada ao sustento econômico e da maternidade vinculada à educação das crianças, pois as mulheres seriam visualizadas como mais afetuosas e preparadas para cuidar dos filhos. Miller (1997) considera que o sustento econômico é tão importante que pode, inclusive, influenciar no envolvimento que o pai terá com a criança, independente de ele ser adolescente. Resultados do estudo realizado por Schindler (2010) corroboram essa concepção ao indicar que, além do envolvimento na educação dos filhos, o auxílio financeiro à família também se constituiu como um fator promotor de bem-estar psicológico nos pais. E, para Gavin et al. (2002), o trabalho influenciaria a predisposição do pai para envolver-se com o bebê.

Outro fator que influencia a paternidade e o envolvimento com o bebê é a existência de uma rede de apoio social ao jovem pai. Embora muitas adolescentes desempenhem satisfatoriamente os cuidados com o bebê, é arriscado afirmar que as mesmas exerçam o papel parental “completamente”, pois comumente permanecem tendo fortes relações de dependência financeira e emocional com seus familiares (Amazarray et al., 1998). A família é o principal recurso de apoio social para o pai adolescente (Elster & Hendricks, 1986; Levandowski, 2001a), sendo que o suporte pode ser tanto emocional e educacional, como financeiro ou material (Miller, 1997), mas o emocional parecer ser o mais importante (Levandowski & Piccinini, 2002). A rede de apoio social auxilia o adolescente a ampliar seus conhecimentos sobre o desenvolvimento



infantil, no aumento da auto-estima e na promoção de assistência em tarefas rotineiras (Lamb & Elster, 1986) e, quanto maior o suporte social que os pais adolescentes tiverem, maior o seu envolvimento com o filho (Miller, 1997; Levandowski, 2001a). Todavia, alguns pais adolescentes ainda sentem uma barreira na sua inclusão em alguns serviços e instituições sociais, cujos programas de assistência focam-se nas gestantes e mães adolescentes. (Lemay, Cashman, Elfenbein, & Felic, 2010)

Apesar da importância do adolescente contar com o apoio social e familiar, Montemayor (1986) acredita que não há preparo social para apoiar a paternidade adolescente. Esse fato, somado aos preconceitos e estereótipos que perpassam a paternidade na adolescência acarretam em uma rede de assistência precária a esses jovens (Elster & Hendricks, 1986; Levandowski, 2001a). Em uma revisão dos artigos americanos que abarcavam a saúde sexual dos adolescentes do sexo masculino, Ott (2010) destacou que a maioria das publicações continua enfocando apenas o sexo feminino. Além disso, a autora realizou uma busca em sites de acesso público da internet com o termo “adolescente homem”, e grande quantidade das imagens remetia a animais (como o leão), ao órgão sexual masculino em posição ereta e ao ato sexual. As imagens reforçavam a idéia da sexualidade masculina como algo negativo, assim como muitas vezes ocorre com os estereótipos reproduzidos pelas instituições sociais e por programas governamentais. Essa conjunção de preconceitos desencadeia uma visão negativa da sexualidade masculina, criando mais barreiras para o adolescente assumir a paternidade e as responsabilidades dela oriundas, além de interferir na aproximação com seu filho e na realização das funções que lhe cabem (Medrado et al., 2008). De acordo com Miller (1997), é necessário incluir o pai adolescente em programas sobre a gravidez na adolescência, tanto para promover o envolvimento paterno, como para auxiliá-los na visualização das demandas da paternidade e promover o apoio social aos mesmos. Além disso, a diversidade de significados atribuídos à paternidade na adolescência requer uma mobilização dos sistemas educacionais, de saúde e sociais (Lerner & Galambos, 1998).

Em relação ao Brasil, nos últimos 20 anos, apenas 9% das dissertações e teses pertencentes ao Banco de Teses da Capes investigaram as intervenções relativas à gravidez na adolescência, conforme mostrou levantamento realizado por Venturini et al. (2010). Nesse sentido, apenas recentemente a preocupação com programas para a sexualidade e para a saúde reprodutiva masculina tornou-se foco de atenção do Ministério da Saúde do Brasil, o qual lançou a Política

Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (2008). Essa política busca ampliar o enfoque à saúde da população masculina, incluindo uma atenção especial ao adolescente, o qual, juntamente com o idoso, é considerado como de alta vulnerabilidade, devido aos altos índices de desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis, uso de drogas, risco de homicídio, entre outros (Ministério da Saúde, 2008).

Para fomentar novas formas de assistência aos jovens que estão em situação de gravidez, alguns autores apontam a necessidade de ampliar as pesquisas sobre a paternidade adolescente, a fim de aumentar a compreensão de suas significações em diferentes contextos (Cabral, 2003; Caputol & Bordinll, 2007; Trindade & Menandro, 2002; Ott, 2010), sobretudo por ser tratar de um problema social (Nelson, 2004). As diferenças individuais associadas à paternidade na adolescência também são expressivas para o desenvolvimento de serviços e políticas governamentais a esse público (Belsky & Miller, 1986).

Nesse sentido, é oportuno conhecer o que orienta os projetos de vida de adolescentes que esperam pelo primeiro filho, principalmente, em relação à escola, família, rede de apoio social e serviços de saúde (Lima et al., 2004). Enfim, é necessário um olhar para esse campo ainda precário de intervenções e pesquisas, a fim de ampliar a compreensão e auxiliar quem vivencia as diferentes nuances da paternidade na adolescência. Através dos relatos dos próprios adolescentes, poder-se-á entender os seus projetos de vida, e a forma como a paternidade é vivenciada, desmistificando possíveis estereótipos que a circundam.

### **Projetos de Vida na Adolescência**

“Projetos de vida” é uma expressão que não tem uma definição clara na Psicologia, embora freqüentemente os pesquisadores utilizem essa terminologia, como se houvesse uma significação pré-suposta. A quase totalidade dos estudos que utilizam o termo “projeto” não explicita os significados que o fundamentam, além de usualmente estarem relacionados ao desenvolvimento profissional e de carreira (Ito & Soares, 2008).

Projetos de vida, perspectivas, expectativas, aspirações, projetos futuros são algumas das diferentes maneiras que a literatura utiliza para se referir a mesma idéia (Neiva-Silva, 2003). A noção de projetos de vida abarca a idéia de desejos, aspirações e realizações, bem como a idéia de crença ou plano de que alguma coisa se realize no futuro (Nascimento, 2006; Neiva-Silva, 2003). Outra denominação que pode ser encontrada na literatura é a de projetos vitais, os quais

representam “grandes linhas ou objetivos existenciais que a pessoa almeja para si, convergindo para a estruturação do modelo pessoal que se quer, atendendo à definição de quem sou e quem gostaria de ser e para que ser (sentido de vida)” (Sarriera, Pizzinato, Rispoli, Trindade & López, 2000, p. 5). Para fins do presente estudo se usará o termo ‘projeto de vida’ salvo quando os autores revisados especificarem outro termo semelhante. Além disto, assume-se que projeto de vida se refere à elaboração de planos e o estabelecimento de metas futuros, bem como as estratégias adotadas para implementá-los. Desse modo, serão investigadas as dimensões acadêmica, profissional e familiar dos projetos de vida, pois esses são os seus principais elementos, de acordo com a literatura (Oliveira, 2006; Souza, Trindade, Coutinho & Menandro, 2007). Outros estudos também investigaram diferentes dimensões dos projetos ou aspirações sobre o futuro de mães adolescentes, entre as quais se destacaram: a) a análise dos projetos quanto à família, escola, educação e trabalho em um grupo de mães adolescentes, buscando avaliá-los antes e após o nascimento do bebê (Camarena et al, 1998); b) as percepções de pais e mães adolescentes com adolescentes sem filhos investigação sobre as repercussões da gravidez na adolescência quanto a aspectos de relacionamento, vocacionais e da própria pessoa (Herrman, 2008).

Desde muito cedo, os pais, as mães, os familiares e os professores tendem a questionar as crianças sobre o que elas almejam para seu futuro. Contudo, enquanto na infância, aceitam-se as mais variadas respostas a estas questões, na adolescência se espera que o jovem seja mais responsável por suas decisões e pondere sobre as conseqüências das mesmas (Petersen, 1988). Assim, almeja-se que o adolescente estabeleça metas, projetos pessoais e cumpra algumas tarefas de vida (Souza et al., 2007). De acordo com Locatelli, Bzuneck e Guimarães (2007), a adolescência é o período em que o jovem deve constituir um projeto de vida capaz de ser realizável e, até o final dessa etapa do desenvolvimento, espera-se que os adolescentes já tenham decidido suas metas e planos futuros, notadamente ao que se refere à profissionalização. Associada a esta, encontra-se a escolarização, que tem papel central na vida dos adolescentes, representando uma das principais preocupações dos jovens, sobretudo daqueles que permanecem na escola (Günther, 1993, 1996).

Para se compreender os projetos de vida de uma pessoa, é necessário considerar alguns elementos que influenciam em sua elaboração e, conseqüentemente, possibilitam sua realização no

futuro. Como há diferentes influências recebidas pelos jovens na elaboração de seus projetos de vida, a seguir serão destacados alguns desses elementos, que são apontados pelos pesquisadores como aspectos fundamentais nessa construção. Como alguns elementos são citados por mais de um pesquisador, optou-se aglutiná-los em torno de alguns temas principais.

A família, a escola, a mídia, os amigos e os colegas podem influenciar de diversos modos os projetos de vida dos adolescentes, podendo tanto contribuir favoravelmente nas decisões futuras, como gerar maior indecisão quanto às mesmas (Locatelli et al., 2007). Além destes fatores externos, é importante considerar as capacidades individuais da pessoa, como apontam Oliveira, Sá, Fischer, Martins e Teixeira (2001) em seu estudo realizado sobre as representações sociais de escola, trabalho e futuro de 778 estudantes de escolas públicas paulistas, com idades de 11 a 18 anos, trabalhadores e não-trabalhadores, incluídos em 18 grupos focais no período de 1998 a 2000. Os participantes relataram que o futuro era percebido como algo a ser conquistado e as capacidades individuais seriam as principais influências para que ocorressem essas conquistas futuras.

As oportunidades disponíveis também foram apontadas por adolescentes como um fator que influenciaria as suas perspectivas futuras. Por exemplo, o estudo de Günther e Günther (1998) investigou as perspectivas de futuro de 335 participantes, com idade entre 11 e 19 anos, de escolas públicas de Brasília, escolas particulares e escolas destinadas a jovens carentes e/ou em situação de rua. Os autores utilizaram uma escala de cinco pontos com questões sobre quais eram as chances que o jovem acreditava ter em relação ao trabalho, moradia, escolaridade, casa própria, família feliz, saúde, respeito, amigos e apoio social. Os resultados revelaram que as expectativas futuras estariam associadas às oportunidades disponíveis aos jovens. Desse modo, estudantes de escolas particulares apresentaram maiores oportunidades de ascensão educacional e profissional do que os de escolas públicas. Assim, os autores concluíram que os jovens constroem suas perspectivas futuras a partir das circunstâncias do contexto no qual estão inseridos.

Outro fator, já mencionado acima, associado ao contexto e que pode influenciar nas decisões dos jovens perante o futuro é a classe social e as condições socioeconômicas (Souza et al., 2007). Foi investigada uma amostra de sete estudantes do Ensino Médio em uma escola pública do Espírito Santo, com idades entre 17 e 18 anos, através de oficinas sobre orientação vocacional. Os autores encontraram que frente às questões: o que é ser alguém na vida ou o que os

jovens querem ser, fazer e o que farão para alcançar seus planos, as respostas dos jovens divergiam em função da classe social a que os jovens pertenciam: média, baixa ou alta.

Os projetos de vida também estão associados à vontade de o adolescente ter uma realização pessoal através da criação de algo, projetando-se no futuro desempenhando algum papel ou realizando um sonho (Sarriera et al., 2000). Esses autores investigaram os projetos vitais, ocupacionais e profissionais de 56 jovens desempregados, de ambos os sexos, com idades entre 14 e 17 anos, que participavam de um grupo de orientação vocacional na cidade de Porto Alegre. Foram analisadas as respostas dos participantes a três questões incompletas (Quem sou eu?, Quais são meus interesses?, Quem ou o que eu gostaria de ser como profissional ou trabalhador). Nos resultados, os jovens manifestaram a vontade de independência e bem-estar econômico, notadamente, em relação a bens materiais. Por fim, o estudo mostrou que a consistência dos projetos vitais dos adolescentes depende dos níveis de autoconhecimento e das habilidades que eles utilizam para se relacionar com o meio social. Além disso, os autores assinalaram a necessidade de estímulos e de um reforçamento da auto-estima, para que os jovens reconhecessem suas possibilidades, uma vez que apresentaram características próprias da adolescência, mas com fracassos na sua trajetória escolar.

A maturidade e os recursos pessoais também foram apontados por Camarena et al. (1998) como importantes indicadores da estruturação dos projetos de vida dos adolescentes fundamentados na realidade. Assim, os resultados de sua pesquisa mostraram que os jovens “menos maduros” ainda não tinham estruturado planos claros para o futuro, sendo observadas frases como “Eu nunca tinha pensado nisso antes” (Camarena et al., 1998, p.134).

Outro elemento importante quando se fala em projetos de vida de adolescentes é a noção de temporalidade, a qual é tanto necessária, como é um desafio à elaboração destes projetos, por demandar que eles inventem e reinventem constantemente seu futuro (Costa & Assis, 2006). Além disso, a educação escolar (Oliveira et al., 2001), a profissão (Scelza, 2006; Souza et al., 2007) e as relações afetivas com a família, amigos e parceiros (Scelza, 2006) são consideradas a base do lugar que a pessoa ocupará na sociedade e, conseqüentemente, também influenciam na construção de um projeto de vida.

De acordo com Scelza (2006), para a construção do projeto de vida, o adolescente internaliza, cotidianamente, o que falam sobre ele, aquilo que visualiza no mundo que o cerca, o

que percebe como oportunidades e problemas que o perpassam, bem como inclui aquilo que acredita que possa ser ou tornar-se. Para Scelza, a elaboração do projeto de vida propicia que jovem elabore suas expectativas e um sentido para a própria, organizando-a, como uma tentativa de assumir certo controle e apaziguar a angústia do homem perante o mundo.

Além das preocupações do jovem com o futuro, é importante também considerar as suas preocupações atuais, assim como as possíveis diferenças entre as preocupações dos jovens e aquilo que os adultos acreditam ser as suas apreensões. A fim de investigar essas possíveis diferenças, em relação a fatores ambientais, relacionais, biológicos e sentimentos sobre si mesmos, Günther (1996) entrevistou 1421 jovens (731 meninas e 690 meninos), com idade entre 11 e 18 anos, e 865 adultos (516 homens e 349 mulheres), com idade entre 20 e 73 anos, todos residentes em Brasília. A maioria dos adolescentes apontou, em ordem decrescente, preocupações quanto a notas baixas na escola, provas na escola, morte na família, problemas de fome no mundo, perder um(a) amigo(a) próximo(a), AIDS, não ter amigos e possibilidade de guerra nuclear. Já a opinião de a maioria dos adultos sobre quais seriam as preocupações dos adolescentes concentrou-se, em ordem decrescente, na separação dos pais, briga entre os pais, AIDS, não ter dinheiro suficiente, ficar grávida, uso de drogas. A comparação dos resultados entre os grupos mostrou uma falta de correspondência entre a opinião dos adultos sobre o que são as preocupações dos jovens e o que efetivamente os preocupa, sendo que apenas a AIDS foi reconhecida pelos dois grupos.

A partir dos resultados desse estudo, pode-se considerar que há pouca sintonia entre o que preocupa os jovens e o que seus pais e professores julgam ser suas preocupações (Günther, 1996). Esse dado é relevante, se for considerado que as preocupações atuais do jovem estão relacionadas com o que ele planeja para seu futuro, bem como com a maneira que ele se comporta no presente. Por exemplo, espera-se que o jovem que se preocupa com a possibilidade de contrair alguma doença sexualmente transmissível tenha mais chances de usar preservativos durante as relações sexuais.

Pode-se pensar que uma das principais alterações nos projetos de vida decorrentes da gravidez na adolescência apóia-se na antecipação de escolhas quanto a gerar um filho e constituir uma família: antes eram planos que poderiam ser definidos *a longo prazo*, mas, com a chegada do bebê, passam a exigir decisões em um curto intervalo de tempo. Além disso, as mães adolescentes

costumam receber mais apoio familiar para os cuidados com o bebê do que para seus próprios planos de futuro (Camarena et al., 1998).

Outro elemento que deve ser destacado, em função dos objetivos do presente estudo, são as possíveis repercussões da gravidez adolescente, na constituição da identidade e nos projetos de vida dos adolescentes. Um dos estudos que investigou a experiência da gravidez tanto para a mãe como para o pai adolescente foi realizado por Brandão e Heilborn (2006), através da avaliação retrospectiva desta experiência e seus impactos na trajetória juvenil e familiar. Foram entrevistados seis jovens do sexo masculino e sete do sexo feminino, com idades entre 18 e 24 anos, além dos pais dos adolescentes (11 mães e 1 pai) da classe média carioca. Os jovens eram solteiros, residiam com seus pais e tinham um filho com idade entre um a sete anos. Nos resultados, os jovens destacaram a importância da sexualidade nessa etapa do desenvolvimento, sendo a gravidez considerada um evento “contingente” na construção da autonomia. Já os pais dos adolescentes ressaltaram o esforço em manter os projetos dos filhos, os quais estavam sendo delineados antes da gravidez, mesmo que para isso fossem necessárias adaptações deles e de seus filhos. Ressalta-se que o apoio familiar, notadamente o parental, mostrou-se essencial na preservação dos projetos individuais do filho, os quais não foram abandonados, apenas postergados.

É comum os estudos enfatizarem prioritariamente as jovens grávidas. A opção por citá-los busca ilustrar uma visão geral dos possíveis efeitos da chegada de um bebê na vida dos adolescentes e em seus projetos de vida. Desse modo, outro estudo de natureza retrospectiva foi realizado por Esteves e Menandro (2005), o qual buscou investigar de que forma a maternidade na adolescência interferiu na construção da biografia de mulheres que viveram tal processo. Foram entrevistadas 20 mulheres, 10 de classe média e 10 de baixa renda, que se tornaram mães antes dos 18 anos, cujo primogênito tinha entre 9 e 15 anos de idade. Utilizou-se o intervalo entre a vivência da gravidez e a entrevista a fim de compreender como as mulheres organizaram suas vidas em relação às esferas pessoal, conjugal e familiar após a gravidez. Um resultado que chamou a atenção dos autores é que as condições socioeconômicas anteriores à gravidez mostravam ser fundamentais às repercussões da chegada do filho, principalmente no que se refere à escolarização e ao trabalho. Tanto as adolescentes de baixa renda como as de classe média permaneceram nas situações sociais anteriores e as consequências da gravidez nem sempre foram

consideradas limitantes ou negativas à vida dessas jovens, ou seja, os projetos de vida de ambos os grupos foram realizados e outros ainda estavam se realizando. Embora a gravidez na adolescência tenha levado a uma redefinição dos projetos, não impossibilitou a sua realização, principalmente, devido ao apoio familiar. Entre os projetos de vida da classe média destacaram-se a busca por melhorias na escolarização e na profissionalização, além de garantias de condições favoráveis ao desenvolvimento dos filhos e de obtenção da casa própria. Já os projetos de vida das entrevistadas de baixa renda centralizaram-se na busca por um emprego e pelo sustento das necessidades básicas do filho, retorno à escolarização, a fim de conquistar uma inserção profissional mais qualificada, bem como a conquista da casa própria e esforços para que o filho tivesse uma vida melhor.

Herrmann (2008) realizou um estudo com 120 adolescentes (72 mulheres e 48 homens) americanos a fim de investigar suas percepções sobre o impacto da gravidez na adolescência em relação aos aspectos de relacionamento, vocacionais e do próprio *self*; bem como suas avaliações sobre prevenção e se havia alguma pessoa ou algum modelo que eles contavam para discutir questões de sexualidade em suas vidas. Os participantes tinham idade média de 16 anos, freqüentavam a escola (exceto seis), cinco estavam grávidas e 19 tinham uma criança. Realizaram-se 17 grupos, durante seis semanas, nos quais se questionava aos participantes sobre os “custos” (o que eles considerassem negativo, pior ou mais difícil) e as “recompensas” (o que seria positivo, melhor ou mais fácil) relacionados a uma gravidez na adolescência. Quanto aos impactos da gravidez no relacionamento com os amigos, alguns dos adolescentes que já tinham um bebê apontaram a ocorrência de um afastamento do grupo de amigos, sobretudo pela mudança nas atividades que eles vieram a desempenhar com a chegada do bebê. Por outro lado, outras mães adolescentes apontaram aspectos positivos da gravidez na adolescência, como uma melhor escolha das amigas, o recebimento de apoio dos “verdadeiros amigos”. Para os adolescentes sem filhos, além de afastar-se dos amigos, ter um bebê durante a adolescência diminuiria o tempo livre, bem como as atividades realizadas nesse período, prejudicando a prática de atividades físicas, por exemplo. Este grupo também apontou que a maternidade ou paternidade na adolescência diminuiriam a liberdade, influenciando negativamente na vida social como um todo. Em suma, os resultados mostraram que, embora os adolescentes apontassem aspectos positivos da gravidez na adolescência, ela foi considerada como tendo altos “custos” em diversas áreas.



Além dos possíveis impactos e da influência da gravidez nos projetos de vida dos adolescentes, Calesso Moreira e Sarriera (2000) preocuparam-se em investigar também os preditores de saúde e de bem-estar psicológico de gestantes adolescentes. Participaram do estudo 100 adolescentes com idade entre 12 e 19 anos que realizavam acompanhamento pré-natal em hospitais da rede pública da cidade de Porto Alegre e que responderam entrevistas e questionário sobre sua saúde. Nos resultados, a vivência de abortos e o tempo de gestação ( $\beta= 0,220$  e  $p= 0,022$ ) foram os preditores da saúde geral das adolescentes gestantes, os quais se relacionaram significativamente aos piores estados de saúde das adolescentes. Além disso, as adolescentes mais velhas, entre 16 e 19 anos, apresentaram maiores níveis de distúrbios do sono do que as que tinham entre 12 e 15 anos, indicando que o primeiro grupo apresentou escores significativamente mais baixos na saúde geral e na percepção do bem-estar. Para os autores, a diminuição da saúde geral das participantes do primeiro grupo deve-se ao fato de, geralmente, as adolescentes mais velhas apresentarem maior amadurecimento, tendo uma visão mais abrangente das dificuldades decorrentes da gestação. Além disso, segundo os autores, os projetos de vida de adolescentes mais velhas estariam mais estruturados, e, por isto, teriam mais chance de a gestação influenciar em um adiamento ou suspensão dos mesmos. Entretanto, os resultados da pesquisa mostraram que muitas adolescentes não tiveram os projetos de vida profundamente modificados pela gestação. Os autores salientaram que isso foi decorrente do fato de que muitas gestantes já haviam abandonado a escola e viviam com os companheiros antes da gestação.

De certa forma, todos os fatores citados acima relacionados à gravidez adolescente e os projetos de vida acabam interagindo entre si, influenciado-se mutuamente, no decorrer do tempo. No entanto, cabe destacar o papel central do apoio familiar e da situação socioeconômica na estruturação da identidade e nos planos que o jovem construirá e realizará em seu futuro (Camarena et al., 1998). Além disso, as relações que o jovem estabelece com o seu contexto são essenciais para a qualidade de seu desenvolvimento (Lerner et al., 2001; Nascimento, 2006). Desse modo, as características da sociedade brasileira, com suas profundas desigualdades sociais, econômicas e de oportunidades, podem levar o jovem a postergar ou, inclusive, abandonar seus projetos de vida, particularmente, frente à complexidade da situação da gravidez adolescente.

## **Justificativa e Objetivos**

Frente ao exposto acima, percebe-se que a gravidez pode ter importantes conseqüências para os jovens, ao afetar aspectos de sua vida pessoal, familiar, escolar e social. Neste contexto, é plausível se pensar que a gravidez na adolescência possa afetar também os projetos de vida dos jovens, tanto contribuindo para que alguns não sejam mais almejados, como fazendo com que outros sejam alterados ou postergados. Embora em algumas situações a gravidez também possa ser um projeto de vida em si mesma, é razoável considerar que sua ocorrência ainda possa trazer conseqüências aos demais projetos de vida dos adolescentes. Uma das possíveis maneiras de examinar este tema é investigando as percepções sobre a paternidade e os projetos de vida de adolescentes não-pais, e também a paternidade e os projetos de vida de pais adolescentes.

Apesar da importância de estudos sobre projetos de vida para ações de prevenção e intervenção junto a adolescentes, poucos são os estudos, em Psicologia, que focalizam este tema, bem como o tema da paternidade na adolescência. Além de haver uma lacuna nos estudos sobre ‘projeto de futuro’ na produção nacional (Ito & Soares, 2008), ela se torna ainda maior se considerado o tema projetos de vida em situação de paternidade adolescente. Ressalta-se que não foram encontrados estudos brasileiros especificamente sobre ambos os temas associados. As pesquisas existentes sobre o assunto priorizam, freqüentemente, a escolha profissional e o desempenho acadêmico dos jovens. Neste sentido, é importante que novos estudos investiguem como os adolescentes percebem a aquisição do novo papel parental, as possíveis mudanças que um filho acarreta no seu cotidiano, além de investigar de que forma o filho se insere nos seus projetos de vida.

Assim sendo, o presente estudo investigou os projetos de vida no contexto da paternidade adolescente. Em particular, buscou-se examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida desses jovens com relação à família, à escola e ao trabalho. Para tanto, foram realizados dois estudos. O Estudo I investigou a percepção de adolescentes não-pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. O Estudo II investigou a paternidade e os projetos de vida, em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho.

## CAPÍTULO II

### **ESTUDO I: Percepção de adolescentes não-pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente**

Como descrito na introdução, a adolescência se constitui em uma etapa na qual ocorrem importantes mudanças no desenvolvimento. Nesse sentido, espera-se que os adolescentes cumpram algumas tarefas próprias dessa fase, aceitas pela nossa sociedade ocidental, como o estabelecimento de metas e de projetos para o futuro, continuem seus estudos e, conseqüentemente, tenham boas expectativas profissionais, almejem construir uma família, contem como uma rede social que os apoiem frente as dificuldade, entre outros.

De acordo com a literatura investigada, muitas vezes essas atribuições que são comuns à classe média podem ocorrer de maneira diferenciada nas classes populares, em que, não raro, as preocupações com o presente são mais expressivas, se comparadas com as do futuro. Desse modo, os projetos de vida também respondem às especificidades culturais e sócio-econômicas (Oliveira, 2008; Souza et al., 2007). Além disso, a maturidade cognitiva é um dos fatores que influencia o estabelecimento de projetos de vida pelos adolescentes, podendo deixá-los mais focados no presente (Camarena et al., 1998; Elster & Hendricks, 1986).

Desse modo, o presente estudo objetivou investigar a percepção de adolescentes não-pais, pertencentes às classes populares, sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. Em particular, buscou-se examinar suas percepções sobre o impacto de uma gravidez na adolescência nos projetos de vida, em relação à família, à escola e ao trabalho.

A expectativa inicial do estudo era de encontrar projetos de vida ainda pouco estruturados, uma vez que os participantes encontravam-se nas etapas da adolescência denominadas de inicial e média (Steinberg, 1993), o que leva a pensar em maturidade ainda em processo de construção. Além disso, esperava-se que os projetos de vida existentes focalizassem particularmente a escolarização, que é uma das tarefas principais da adolescência, independentemente da classe social que o indivíduo se encontre.

## MÉTODO

### Participantes

Participaram deste estudo sete adolescentes do sexo masculino, com idades entre 13 e 16 anos, que não eram pais e nunca tinham vivenciado uma situação de gravidez. Os participantes freqüentavam uma escola pública de Porto Alegre, variaram quanto à escolaridade e eram de baixo nível sócio-econômico. A Tabela 1 apresenta os dados sócio-demográficos dos participantes não-pais.

Tabela 1. *Dados sócio-demográficos dos participantes não-pais*

Identificação	Idade	Situação conjugal	Ocupação	Escolaridade	Anos completos estudo	Nº Reprovações
A1	15	Solteiro	Estudante e Aux. de Mecânico	1º G Inc.	5	2
A2	15	Solteiro	Estudante e Carimbador	1º G Inc.	6	1
A3	14	Solteiro	Estudante	1º G Inc.	5	2
A4	13	Solteiro	Estudante	1º G Inc.	6	1
A5	16	Solteiro	Estudante	1º G Inc.	6	2
A6	16	Solteiro	Estudante e Aux. de fotógrafo	1º G Inc.	7	2
A7	13	Solteiro	Estudante	1º G Inc.	7	-

### Delineamento e Procedimentos

Utilizou-se um delineamento de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005) para investigar a percepção dos adolescentes não-pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. Em particular, buscou-se examinar suas percepções sobre o impacto de uma gravidez na adolescência nos projetos de vida, em relação à família, à escola e ao trabalho. Com esse número de participantes objetivou-se conhecer os casos, sem a intenção de atingir necessariamente a saturação (Stake, 1994). Antes disso, com base nesse autor, o objetivo foi compreender o fenômeno estudado, tomando por base os casos investigados.

Inicialmente, foi realizado o contato com a direção de uma escola vinculada ao Grupo Hospitalar Conceição (GHC), a fim de explicitar os objetivos e a proposta de pesquisa. Após

concordância e autorização da direção, foram agendadas algumas datas possíveis para a pesquisadora ir à escola e convidar os adolescentes, pertencentes a diferentes séries do Ensino Fundamental, atentando-se para que as entrevistas não acarretassem prejuízos nas atividades escolares dos mesmos.

Os adolescentes foram convidados para participar do estudo diretamente em suas salas de aula. Aqueles que manifestaram interesse em participar foram selecionados pelo critério idade (entre 13 e 18 anos), por terem disponibilidade de ausentar-se da sala de aula, ou seja, não iriam realizar provas ou trabalhos escolares no turno da entrevista e por não terem vivenciado a paternidade na adolescência. Na ocasião, foi entregue o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (NUDIF, 2008a, cópia no Anexo A), que foi assinado pelo adolescente e por seu responsável, e trazido no novo encontro - agendado para o próximo dia de aula.

Durante a coleta, os adolescentes responderam a alguns instrumentos desenvolvidos pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF), para o projeto denominado “*Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança*” – GRADO (Piccinini et al., 2008), do qual a autora do presente trabalho faz parte. O referido estudo longitudinal e multicêntrico acompanha 180 gestantes adolescentes, que atenderam aos seguintes critérios: não apresentaram intercorrências clínicas durante a gravidez, que não sofreram abuso sexual, que não tenham comprometimento mental e emocional, residentes em três cidades do Rio Grande do Sul, onde atuam as principais Universidades Federais do Estado: Porto Alegre, Rio Grande e Santa Maria. Em cada centro, estão sendo acompanhadas, em média, 60 gestantes e, quando possível, os respectivos pais dos bebês. Os instrumentos do GRADO foram adaptados para o presente estudo pela autora desta dissertação, entre os quais se destaca a *Ficha de dados sócio-demográficos da família*, a *Entrevista sobre a percepção da paternidade adolescente*, e a *Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*.

A coleta de dados foi realizada individualmente em uma sala privativa da escola, tendo duração média de 60 minutos. Os dados das entrevistas foram digitalmente gravados e, posteriormente, transcritos.

## **Instrumentos**

**Ficha de dados sócio-demográficos da família** (NUDIF, 2009a): este instrumento foi utilizado para obter dados sócio-demográficos dos participantes, tais como: moradia, escolaridade, trabalho, religião, hábitos de vida e características de seus pais, com a exclusão das questões referentes à gestação, como constava da versão utilizada no projeto GRADO. Cópia no Anexo B.

**Entrevista sobre a percepção da paternidade adolescente** (NUDIF, 2009b): essa entrevista é uma adaptação da *Entrevista sobre a Gravidez Adolescente: versão do pai*, do projeto GRADO, em que foram excluídas as questões referentes à gestação, mas enfatizadas, em novas questões, a percepção do adolescente sobre esta situação. Ela dividiu-se em quatro blocos. O primeiro bloco investigou como o adolescente percebe a paternidade adolescente, além de possíveis mudanças decorrentes da mesma. O segundo bloco investigou aspectos da vida cotidiana do adolescente, principalmente em relação às atividades escolares ou laborais, relacionamento com pares e relações sociais. Além disso, examinaram-se os projetos de vida dos adolescentes quanto à: escolaridade, casamento, filhos e ocupação profissional. No terceiro bloco, foram investigadas a relação do adolescente com sua família e a sua rede de apoio. As questões do quarto bloco relacionaram-se à maneira que o adolescente imaginaria ser, quando se tornasse pai, suas expectativas sobre o bebê e o relacionamento com o mesmo. Cópia no Anexo C.

**Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis** (NUDIF, 2008b): Esta entrevista foi baseada no questionário dos Centros de Testagem e Aconselhamento do Ministério da Saúde. Trata-se de uma entrevista semi-estruturada, composta por quatro blocos de perguntas. Um bloco inicial aborda questões relativas à vida sexual, com enfoque sobre práticas preventivas e a detenção de informações por parte dos adolescentes. O bloco seguinte aborda as práticas sexuais com parceiros fixos e parceiros não-fixos. Em seguida, há um bloco de perguntas sobre doenças sexualmente transmissíveis e práticas de prevenção. Nesse estudo, não foram utilizadas as questões referentes à gestação. Cópia no Anexo D.

As questões dos instrumentos que foram utilizados para a análise estão descritas junto às categorias e subcategorias na sessão “Resultados”.

### **Considerações éticas**

A realização de pesquisas envolvendo pessoas implica na necessidade de atender os princípios fundamentais da bioética. Tais princípios incluem a autonomia, a beneficência, a não-maleficência e a justiça (ou equidade) conforme apontados pelas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos, da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (1996).

Os participantes do presente estudo foram informados a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa e puderam decidir livremente sobre a disponibilidade e a vontade de participarem da pesquisa. Todos eles assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, bem como seus pais e/ou responsáveis. Assim, foi assegurado o primeiro princípio da bioética (autonomia), uma vez que os participantes tiveram liberdade de desistir da pesquisa em qualquer etapa, sem que isso trouxesse prejuízos aos mesmos.

A privacidade e confidencialidade dos participantes foram asseguradas, pois o material obtido, nas entrevistas e nos demais instrumentos do estudo, está devidamente arquivado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Em todos os momentos, a identidade dos participantes e de suas famílias foi preservada. Asseguram-se, assim, os cuidados bioéticos necessários aos adolescentes que se dispuseram a participar do estudo.

Os procedimentos desse estudo representaram risco mínimo aos participantes, conforme a resolução 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia, uma vez que estes não se diferenciam substancialmente daqueles a que os participantes estariam sujeitos em suas atividades cotidianas. Por fim, ressalta-se que os dados e os resultados obtidos por essa pesquisa poderão trazer benefícios à população em geral, especificamente aos pais adolescentes, através da ampliação no conhecimento dessa área e em possíveis intervenções futuras a esse público.

Também cabe salientar que o presente projeto de investigação faz parte do projeto GRADO, mencionado anteriormente, que foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (Processo nº 25000.089325/2006-58, em 07/04/2008, cópia no Anexo E), pelo Comitê de Ética do HMIPV (Processo nº 20/08), pelo Comitê de Ética do HCPA (Processo nº 08-693, em 08/05/09) e pelo Comitê de Ética do GHC (Processo nº 250/08, em 08/12/2008).

## RESULTADOS

A análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) foi utilizada para analisar os relatos dos adolescentes não-pais quanto as suas percepções sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. Em particular, buscou-se examinar suas percepções sobre o impacto de uma gravidez na adolescência nos projetos de vida, em relação à família, à escola e ao trabalho.

Após a transcrição literal de todas as entrevistas, realizou-se uma leitura exaustiva das mesmas, a fim de identificar unidades temáticas em cada entrevista sobre projetos de vida e paternidade na adolescência. Para a classificação das respostas, utilizou-se categorias de análise baseadas em outros autores (Camarena et al., 1998; Herrmann, 2008; Levandowski, 2001) e também no próprio relato dos participantes. A estrutura de categorias foi composta de três categorias: 1) Percepções sobre a gravidez de um adolescente; 2) Atividades cotidianas dos adolescentes; e, 3) Projetos de vida. Para cada uma destas categorias foram incluídas subcategorias, conforme destacado no Anexo F, e explicitado abaixo.

A seguir, cada categoria e subcategoria serão caracterizadas e ilustradas a partir das falas dos adolescentes não-pais, priorizando-se a análise cruzada dos dados que compõem as mesmas, conforme proposto por Yin (2005).

### 1. Percepções sobre a gravidez de um adolescente

Nessa categoria, foram examinados os depoimentos de adolescentes sobre suas percepções em relação à gravidez de um adolescente que conhecessem e que tivesse se tornado pai antes dos 18 anos, conforme explicitado durante a *Entrevista sobre a percepção da paternidade adolescente*. As falas dos participantes foram agrupadas em três subcategorias: 1) Considerações frente à notícia da gravidez de um adolescente; 2) Percepções sobre as conseqüências da gravidez na vida de um adolescente, e 3) Percepções sobre o apoio recebido durante a gravidez de um adolescente. Esses temas foram investigados através das seguintes questões: “*Tu conheces algum jovem que engravidou uma menina e se tornou pai antes dos 18 anos?*”, “*(Se sim) Quem é? Que idade ele tem? O filho/a filha já nasceu? O que ele é teu? Tu convives com ele? O que vocês fazem/faziam juntos? (Explorar); Com que frequência? Como tu ficaste sabendo que ele ia ser*



*pai? O que tu pensaste a respeito? E ele chegou a te dizer o que esta/estava achando de ser pai? (Se sim) O que ele te disse? E tu, o que achou de ele vir a ser pai? E os outros amigos de vocês, o que falam/falaram sobre isto? E a família de vocês o que achou disto? Na tua opinião, a gravidez mudou alguma coisa na vida dele? O quê mudou? (Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia) E os amigos/colegas dele têm dado/deram ‘uma força’ para ele durante a gravidez? O que fazem/fizeram?; (Se for amigo/parente) E tu, tem dado/deu ‘uma força’ para ele? O que faz/fizeram? Tu achas que ele está satisfeito com a tua ajuda/apoio? Como te sentes com isto?”.*

Nos casos em que o participante não conhecesse alguém que tivesse vivenciado a situação de gravidez na adolescência, ele foi solicitado a pensar nesta situação: se um amigo se tornasse pai antes dos 18 anos. Esses aspectos foram investigados através das seguintes questões: *“O que tu acharias se um amigo da tua idade engravidasse uma menina? Como tu achas que seria ser pai ainda jovem? Como tu achas que isto afetaria a vida dele? (explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia) Como tu achas que ele seria visto: pelos amigos, colegas, família? Ou: “O que tu acha que os amigos, os colegas e família falaria sobre isso?”.*

Quatro participantes (A1, A4, A5, A7) referiram conhecer um adolescente que vivenciou a experiência da gravidez na adolescência, embora não fossem muito próximos e nem convivessem com o mesmo. Em todos os casos, as gestações não foram planejadas e os bebês já haviam nascido.

Dois adolescentes entrevistados (A1, A5) referiram conhecer um vizinho que vivenciou a gravidez aos 19 e aos 17 anos, respectivamente, mas mencionaram não ter muito contato com os pais adolescentes, nem realizar atividades conjuntas com os mesmos antes da gravidez. Outro participante (A4) tinha um amigo que se tornou pai aos 16 anos. Antes da gravidez, jogavam bola, todos os dias, e conversavam com frequência. Depois que o pai adolescente soube da gravidez, começou a trabalhar, diminuindo suas atividades com os amigos, o que levou a uma diminuição na convivência e nos diálogos de ambos. Enfim, um entrevistado (A7) tinha um primo que se tornou pai com aproximadamente 15 anos, mas sua convivência era restrita, pois o primo residia em outra cidade. Nenhum dos participantes referiu conversar com os pais adolescentes sobre a situação de gravidez.

Além disso, um dos participantes (A6) referiu conhecer uma vizinha que se tornou mãe adolescente e outros dois participantes (A2, A3) referiram não conhecer alguém que tivesse vivenciado uma situação de gravidez. Nesses casos, os participantes enunciaram suas percepções sobre quais seriam as repercussões desse evento.

### 1.1 Considerações frente à notícia da gravidez de um adolescente

Essa subcategoria buscou identificar as possíveis reações e as opiniões dos participantes frente à notícia da paternidade na adolescência. Em geral, as opiniões dos adolescentes sobre a gravidez foram negativas, uma vez que incluíram: achar muito cedo (A1, A4, A7), irresponsabilidade (A5) e perder a juventude (A7), como mostram as passagens abaixo:

*“Ah, é muito cedo ainda”. (A1)<sup>2</sup>*

*“Ah, fiquei sabendo, falaram, estavam falando nas ruas que ele engravidou uma guria. (...) Não falei nada, fiquei na minha. [O que tu achou disso?] Irresponsável”. (A5)*

*“A primeira coisa que eu pensei é que foi uma burrada. Até porque ele é muito novo e tem toda uma vida pela frente. (...) ele vai perder a juventude dele, que ele vai querer sair, coisa assim e vai ter que cuidar da filha dele”. (A7)*

As reações das famílias e dos amigos dos pais adolescentes aproximaram-se das reações dos adolescentes não-pais, por enfocarem as perdas que a gravidez traria às vidas daqueles, como pode ser observado no depoimento abaixo:

*“Ah... eles falavam que ia ser difícil pra criar a criança. [Quem falava isso?] Os meninos lá que a gente jogava futebol. [Porque que eles falavam isso?] Anh, porque ele daí tinha que trabalhar pra sustentar né? E era muito cedo pra adolescência dele. (...) era muito cedo pra ele começar a criar”. (A4)*

Um dos participantes (A1) destacou que, para a família do pai adolescente, a notícia da gravidez deve ter sido um “choque”.

*“Ah, pra mãe dele deve ter sido um choque... pra toda a mãe é”. (A1)*

---

<sup>2</sup> Cada vinheta apresenta a transcrição dos relatos dos participantes, seguida da identificação dos mesmos, conforme descrito na Tabela 1. Comentários adicionais foram acrescentados, entre colchetes, a fim de facilitar a compreensão de algumas vinhetas.

A partir da notícia da gravidez do amigo, uma das mães (A4) aconselhou o jovem sobre a importância da prevenção:

*“Falo que era pra eu me cuidar pra eu não engravidar ninguém cedo pra depois não tiver que trabalhar cedo. [O que tu achou?] Acho que é bom. Faz eu aproveita bem a minha adolescência pra depois, quando crescer, trabalhar... e arrumar um emprego”.* (A4)

Através da análise conjunta dos relatos, visualizou-se que frente a gravidez de um adolescente, as percepções dos participantes centralizaram-se em eventuais aspectos negativos desse evento. Em geral, os participantes destacaram que uma gravidez, nesse momento, representaria a necessidade de interrupção de algumas rotinas da adolescência. Além de serem ressaltadas características do adolescente, como sua falta de responsabilidade, também foram citadas as perdas que acompanhariam este evento no decorrer da vida, podendo influenciar nos próprios projetos de vida dos pais adolescentes.

## **1.2 Percepções sobre as conseqüências da gravidez na vida de um adolescente**

Esta subcategoria abarcou as percepções dos adolescentes sobre as mudanças que a paternidade acarretou na vida de seus vizinhos, amigo e primo. Em relação às principais mudanças decorrentes da gravidez, os adolescentes descreveram uma maior maturidade (A1) e responsabilidade (A7), assim como, uma diminuição no convívio com os amigos (A4), em decorrência do trabalho (A4, A5).

*“Ah, deve ter deixado ele mais maduro. (...) Agora a cabeça dele vai mudar também, né? Vai pensar mais no filho antes de outras coisas”.* (A1)

*“Acho que mudou. (...) antes ele sempre ficava na rua, jogando futebol, conversando, e agora só fica em casa cuidando do bebê e trabalhando. É do trabalho pra casa. [O que tu acha dessa mudança?] Ah acho que é um pouco ruim. (...) Ele não esperava que ia ser pai. [Ele] fala que... que se lembrava do tempo em que a gente jogava futebol, e que agora não dá pra fazer mais nada”.* (A4)

*“Claro, porque ele vai ter que trabalhar. Antes ele não trabalhava, agora vai ter”.* (A5)

*“Ah, mudou muito! É muito cedo, vai perder a juventude dele, ele vai ter muito mais responsabilidade”.* (A7)

Além dessas mudanças, os adolescentes também destacaram que após a notícia da gravidez, um dos pais adolescentes passou a coabitar com a gestante (A4). É importante destacar

que, em dois casos (A1, A4), a saída da escola já tinha ocorrido antes da gravidez e, com a chegada da criança, o retorno tornou-se mais difícil, como justificou um deles: *“É mais difícil quando se tem um filho”* (A4).

Os dois participantes (A2, A3) que não conheciam nenhum adolescente que se tornou pai relataram que achariam que a gravidez na adolescência traria diversas mudanças: afastar-se dos amigos e da escola, iniciar a trabalhar e manter algum trabalho que sustentasse a mãe e o filho. Entretanto, a busca por um trabalho tinha o complicador de os pais adolescentes serem menores de idade, além de disponibilizarem de um tempo para cuidar do filho.

*“Que ia fica ruim pra ele, que ele ia perder os amigos e a escola. (...) É uma opção muito ruim ser pai tão cedo. (...) Ele ia ter que cabe num espaço pra guria que tá namorando e o filho, daí, tinha que trabalhar, tinha que começar a trabalhar, o trabalho tu ganha... começar a ganha bem pra te uma casa e pode sustenta os dois daí. É, não precisa [morar junto com a gestante], mas pagando pensão pro filho”.* (A2)

*“Ia ser difícil, porque ele ia ter que trabalhar, daí não ia conseguir emprego. (...) Porque ele ia ser de menor, né, daí não ia ter como ele trabalhar. [Por que ele ia precisar trabalhar?] Pra sustentar o filho dele, e pra ter a própria casa dele. (...) Ah, daí ele não vai poder estudar, assim, por causa que ele vai ter que cuidar do filho dele, porque nem sempre a mãe não pode tá junto, né, pode fazer alguma coisa, assim, daí ele vai ter que parar de estudar pra trabalhar”.* (A3)

Além disso, um dos participantes (A3) referiu que a paternidade traria outras mudanças, em relação a antecipar o casamento e alterar alguns planos de futuro, como os de viajar, os de ter um carro, entre outros.

*“Ia, bastante, porque daí ele ia casar cedo, assim, porque ele tem filho cedo, né, aí ia ter que casar cedo. [E o tu acha de casar cedo?] Ah, isso é ruim. [Por quê?] Ah, eu ia ficar chateado, assim, tipo ele ia ficar meio com vergonha. [De quem?] Ah, de casar cedo, assim, porque daí já aconteceu coisa com ele, né, daí ele ia ficar assim, tipo traumatizado”.* (A3)

*“É, porque daí, assim, por exemplo, se ele tivesse planejando alguma coisa assim, de trabalhar e de arrumar um carro, daí não vai poder, porque daí vai ser muito cedo. Por exemplo, assim, ele tava pensando em viajar, daí ia ser ruim, porque daí ele tinha que cuidar do filho dele”.* (A3)

Além disso, os adolescentes destacaram que a família ficaria decepcionada com o pai adolescente (A2); poderiam chamá-lo de “galinha” (A3) e criticá-lo por não ter se prevenido (A3).

*“A família ia tá decepcionada com ele, porque ele fez uma opção muito... muito ruim assim”* (A2).

*“Ah, que ele é um homem galinha. (...) Porque, assim, geralmente acontece mais tarde, assim, com 20 anos, por aí. (...) Ah, ia começar criticar ele, porque aconteceu isso cedo, iam falar um monte de coisa pra ele. (...) Hum, por exemplo: ah, por que aconteceu isso contigo? Por que não se cuidou? Essas coisas assim, por que não usou preservativo?” (A3)*

Um dos participantes (A3) também ressaltou que os amigos e colegas de colégio poderiam começar a fazer piadas sobre a paternidade e o adolescente poderia sofrer por ser o único a vivenciar aquela situação.

*“Iam começar a folgar nele, e, por exemplo, assim, ele vai sair, pede... os amigos dele convidam ele pra sair, daí ele vai dizer bem assim: ‘não, eu vou ter que cuidar do meu filho’. Daí falou bem assim: ‘ah, agora é papai’, daí vão começar a pegar no pé dele”. (A3)*

*“Ia ficar chato, porque o único aluno que ia ser pai é ele, né, daí ia ser mais chato”. (A3)*

Em geral, os participantes que conheciam algum pai adolescente destacaram as repercussões da gravidez na vida dos mesmos, como em alguns casos em que ocorreu o início do trabalho e da coabitação com a gestante. A forma como enunciaram essas mudanças aproximou-se das percepções negativas que expuseram ao serem notificados sobre a gravidez de um adolescente. Mesmo entre aqueles que não conheciam um adolescente pai, os relatos destacaram aspectos parecidos como as mudanças que o filho traria à vida de um adolescente, como iniciar a trabalhar e alterara alguns projetos de vida, como o de retornar à escola, o de conquistar alguns bens materiais (por exemplo, um carro) ou o de antecipar o casamento.

### **1.3 Percepções sobre o apoio recebido durante a gravidez de um adolescente**

Nesta subcategoria foram incluídas as percepções dos participantes sobre os tipos de apoio que os pais adolescentes que eles conheciam receberam de suas famílias e de seus amigos. Em geral, os participantes referiram não saber quem estava apoiando esses jovens (A1, A5), mas destacaram que a família ajudava nas despesas, como a construção da casa (A4), bem como os amigos os apoiavam, com roupinhas (A4) e “dando força” (A4)

*“Acho que os amigos continuam... tão dando força pra ele. (...) Ah, às vezes eles dão, quando tem parente assim, que não serve roupa, dão roupa pro nenê. (...) Já dei, as roupas do meu sobrinho. E ele ficou feliz, agradeceu”. (A4)*

*“Hum... acho que sim. [Como?] Ahh devem ter falado alguma coisa pra ele, assim”. (A7)*

O fato de os participantes referirem não ter uma convivência muito grande com os adolescentes pode ter influenciado o pouco conhecimento que tinham sobre os tipos de apoio que os mesmos recebiam. A análise das entrevistas também mostrou que, em geral, os adolescentes não conversavam sobre a gravidez com quem as vivenciou, como mostra a seguinte passagem

*“Porque até com os amigos, eu até tenho uns assuntos [sobre namoro] que eu converso, mas sobre paternidade é muito difícil”. (A7)*

A análise conjunta dos depoimentos dos participantes mostrou que eles não conversavam sobre a gravidez com os pais adolescentes, tampouco falavam com os amigos sobre temas ligados a paternidade. Por isso, pouco conheciam a respeito do apoio recebido.

## **2. Atividades cotidianas dos adolescentes**

Nesta categoria foram incluídas as atividades cotidianas, de diversão e de lazer dos adolescentes. Também foram incluídos os relatos sobre os relacionamentos afetivos dos adolescentes com os amigos, namoradas e familiares. As questões referentes a essa categoria foram: *“Como é o teu dia-a-dia? Como é a tua relação com teus amigos? Tu tens namorada? O que tu fazes para te divertir? Tu frequêntas a escola? Como tu te sentes na escola? Como são as tuas notas? Já pegou recuperação? Teve alguma reprovação? Tu costumava faltar aula? (Se sim) Com que frequência? Por quê? O que tu fazias? Tu trabalhas? O que fazes? Tu és remunerado? O que tu achas do teu trabalho? Que outras atividades tu realizas além de ir à escola? (ex. esporte, religião, lazer)”*.

Para fins de análise, essa categoria foi dividida em cinco subcategorias: 1) Rotina, diversão e lazer, 2) Percepções sobre a escola, 4) Percepções sobre o trabalho, 4) Relacionamentos de amizade, 5) Relacionamentos amorosos.

### **2.1 Rotina, diversão e lazer**

Essa subcategoria abarcou os depoimentos dos adolescentes sobre as suas atividades rotineiras, as maneiras de se divertir e as atividades de lazer que realizavam.

Como todos os participantes freqüentavam a escola pela manhã, apenas foram encontradas algumas diferenças nas atividades que realizavam à tarde, como: trabalhar (A1, A2), buscar o

irmão na escola (A2), ir à pracinha (A3), jogar bola (A3, A4, A5), jogar videogame (A5), ficar no computador (A2, A6), olhar televisão (A3, A4, A6), participar de projetos educativos de *Hip Hop* (A4, A5), conversar com os amigos (A3, A4, A7), fazer os temas da escola (A4).

*“Me levanto, venho pro colégio, pra casa, almoço, vou trabalhar, chego, tomo banho... basicamente isso”*. (A1)

*“É comum, assim, eu venho pro colégio de manhã, daqui saindo, vou buscar meu irmão na creche e levo ele pra casa. (...) às vezes eu tenho curso, às vezes eu tenho que trabalhar. Quando eu tenho que trabalha, daí a minha mãe que vem busca ele. Às vezes, quando eu não tenho nada, fico em casa mexendo no computador direto”*. (A2)

*“Eu olho desenho [de tarde]. Ou se não eu vou pra pracinha, quando eu solto cedo. (...) Eu jogo bola, lá perto de casa, daí jogo com os meus primos. (...) Ficamos conversando. Ou, por exemplo, assim, ela fala assim, se... dos namorados, daí a gente conversa assim, se alguém tem namorado”*. (A3)

*“Ahh na segunda eu acordo, tomo banho, tomo café e venho pro colégio, daí, daí eu volto e fico em casa. Na terça eu vou pro colégio de novo, volto e de tarde eu vou pra um projeto do Sesc e na quinta, na quarta eu vou pro Hip Hop que eu danço. Na quinta eu vou de novo pro Sesc e na sexta eu fico em casa (...) Às vezes fico vendo TV, às vezes fico fazendo os textos dos meus tema que eu tenho que fazer. (...) Ah, de noite eu fico na rua às vez jogando futebol, conversando”*. (A4)

*“Normal. [Como?] Venho pra escola, vou pra casa, às vezes vou pro curso de informática, nas segundas e quartas e deu. (...) Eu chego mais ou menos de noitezinha. (...) Eu tomo um banho e vou descansar. Depois que descansa eu venho pra aula. (...) Terças e quintas eu vou pra coisa de futebol”*. (A5)

*“É chato, porque não tem nada pra fazer. (...) Eu chego em casa e daí a minha mãe tá fazendo a comida e dando banho nos meus irmão pra ir pra escola. Daí, quando ela sai pra leva eles, eu arrumo a minha casa: eu varro o chão, lavo a louça, às vez eu ajudo a arruma a cama,. (...) eu fico no meu quarto mexendo no computador , vendo TV, essas coisas, e a minha amiga S., às vez, né, que ela é a minha melhor amiga, ela me chama pra ir na casa dela fica um pouco com ela, que às vez ela fica sozinha também”*. (A6)

*“Bom, eu não... só vou pra casa mesmo, não faço nada demais. Eu saio com amigos, não é sempre, entendeu, até porque a minha mãe, ela segura muito (...) Ela deixar, deixa, mas ela não gosta muito que eu saia. [E tu sai aonde?] Olha, eu desço no shopping, ou às vezes eu saio com meus amigos”*. (A7)

Quando questionados sobre as atividades que mais os divertiam, os participantes destacaram aquelas que realizavam com seus irmãos, amigos ou colegas de escola.

*“Caminho, converso. Com os meus amigos, com meus colegas...”*. (A1)

*“Eu fico conversando no MSN ou, quando meus irmãos têm que sair, eu vou com eles, daí eu vou, me divirto com eles”. (A2)*

*“Ando de bicicleta, eu ando de carrinho de lomba, fico brincando”. (A3)*

*“Ah vou lá no Sesc... E no Hip Hop também é um pouco legal”. (A4)*

*“Não sei, eu acho legal é entrar na sala de bate-papo, só. (...) conversar com as outras pessoas. (...) Às vez eu fico bastante, às vez fica muito no computador me dá uma dor de cabeça, daí eu saio e vou lá na [amiga], aí depois a gente fica um pouco na casa dela e daí a gente vai pra academia. (...) Olha, às vez eu pego um livro e começo a ler também”. (A6)*

*“Olha, o que eu mais gosto mesmo é sair com os amigos, é o que mais eu me divirto, que daí eu me sinto mais livre, sei lá. (...) Não gosto de me soltar muito perto da minha mãe, principalmente. Eu não me sinto muito à vontade”. (A7)*

Por fim, os participantes também destacaram as seguintes atividades de lazer do dia-a-dia: ficar com os animais (A6), andar de skate (A1), jogar vôlei (A3), projetos no período inverso ao da escola, como de plantação no Sesc (A4), dançar *Hip Hop* (A2, A3) e aulas de computação (A3).

A partir da análise conjunta dos relatos sobre a rotina, atividades de lazer e aquelas que mais os divertiam, destacaram-se os relatos de atividades diferentes, desempenhadas por esses adolescentes, além de três já trabalharem. Ter uma agenda com diversas tarefas que englobem lazer e esportes em grupo, bem como investimentos na educação, pode ser considerado como um fator de proteção para esses adolescentes. Assim, o tempo destinado a essas atividades “protegeria” os adolescentes de se envolverem com outras situações, como o uso de drogas.

## **2.2 Percepções sobre a escola**

Nessa subcategoria incluíram-se os depoimentos dos adolescentes sobre como se sentiam na escola, o histórico escolar de reprovações e motivos que os levavam a faltar aulas.

Em relação às formas com que se sentiam na escola, cinco adolescentes disseram que se sentiam bem (A1, A2, A5, A6, A7,) e apenas um “mais ou menos” (A3), mas devido aos colegas o incomodarem e não em relação à estrutura da escola. Além disso, a escola também era percebida como um lugar para aprender, para fazer amigos (A4, A6) e para poder jogar futebol (A4), sendo considerada “boa” (A5) ou “legal” (A7).



*“Bem. É um lugar que tu vem pra aprender, né? [O quê] Ah, aprender a vida aqui dentro, né? Porque tudo que tu aprende aqui tu vai usar, mas na frente, sem estudo a pessoa não é nada, hoje em dia não é nada”. (A1)*

*“Me sinto um guri bem melhor, porque eu tô na sexta série, que eu vou passa na sétima, porque meus pais não puderam frequentar, porque fizeram eu bem cedo, daí eu quero ter esse ideal pra eles [os pais engravidaram dele na adolescência]”. (A2)*

*“Ah, mais ou menos. (...) Tem gente que pega no meu pé, aqui. [Por quê?] Porque sim, não sei porque que eles botam apelido em mim. (...) Eles falam bem assim: ah, bafo de onça, essas coisas assim. Só que eu não tenho, é coisa do estômago, que a minha família tem isso daí. Só que tem uns que têm e outros não. Daí eles ficam falando. [Como tu te sente quando eles ficam falando isso pra ti?] Ah, eu fico quieto na minha, deixo eles falar, porque eu sei que é coisa, né, é coisa do meu próprio estômago, eu não posso fazer nada (...) É, eles ficam bem assim: “ô, bafão... não sei o quê”. Daí eu não falo nada, fico quieto”. (A3)*

*“Ah, eu acho legal, fazer muitos amigos. (...) Ah aqui eu gosto também de estudar daí na segunda tem física pra jogar futebol também”. (A4)*

*“É uma escola boa. (...) Os professores são legais. (...) Tem tudo, é boa. (...) É difícil pra quem não estuda. (...) Eu estudo, se eu não estudasse, eu não ia tá passado de ano”. (A5)*

Às vezes, a escola era o lugar preferido para estar, pelas atividades disponíveis o que levava o adolescente a se sentir mais “ativo” (A7).

*“Ah, não posso reclamar daqui. Ahh... eu gosto até daqui, eu acho legal, eu gosto de... ah, tem gente que não gosta muito de estuda, também não vou muito com a cara, mas eu gosto um pouco. (...) às vezes eu prefiro ficar aqui do que em casa. (...) Em casa, às vez eu sou muito parado. Em casa eu fico deitado assim, sentado, deitado, computador, videogame. Eu não faço quase nada, então aqui... eu tenho meus amigos e tudo. (...) Mais ativo, bem mais ativo”. (A7)*

Em relação ao histórico escolar dos participantes, dois já haviam sido reprovados uma vez (A2 na 3ª série; A4 na 1ª série), quatro reprovaram duas vezes (A1 na 4ª e 5ª séries; A3 na 5ª série; A5 na 2ª e 5ª séries; A6 na 4ª e 6ª séries) e um nunca foi reprovado (A7). Os adolescentes que tiveram reprovações apresentaram justificativas para a ocorrência desses eventos, como: trocar de escola e não saber o conteúdo (A1), ter “hiperatividade” (A3) e incomodar na sala de aula (A2), como pode ser visualizado abaixo:

*“[na 4ª série] Porque uma eu vim embora pra cá [Porto Alegre] e acabei perdendo... daí rodei. E daí na outra [5ª série] eu não sabia o conteúdo e rodei também”. (A1)*

*“É que eu incomodava muito, eu tenho hiperatividade. [O que tu faz na aula?] Ah, eu bagunço... Subo em cima da mesa, começo a fazer um monte de coisa, assobiar dentro da sala”. (A3)*

*“Na terceira série. (...) É que eu incomodava muito, não queria vim pro colégio, até que uma vez eu cheguei a perceber que o colégio faz bem pra minha vida e que eu vou precisa no futuro”. (A2)*

Quanto às notas, em geral, os adolescentes as percebiam como “boas” (A1, A2, A4, A5, A7). Para um adolescente suas notas eram “mais ou menos” (A6), mas, através da recuperação, ele conseguia aumentá-las e passar de ano. As vinhetas abaixo mostram que um adolescente (A2) referiu se esforçar para ser o melhor e outro referiu que seus problemas se relacionam ao comportamento e não às notas.

*“Minhas notas... me esforço pra ser o melhor”. (A2)*

*“Ah são boas, só às vez não são boas por comportamento... Porque eu falo muito. (...) Daí eles ligam pra minha mãe pra ela vim conversar, mas agora eles nem ligam muito”. (A4)*

Os participantes também referiram que, em geral, não faltavam às aulas, apenas quando estavam doentes ou haviam se machucado (A3) ou, ainda, acontecia algo no cotidiano que os impedia, como ter que ficar em casa para cuidar dos irmãos (A7) ou quando o relógio não despertava (A6). Ressalta-se que um dos adolescentes (A6) referiu faltar aulas com frequência nas segundas-feiras, pois trabalhava nos domingos à noite. Mas o mesmo copiava o conteúdo do caderno de alguma colega.

*“Não. Coisa que eu não faço. (...) Só quando tem um problema, quando eu tiver doente, bem doente, até com febre, com 38 de febre, eu trago o remédio e venho estudar”. (A1)*

*“É, eu andei faltando muito agora. (...) Eu bati com um, bati com um ferro nas costas, aqui assim, daí eu não consegui mexer esse lado aqui, é com essa mão que eu escrevo, né, não podia assim. Eu me levantava assim, doía assim, eu fazia qualquer gesto e doía”. (A3)*

*“Na maioria das segundas eu não venho [porque trabalha domingo de noite]. Depois eu chego e peço pra C., que é minha colega, o caderno pra eu copia as coisas”. (A6)*

Como puderam ser visualizadas acima, as percepções sobre a escola enfocaram características positivas, não apenas em relação a aspectos educacionais, mas também em relação às possibilidades de lazer que proporcionava. Nesse contexto, a escola foi percebida por alguns participantes como um espaço que podia estimular as atividades recreativas, como jogar bola,

além de ampliar a rede de amigos. Talvez por esses motivos os adolescentes referiram pouco faltarem às aulas, as quais somente ocorriam diante de algum motivo de doença ou necessidade de auxiliar nas tarefas familiares, como cuidar os irmãos. Apesar de seis participantes já terem vivenciado a experiência de reprovação, todos pareciam motivados para permanecer na escola.

### 2.3 Percepções sobre o trabalho

Três adolescentes (A1, A2, A3) trabalhavam e recebiam remuneração. Um participante (A1) trabalhava como auxiliar de mecânico de automóveis, em seis turnos por semana, e tinha renda mensal média de quase um salário mínimo (R\$ 440,00). Outro (A2) era carimbador de pacotes de fermento biológico e trabalhava quatro turnos por semana, com uma remuneração mensal de quase dois salários mínimos (R\$ 960,00). Outro adolescente (A6) trabalhava como auxiliar de fotógrafo as sextas, sábados e domingos à noite e tinha remuneração mensal de um salário mínimo e meio (R\$ 800,00). Quando questionados sobre o que achavam de seus trabalhos, os três adolescentes demonstraram gostar das atividades que realizavam, sendo que o primeiro (A1) pretendia seguir trabalhando como mecânico, após finalizar o Ensino Médio, e a profissão de fotógrafo também era uma opção para o outro participante (A6). Entretanto, um dos entrevistados (A2) iniciou a trabalhar por necessidade de aumentar a renda familiar, uma vez que sua mãe teve que se aposentar precocemente. Apesar disso, gostava da atividade que realizava, como pode ser observado nas passagens abaixo:

*“Legal. Eu gosto de carros, aprendo, que nem meu pai”.* (A1)

*“Eu acho um trabalho bem bom, que não se esforça muito e não daqueles trabalhos que precisa de idade, não sei o quê. O meu pai, ele até trabalha de porteiro, um dia sim dia não, só que quando ele tá de folga, ele tem um carrinho de doce que ele sai pra vender, pra sai o dinheiro um pouquinho a mais. Daí ele compra as coisa, eu ajudo ele a pagar, daí fizemos assim o negócio. [Tu começou a trabalhar pensando no quê?] Pensando em ajudar meu pai e trazer mais coisas pra dentro de casa [a mãe tinha parado de trabalhar]”.* (A2)

*“Eu acho legal. No meu trabalho, às vez, eu até me divirto um pouco, que tem festa, essas coisa. Eu gosto um pouco de festa. (...) Eu gosto. Ele até tá me ensinando a tirar foto pra mim ser fotógrafo”.* (A6)

Os demais adolescentes (A3, A4, A5, A7) não trabalhavam no momento da realização da entrevista, e dois deles (A4 e A7) só pensavam em começar a fazê-lo após terminar o colégio.

Ressalta-se que um dos participantes (A5) teve dois trabalhos de férias como ajudante de pedreiro e, se o convidassem para trabalhar nas férias, ele aceitaria novamente.

## 2.4 Relacionamentos de amizade

Essa subcategoria abarcou os relatos dos adolescentes sobre o relacionamento com seus amigos.

Cinco dos participantes (A1, A3, A4, A5, A7) relataram ter vários amigos, que eram geralmente vizinhos ou colegas de escola. Em geral, os adolescentes referiram ter amigos de ambos os sexos, com os quais conversavam, saíam para passear e realizavam atividades de lazer, como mostram os relatos abaixo:

*“Hmm... amigos eu tenho um monte, mas tem sempre aquela coisa quem tá mesmo são os meus colegas, como o I., que mora do lado da minha casa. (...) Ah, nos finais de semana vamos no Iguatemi... caminhar quando tem tempo, andar de skate... isso”. (A1)*

*“Ah, me dou bem com eles até. Sempre converso com eles. (...) A gente vai pros shopping, saímos também. [Vocês saem de noite?] Não. Só quando tem festa assim no Gasômetro por exemplo. [Quantos amigos assim?] Uns 16... Tem mais lá com a minha avó, lá com os meus tios lá. (...) Mais menino”. (A4)*

*“Deve ser uns 10 amigos e umas 10 amigas. (...) Da rua, de tudo que é lugar eu tenho. (...) Agente vai dar banda, ficamos dando banda, vamos pros shoppings. [Saem à noite?] Não, a gente não sai de noite. (...) A gente não gosta muito... Não, não sou chegado de sair muito de noite”. (A5)*

*“É uma amizade legal que a gente tem, a gente tá sempre marcando pra sair, sabe? É difícil a gente ir, mas a gente tá sempre marcando [risos]. (...) marca mais do que faz”. (A7)*

Já dois participantes (A2, A6) referiram ter poucos amigos, por não saírem muito de casa.

*“Não tenho muita relação com eles, porque eu fico mais é dentro de casa do que na rua”. (A2)*

Apesar de ter ocorrido diferenças na quantidade de amigos, todos os participantes referiram ter, pelo menos dois amigos próximos. Destacou-se o fato de nenhum adolescente entrevistados sair para festas noturnas com seus amigos. Por outro lado, eles realizavam atividades diurnas, como passeios, conversas, jogar bola, entre outros.

### 2.3 Relacionamentos amorosos

Dos adolescentes entrevistados, quatro não tinham namoradas (A1, A2, A3, A5) e três estavam “ficando”. Quanto a esses últimos, os relatos mostram que eles não encontravam freqüentemente com as “ficantes” e as atividades que realizavam juntos consistiam em ir ao cinema, passear ou ir ao clube.

*“Aham, a gente vai nos cinema às vezes. Daí meu irmão me leva, me deixa lá, depois ele me busca. [Vocês se vêem com freqüência?] Todos os dias, ela mora ali no mesmo bairro. [Ela tem quantos anos?] 13”. (A4)*

*“Às vezes eu vou na casa dela também, mas não é sempre. (...) Uma vez por semana. (...) A gente se dá bem! (...) A gente fica, de verdade assim, não faz muito”. (A6)*

*“É, às vez eu saio, cinema, essas coisa assim. (...) Eu gosto dela, mas é que a distância também... [morava longe da casa dele] (...) Faz tempo [que conhece ela], mas faz pouco [que começaram a ficar]”. (A7)*

Associado ao tema do relacionamento afetivo, também se constatou algumas informações sobre o comportamento sexual dos adolescentes com base nas suas respostas à “*Ficha práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis – versão do pai*” descrita no Capítulo II. Os resultados mostraram que apenas um dos participantes não tinha tido sua iniciação sexual e os demais tiveram suas iniciações sexuais entre 11 e 14 anos. Mencionaram ter usado preservativos na primeira relação, além de receberem orientações dos pais (A2, A4, A7), da irmã (A3), da escola e televisão (A7). Apenas o A6 referiu não receber nenhum tipo de orientação.

### 3. Projetos de vida

Esta categoria abarcou os relatos dos adolescentes não-pais sobre seus projetos de vida. Para fins de análise, os depoimentos foram agrupados em quatro subcategorias: 1) Características dos projetos de vida; 2) Esforços destinados à realização dos projetos de vida; 3) Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes e 4) Percepções sobre as mudanças nos projetos de vida frente à paternidade na adolescência

As questões da entrevista que embasaram esse tema concentraram-se no segundo bloco e foram: “*Quando tu pensas sobre o teu futuro, quais são os teus planos? O que tu fazes para alcançar esses planos? O que tu achas que teus pais esperavam para teu futuro? Tu achas que*

*algo mudaria nos teus planos, se tu te tornasses pai nesse momento? (Se sim) O quê?*”. Cada uma dessas questões foi explorada em relação ao trabalho, estudos, casamentos, filhos e local de moradia, conforme já explicitado na apresentação da entrevista.

### **3.1 Características dos projetos de vida**

Na presente subcategoria foram abarcadas as falas dos participantes sobre seus projetos de vida. Em particular, buscou-se investigar aqueles relacionados à escola, ao trabalho, à família e à moradia, de acordo com os objetivos do presente estudo.

A análise dos relatos mostrou uma variedade de projetos de vida, alguns mais definidos, outros ainda sendo construídos, mas com diversas possibilidades. Todos os participantes relataram pensar sobre o futuro e ter planos para o mesmo. Inicialmente foram abordados os projetos de vida de maneira geral, como por exemplo: ter uma família (A1, A2, A4), ter uma casa (A1, A2), ter um carro (A3), ter um emprego (A1, A2, A4), ter uma boa remuneração (A4), ter um filho (A2), ajudar as pessoas (A4), ser um profissional de nível superior (A6: arqueólogo; A7: advogado).

*“Ter uma família, uma casa e um serviço”*. (A1)

*“Os meus planos é, o trabalho que eu já tenho, compra minha casa tudo, ter direitinho pra depois namora e ter um filho”*. (A2)

*“Ah, trabalhar muito, assim, ter a minha casa, essas coisas, ter o meu carro, uma moto, talvez”*. (A3)

*“Ter filhos, criar bem, educar. Ah, quero ter um bom trabalho pra sustenta minha família. [O que é um bom trabalho assim, assim?] Ganhar bastante dinheiro, ajuda as pessoas”*. (A4)

*“Ah, depende, vários. (...) Um pode ser jogador de futebol, que eu gosto, que eu jogo bem futebol. O outro pode ser trabalhar em alguma empresa, esses dois”*. (A5)

*“Eu queria ser, o meu sonho era ser Arqueólogo (...) que eu gosto dessas coisas. [Quando surgiu a vontade se ser arqueólogo?] Desde pequeno que eu gosto... de achar coisas. (...) Mas eu acho que não dá, né? É difícil. [Por quê?] Sei lá, tem muita coisa, tem que estudar bastante. Não sou muito pra isso”*. (A6)

*“Ah... no que eu vou trabalhar, no que eu quero fazer da minha vida... Não quero fazer sempre a mesma coisa”*. (A7)

Em um segundo momento, questionou-se separadamente os planos em relação à escola, ao trabalho, à constituição de uma família e à moradia. Todos os participantes referiram ter algum projeto quanto à escolarização, como mostram os relatos abaixo:

*“Ah, eu pretendo fazer tudo o que tem que fazer... oitava, primeiro... [terminar o Ensino Médio]”.* (A1)

*“Termina tudo que tem pra termina os estudos [terminar o Ensino Médio]”.* (A2)

*“Estudo? É só terminar os meus estudos, fazer uma faculdade, enfim, fazer as minhas coisas”.* (A3)

*“Fazer curso de computação e mais de inglês... Fazer uma universidade, né? (...) [E tu pensa em alguma profissão já?] Agora não. (...) Só jogar futebol, um pouco. [Mas tem alguma profissão que te atraia assim?] De cantar”.* (A4)

*“Estudar? Eu quero fazer faculdade. (...) Faculdade de Administração de empresas. [Tu me disse antes que queria ser jogador de futebol...] É, eu tô no curso de futebol, daí lá aonde eu tô eu posso ser jogador profissional se me descobrirem. (...) O plano A vai ser futebol, o plano B é trabalhar em alguma empresa”.* (A5)

*“Não sei, mas eu acho que eu queria estudar só até o primeiro grau e parar. (...) Só até ano que vem e parar. Tá bom já. (...) Eu acho que não precisa [fazer o Ensino Médio]. (...) Eu não gosto muito de vim estudar, essas coisas. De vim na escola eu gosto, não gosto de vim estudar. (...) Eu não gosto muito de fazer prova, essas coisas”.* (A6)

*“É... eu quero tentar fazer mais um curso de informática, eu já fiz informática já. Eu terminei o curso, só não terminei digitação, por isso que eu não peguei diploma. Mas o curso todo foi bem completo. [Além disso] o meu pai quer ver se eu consigo vaga na... bolsa na... na escola da Brigada, pra eu sair Sargento, essa coisa assim. Agora, ano que vem é só segundo grau e eu vou fazer as provas. Daí já sai preparado prá... já sai Sargento do Exército, da Brigada. É bem mais puxado. (...) Também penso em fazer um curso preparatório, antes de fazer as provas.”.* (A7)

Analisados conjuntamente, os relatos dos participantes mostraram a motivação de quase todos em permanecer na escola, uma vez que tinham projetos de concluir o Ensino Médio (A1, A2) e realizar alguma faculdade (A3, A4, A5, A7). Em seu relato, um dos participantes (A6) mostrou um pouco de indecisão quanto à permanência na escola, além do Ensino Fundamental. Esse adolescente (A6) referiu a vontade de continuar trabalhando como auxiliar de fotógrafo e, futuramente, ser “fotógrafo profissional”, bem como expôs o sonho de ser Arqueólogo, o que seria mais difícil, pois teria que continuar estudando, o que ele não gostava muito de fazer. Assim, este adolescente ainda não mostrava ter um projeto muito definido quanto a sua escolarização, diferentemente de outro adolescente (A5) que relatou ter um “plano A” e, se caso não fosse

concretizado, tinha também um “plano B”. Do mesmo modo, o depoimento de um dos participantes (A7) mostrou que seus projetos pareciam estar definidos: queria fazer Direito e, em seguida, prestar concurso para a Polícia Federal.

Em relação ao trabalho, os participantes elucidaram projetos quanto à escolha profissional, bem como em ter alguma profissão no futuro ou prosseguir no trabalho que estavam atuando, quando foi realizada a entrevista.

“[Tu gosta do teu trabalho, né?] *Gosto*. [Tu pretende continuar trabalhando nisso?] *Pretendo*” (A1).

“*Ah, eu penso em ser veterinário... Que eu gosto de bichos*. [Tu conhece algum veterinário?] *A irmã da minha cunhada é veterinária*”. (A3)

“[E trabalhar, tu consegue imaginar um trabalho?] *Trabalho não*. [Alguma coisa que tu goste?] *Nesse momento não*”. (A4)

“*Ser fotógrafo*”. (A6)

“*Eu quero fazer Direito, pra começar, depois do Direito eu quero tentar a Polícia Federal*”. (A7)

Em relação à escolha profissional, os participantes referiram ter projetos de vida, mas ainda não muito estruturados. Dois (A1, A6) mostraram uma motivação para seguirem com os trabalhos que já realizavam no momento da entrevista. Já outros dois (A3, A7) explicitaram faculdades que queriam cursar e um participante (A4) referiu não conseguir se imaginar trabalhando naquele momento, pois estava mais focado para jogar futebol. Então esse adolescente não pareceu ter planos estruturados quanto ao futuro profissional, apesar de gostar de cantar. Um dos adolescentes não-pais (A5) pensava em trabalhar como Administrador de Empresas, se caso não conseguisse se tornar jogador de futebol, como descrito anteriormente. Por fim, um participante (A2) apenas conseguia ter planos em relação aos estudos e não em relação ao trabalho.

Em relação à constituição familiar, foram questionados os projetos de vida dos participantes quanto a casar ou ter uma companheira e a ter filhos.

Quatro participantes (A1, A4, A5, A7) citaram projetos de casamento. Já dois referiram querer ter uma companheira, para morar juntos sem se casarem (A2, A6). Entretanto, algumas vezes referiram como condição para isso acontecer o fato de ter um bom emprego.



*“Bah, casamento é difícil! [Por quê?] Porque sim! Bah, tem que ter aliança, é um monte de gente, daí o cara fica com vergonha, eu sou envergonhado, eu sou tímido. (...) Ah mas penso em ter uma companheira, assim, mas legal, assim, que fique comigo, né, que seja fiel, essas coisas.”. (A3)*

*“Com uns 22. Casar antes e ter filho”. (A4)*

*“Sim [quer casar]. [Mas] Tem que tá bem na vida. [O que precisa pra tá bem na vida?] Estudar bastante e pegar um bom emprego. (...) Lá pelos 29, mais ou menos”. (A5)*

*“Não [quer casar]. Porque depois que briga, fica ruim de separar. [E morar junto?] Ah não sei. Morar junto eu acho que sim, aí eu faço a minha própria família. (...) Assim... eu vou estar namorando, com uns 25 anos, eu vou ter um filho e daí a gente começa a morar junto. [Depois que tiver o filho?] Sim”. (A6)*

Além disso, seis participantes referiram ter projetos quanto a filhos (A1, A2, A4, A5, A6, A7) e as idades para se ter o primeiro filho variaram desde 20 a 29 anos. Alguns já destacam a quantidade (A4, A7) ou o sexo dos filhos (A6) que gostariam de ter. Um dos entrevistados (A5) ressaltou a necessidade de ter uma boa situação econômica, para não deixar o filho “na miséria”, bem como para poder se casar. Outro (A3) destacou que não tinha vontade de ter um filho, e ao justificar os motivos dessa decisão, trouxe elementos de sua história pregressa - a possibilidade que os pais falecessem previamente, deixando a criança sozinha.

*“Eu, minha mulher, um filho e minha casa”. (A1)*

*“Filho eu não quero ter. [Por quê?] Porque não, é difícil. Por exemplo, assim, daí acontece alguma coisa, assim, inventa de ter um atropelamento, alguma coisa assim com o meu filho, daí eu vou me sentir mal. Porque os meus pais já faleceram, né, tem parente meu que já faleceu, minhas tias. [O que aconteceu com os teus pais?] O meu pai, a minha... o meu pai morreu de tiro. (...) A minha mãe teve derrame”. (A3)*

*“Dois. [Com que idade?] Com 20, 21. [Por quê?]: Ah, porque é melhor pra mim me organizar... Pra organizar meus planos”. (A4)*

*“Daí tem que ver. (...) Ver se eu vou tá com um dinheiro bom. (...) não vai deixar o filho na miséria. (...) Daí tem que ser bem... tem que ser muito irresponsável pra deixar o guri na miséria”. (A5)*

*“Eu queria ter filhos. (...) Eu queria ter uma menina. É que eu gosto de criança, sabe? [Com que idade?] Acho que com uns 25”. (A6)*

*“Uma família. Ter uma família. Mas não muito cedo. Sim eu penso, mas não muito cedo [em ter filhos]. (...) Ah... com uns 20 e poucos, 25 por aí... uns dois [filhos] tá bom”. (A7)*

Associado à constituição familiar, também foram questionados os projetos de vida dos adolescentes em relação ao lugar que planejavam morar e ao tipo de moradia.

*“Ah, por aqui perto, por aqui [onde moram os pais]”.* (A1)

*“No Rio de Janeiro. [Por quê] Porque sim, lá é legal. [O que tu mais acha mais legal de lá?] Ah, várias coisas, tem um monte de coisa que é legal lá. (...) Praia, assim, shopping também, é legal lá. [Tu foi já pro Rio?] Não. [Tem vontade de ir?] Aham. (...) Ou se não no Canadá, lá onde que o meu tio mora. [E tu tem contato, assim, com ele? Fala bastante com ele?] Não. Eu cheguei a conhecer ele, mas, só que daí eu conheci ele, daí ele pegou e nesse tempo ele foi embora”.* (A3)

*“Não sei. (...) Em uma casa, que apartamento é ruim, que não pode fazer barulho. [Teria algum lugar?] Lá no Baltazar, na Safira, perto da minha avó. (...) Porque lá tenho muitos amigos”.* (A4)

*“Comprar uma casa.(...) Teria que ser grande... Três quartos... três quartos, uma casa normal, um banheiro, uma cozinha”.* (A5)

*“Ah... perto da minha casa [que mora agora], porque eu não quero morar longe. (...) Eu não quero sair de perto da minha mãe, essas coisas”.* (A6)

*“Ah, não sei bem, aqui em Porto Alegre, numa casa. (...) não tenho preferência [de localização]... Até porque até lá, é muito tempo ainda”.* (A7)

A análise conjunta dos depoimentos mostrou projetos de vida pouco estruturados em relação à moradia, uma vez que a resposta inicial de alguns adolescentes foi “não sei” ou “tanto faz”. Entretanto, alguns responderam que planejavam morar em Porto Alegre, próximo do lugar que residem com os pais e familiares (A1, A4, A5, A6, A7). Um dos participantes (A3) mostrou um desejo de morar no Rio de Janeiro, embora não conhecesse essa cidade. Nesse caso, parece que o relato desse adolescente se aproximaria de um sonho, talvez difícil de ser transformado em projeto de vida.

### **3.2. Esforços destinados à realização dos projetos de vida**

Nesta subcategoria foram incluídos os relatos relacionados aos esforços dos participantes e possíveis ações a fim de concretizar esses projetos de vida.

*“Me esforço. [Como?] Ah, eu tento fazer tudo pelo certo, não incomodo, não faço nada, fico na minha assim.”* (A1)

*“Estudando bastante e obedecendo aos meus pais”.* (A2)

*“Estudar, terminar os meus estudos e trabalhar muito, guardar um bom dinheiro...” (A3)*

*“Hoje eu estudo. Ter um bom estudo [para ter conquistas]. (...) também vou ajudar as pessoas, pra no futuro ser ajudado. (...) Ah, ajudo os meus amigos, é que às vez, quando divido minhas coisas, eu dou pra eles”. (A4)*

*“Na faculdade me esforçar bastante e no futebol bastante dedicação”. (A5)*

*“Eu penso em juntar o dinheiro, todos os meses, quando recebesse, ia juntar um dinheiro e guardar, pra ai ter a casa, comprar as coisas, comprar as coisa pro filho”. (A6)*

*“No colégio eu sei que eu tenho que..., eu não vou parar de estudar. Eu vou terminar e eu vou tentar fazer o melhor pra mim. Eu quero ter uma vida bem melhor. (...) Eu quero me esforçar mesmo pra eu conseguir o que eu quero”. (A7)*

Em geral, os relatos dos adolescentes destacaram a permanência na escola como sendo a principal maneira de concretizarem seus projetos de vida. Além disso, o esforço pessoal (A1, A5, A7), fazer as coisas certas (A1), obedecer aos pais (A2), trabalhar (A3), ajudar os outros (A4), ter dedicação (A5), guardar dinheiro (A3, A6) também foram elementos importantes para que suas aspirações fossem alcançadas. Além disso, destacou-se o relato de um dos participantes (A7) que, assim como ocorreu ao longo da entrevista, referiu quais seriam as principais dificuldades em conseguir concretizar seus projetos. Esse adolescente mencionou as seguintes soluções para as mesmas: contar com o apoio de seus pais e de seu tio que estudou Direito – que é a profissão que ele almeja –, fazer cursos preparatórios para ingressar em uma escola com nível de exigências mais alto durante o Ensino Médio. Essas ações o auxiliariam na concretização de seus projetos de vida, pois o deixariam mais preparado para ingressar na universidade ou para seguir carreira como oficial da Brigada Militar.

### **3.3 Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes**

Nessa subcategoria incluíram-se as percepções dos participantes sobre o que seus pais esperavam para seu futuro.

*“O meu bem, né? Em primeiro lugar o meu bem. Isso. [O que que seria o teu bem pra eles?] Ah, não me ver na rua, como muita gente... não me ver com drogas, isso ai”. (A1)*

*“Eles esperam que eu seja... Cresça, seja um homem bem virtuado, que a minha esposa não reclame de nada pra minha mãe”. (A2)*

*“Ah, ela, a única coisa que ela queria que eu fosse um bom menino, né, que eu estudasse, terminasse os meus estudos, fizesse uma faculdade, porque o meu irmão mais velho ele fez, tá fazendo a quinta faculdade, já. (...) Que eu, que eu seguisse o exemplo do meu irmão”.* (A3)

*“Ah, eles esperam que eu seja, que eu tenha uma boa família e não me envolva com droga. Eles falam pra mim não me envolver nesse mundo, pra mim ajudar as pessoas quando puder”.* (A4).

*“Não sei. [os pais]. (...) Só uma vez. (...) Eu não tava querendo estudar muito, daí eles [avós maternos] falaram que eu tinha que estudar. A minha avó disse pra mim estudar. Pediu pra eu estudar”.* (A5)

*“Eles queriam que eu fizesse tudo, faculdade, essas coisa. Mas eu falei pra eles que eu não queria, né? (...) eles esperam que... eu acho que eu fique feliz, né, numa família, com a pessoa que eu gosto, essas coisas. (...) Às vezes eles falam essas coisas, que eu tenho que trabalhar, que não pode assim, sair pra qualquer serviço. Não fazer nada de mal no serviço pra não ser despedido, essas coisas. E no futuro ter pelo menos um dinheiro guardado”.* (A6)

*“O melhor. (...) Eles, meu pai principalmente que é brigadiano e sabe bem como é, ele não quer assim que eu seja brigadiano. Ele me apóia assim, que eu seja Federal, do Exército, assim, mas a Brigada Militar mesmo, ele não... ele não gosta muito. (...) Por que ele sabe que é violento, ele trabalha na rua. Principalmente na Vila, ele trabalha aqui. (...) ele já viu o colega dele morrer, ele já viu muita coisa assim...[E a tua mãe?] ela só que... que eu tenha um emprego bom”.* (A7)

Entre as respostas dos adolescentes, destacaram-se a importância de não se envolver com drogas (A1, A4); ter uma boa família (A4, A6), ao ser um homem com muitas virtudes e respeitar a esposa (A2); além de continuar os estudos (A3, A6) e seguir o exemplo do irmão (A3).

### **3.4 Percepções sobre mudanças nos projetos de vida frente à paternidade na adolescência**

Essa subcategoria compreendeu as percepções dos adolescentes sobre as possíveis mudanças que a gravidez na adolescência poderia trazer aos seus projetos de vida.

Os participantes destacaram diferentes repercussões possíveis de uma gravidez para as suas vidas. Algumas mudanças seriam maiores, abarcando quase a totalidade dos projetos de vida, uma vez que os projetos seriam diminuídos pela metade (A2), ou o término da juventude (A7), pois os esforços seriam destinados a suprir as necessidades do bebê (A2), diminuindo as possibilidades de concretizar os anseios individuais (A7). Outras modificações apontadas foram mais amenas, embora sejam tão importantes quanto às anteriores, como: destinar tempo aos cuidados com o bebê (A3), adiar alguns projetos de vida (A3, A7) e aumentar a responsabilidade (A7). Apenas um participante (A6) referiu ficaria feliz se viesse a se tornar pai durante a

adolescência, mas essa felicidade estaria agregada à ajuda que o mesmo receberia de sua mãe nos cuidados com o bebê.

Além disso, os participantes destacaram a necessidade de ter um trabalho na situação de paternidade, sendo que isto acabaria sendo acompanhado pela desistência da escola.

*“Mudaria muito. Praticamente tudo. (...) Que nem eu falei aquela hora, vou ter que ficar cuidando do filho, vou ter que procurar mais de um trabalho pra poder comprar várias coisas pra dar pro guri, roupa, daí fica ruim, esperar pela família assim, daí não vai ter muito como pensar, daí fica tudo cortado pela metade”.* (A2)

*“Ah, que eu ia, eu ia ter que ficar mais perto do meu filho, né, cuidar dele, trabalhar, essas coisas, ter a minha casa, construir a minha casa, fazer várias coisas, assim”.* (A3)

*“Não, ser veterinário eu podia, mas só que ir pro Rio de Janeiro agora não, só quando ele tiver grande, assim, por exemplo, com 14 anos, 15, daí ele vai poder ir comigo”.* (A3)

*“Ah... daí eu ia começar a trabalhar e estudar. Trabalhava meio turno”.* (A4)

*“Mudaria tudo! Ah, sei lá, eu acho que eu ia ficar feliz. (...) Daí eu ia dizer pra minha mãe, que eu acho que ela ia ficar feliz também. (...) Eu acho que ela ia me apoiar, ia me ajudar a cuidar da criança, tudo. Ia ajudar, né, até ela ficar maiorzinha e tudo”* (A6).

*“A escola eu acho que eu não ia parar, assim. [E o trabalho?] Não, o trabalho eu ia continuar. (...) Ia continuar indo pra... pra ajuda a criança. (...) porque é de manhã a escola, daí de tarde eu trabalho, sexta, sábado e domingo, acho que ia dar. [Morar junto] Ainda não, porque a gente é muito novo pra morar só nós dois... (...) Ah, mas eu acho que eu ia mudar, eu não ia mais ficar na rua muito, ia parar assim, de se divertir um pouco, ah sei lá, ia mudar tudo, eu acho. (...) Eu ia me sentir responsável”.* (A6)

*“Ia mudar tudo. (...) Bom, ah... não ia mais ter juventude, vamos dizer assim, que eu ia ficar mais preso [pausa]. Ah, ia mudar muita coisa”.* (A7)

*“No colégio até acho que sim, mas não ia dar pra fazer tudo o que eu quero... Tem muita responsabilidade, né? Não sei. (...) Ah... ia procurar emprego, ia procurar o que tivesse. (...) Mais no futuro, até tentaria de novo [fazer Direito]. Mas agora mesmo, qualquer coisa. (...) A minha relação com ela não sei ia piorar ou se ia melhorar até, até acho que sim, porque ia ter um filho junto. Até melhoraria por um lado... A gente ia fica mais próximo. Mas um filho também! Muita coisa”.* (A7)

Todos os participantes destacaram que a ocorrência da gravidez na adolescência traria mudanças em seus projetos de vida. Em geral, os depoimentos mostraram repercussões negativas da gravidez na adolescência, devido às mudanças e às limitações acarretadas pela mesma, do

mesmo modo como haviam referido anteriormente em relação às reações frente à notícia da gravidez.

## DISCUSSÃO

O objetivo desse estudo foi investigar a percepção de adolescentes não-pais sobre os projetos de vida e sobre a paternidade adolescente. Em particular, buscou-se examinar suas percepções sobre o impacto de uma gravidez na adolescência nos projetos de vida, em relação à família, à escola e ao trabalho. Nesse capítulo, serão discutidos os principais resultados, levando em consideração a literatura. Para tanto, serão retomados os temas centrais das categorias descritas anteriormente.

Os resultados revelaram que as reações e opiniões dos quatro participantes do presente estudo frente à notícia da gravidez de um adolescente que conheciam foram permeadas basicamente por aspectos negativos. Além de serem ressaltadas características quanto à falta de responsabilidade, também foram citadas as perdas que acompanhariam este evento no decorrer da vida do adolescente. Essas reações parecem refletir uma tendência da sociedade e da mídia em ressaltar os estereótipos negativos associados à gravidez na adolescência (Elster & Hendricks, 1986; Heilborn et al., 2002; Herrman, 2008; Levandowski, 2001a). Além disso, um dos participantes ressaltou que, caso vivenciasse a situação de paternidade na adolescência, ficaria chateado e também sentiria vergonha diante das outras pessoas. Essa visão negativa da paternidade na adolescência também pode, muitas vezes, afastar o pai adolescente do convívio social e com o bebê (Camarena et al., 1998).

Associadas às reações frente à notícia, encontrou-se também algumas opiniões negativas dos participantes em relação às repercussões da gravidez na vida dos adolescentes que conheciam. Além de diminuir o tempo destinado ao lazer e ao convívio com os amigos (Herrmann, 2008; Lima et al., 2004; Montemayor, 1986), a necessidade de sustentar o bebê levou três dos pais adolescentes citados pelos participantes a iniciar um trabalho, dos quais um abandonou a escola e outro passou a coabitar com a gestante. Os participantes perceberam que essas mudanças trouxeram algumas renúncias (Frizzo et al., 2005), além de aumentarem as responsabilidades (Cabral, 2003; Folle & Geib, 2004) e a maturidade (Trindade & Menandro, 2002) dos pais adolescentes. Assim, esses dados corroboram a literatura sobre os impactos sociais associados à gravidez na adolescência. Além disso, os resultados também se aproximam do que apontou

Herrman (2008) em um estudo realizado com adolescentes que não tinham filhos: ao mesmo tempo em que esses jovens associavam a gravidez na adolescência a falhas, irresponsabilidade ou como algo que não deveria acontecer, também acreditavam que a gravidez na adolescência levaria ao amadurecimento, a maior responsabilidade e a adoção de melhores comportamentos.

Os resultados dos dois participantes que não conheciam nenhum adolescente que tivesse se tornado pai na adolescência aproximaram-se das percepções descritas acima. Além disso, na opinião deles, se caso algum amigo viesse a se tornar pai adolescente, as outras pessoas, sobretudo os amigos, iriam começar a fazer piadas do jovem pai ou mãe, o que levaria o mesmo a sentir-se diferente dos demais.

Quanto ao apoio, de modo geral os participantes consideravam que, embora os amigos auxiliassem os pais adolescentes, dando força, motivando-os ou oferecendo presentes, o maior apoio havia sido recebido pela família. Esse resultado aproxima-se da importância primária do apoio familiar (Carvalho, Merighi & Jesus, 2009; Dallas, 2004; Falcão & Salomão, 2005; Trindade & Menandro, 2002), o que não destitui a relevância do apoio dos amigos.

Especificamente em relação as suas próprias vidas, todos os participantes descreveram ter uma rotina permeada por diversas atividades, além daquelas vinculadas à escola. Ações educativas vinculadas a projetos sociais; sair, conversar e praticar esportes com os amigos; aulas de computação; ajudar na rotina doméstica da casa e no cuidado com os irmãos; entre outros, foram apontados como elementos do dia-a-dia desses adolescentes. Além disso, as atividades de diversão e de lazer também incluíam brincadeiras diárias com os amigos e não abarcavam festas e atividades noturnas. Todos os participantes mencionaram ter pelo menos um amigo próximo, podendo ser um vizinho, um colega de aula ou um primo. Esses resultados parecem demonstrar que a rotina dos participantes era permeada por alguns fatores de proteção. O convívio social com os amigos e as possibilidades de desenvolvimento associados à escolarização são algumas ações que podem proteger os adolescentes, por exemplo, do uso de drogas (Schenker & Minayo, 2005). Como alguns autores apontaram que o consumo de substâncias ilícitas seria um fator de risco à gravidez na adolescência (Coley & Chanse-Lansdale, 1998; Lerner & Galambos, 1998), pode-se pensar que as atividades da rotina dos participantes dessa pesquisa também seriam fatores de proteção a uma possível gravidez na adolescência, mesmo que de maneira indireta. Além disso, é



oportuno considerar que o convívio com os amigos também favorece a construção dos projetos de vida dos adolescentes (Locatelli et al., 2007; Scelza, 2006).

Em relação às percepções dos adolescentes sobre a escola, é oportuno destacar que, embora seis dos participantes já tivessem reprovações em seus históricos escolares, nenhum mencionou ter pensado em parar de freqüentá-la, sem antes concluir o Ensino Fundamental, pelo menos. Além disso, a ocorrência de faltas era pouco comum, sendo restritas a situações de doença ou algum evento do cotidiano ou trabalho que os impedia de ir à escola. Em geral, os adolescentes também referiram sentirem-se bem na escola, considerando-a como “boa”, por ser um lugar em que faziam novos amigos, além de salientarem a importância da escolarização para haver conquistas futuras, conforme a opinião de um dos participantes que considerava que apenas através da escolarização poderia ter um futuro próspero, uma vez que para ele, quem não estudasse, “*não vai pra frente*”. Nesse sentido, permanecer na escola também foi considerado como uma maneira de corresponder às expectativas parentais, no caso de um dos participantes, cujos pais cessaram seu processo educacional após vivenciarem a situação de gravidez na adolescência, quando a mãe engravidou do mesmo. Esse dado confirma os achados de Collins e Laursen (2004), os quais destacaram que a história escolar dos pais comumente influencia nas escolhas dos adolescentes em relação à escolarização. O apoio familiar e os incentivos dos pais auxiliariam na permanência dos adolescentes na escola (Camarena et al., 1998).

Nesta mesma direção, a associação entre baixa escolaridade e condições econômicas precárias tende a ocasionar uma iniciação sexual precoce (Gonçalves, Hallal, Amorim, Araújo, & Menezes et al., 2007). Desse modo, ao faltar aulas e ao desinteressar-se pela escola, o adolescente passaria a focar questões mais relacionadas à sua sexualidade, o que expandiria as possibilidades de vir a se tornar pai adolescente (Elster & Hendricks, 1986). O fato dos entrevistados gostarem de estar na escola, além das suas motivações pessoais, são fatores que contribuem para a sua continuação na mesma, como apontou Marsiglio (1986). Essa permanência na escola pode também ser considerada como um fator de proteção ao desenvolvimento de adolescentes (Gallo & Williams, 2008). Do mesmo modo, associa-se a percepção de outro participante do presente estudo ao referir que permanecer na escola deixava-o “*mais ativo*”, em decorrência das atividades que realizava nas aulas e também no turno inverso seu estudo, como jogar bola e encontrar com os amigos. Esse dado aproxima-se dos resultados encontrados por

Gonçalves et al. (2007), ao mostrarem que, através da realização de atividades esportivas, a escola possibilita uma maior socialização aos adolescentes. Além disso, os resultados do presente estudo também corroboram achados de Filho e Guzzo (2008) que, ao investigarem as percepções de alunos de uma escola pública sobre aquilo que perceberam como risco ou proteção ao desenvolvimento, também encontraram a amizade, a escola e a participação em brincadeiras como elementos que faziam os jovens sentirem-se bem, sendo considerados fatores de proteção. Os resultados do presente estudo também mostraram que os participantes acabavam mais próximos dos amigos que também eram colegas de escola, em comparação com os demais amigos, o que pode demonstrar que a escola também é um importante local para a construção e fortalecimento das amizades.

A análise das percepções quanto ao trabalho mostrou que três participantes já exerciam atividades remuneradas, o que salienta a importância que o trabalho já tinha em suas vidas. Muitas vezes, esse é uma das principais atividades dos adolescentes de classes populares nas suas famílias e na sociedade (Oliveira, 2008), sendo um elemento de construção de suas identidades (Cabral, 2002). Especificamente, em relação a um dos adolescentes do presente estudo, o início de seu trabalho foi desencadeado pela necessidade de auxiliar na renda familiar, situação comum nas classes populares (Heilborn et al., 2002; Watarai & Romanelli, 2005).

Em relação ao relacionamento afetivo com namoradas, nenhum dos adolescentes referiu estar namorando, embora alguns já tivessem vivenciado essa experiência anteriormente. Além disso, três adolescentes estavam se relacionando (ou “ficando”) com uma adolescente, mas os encontros com as mesmas não eram muito frequentes. Associado a esse tema, apenas um participante referiu ainda não ter tido relação sexual; os demais mencionaram que isso já tinha ocorrido, e o início variou entre 11 e 14 anos. A literatura pesquisada aponta que a consolidação da sexualidade é uma das tarefas mais importantes da adolescência (Steinberg, 1993) e inclui o processo de consolidação da identidade masculina, sendo um momento não apenas individual, mas também social significativo (Leal & Knauth, 2006). Além disso, a iniciação sexual dos adolescentes tem ocorrido cada vez mais cedo (Lerner & Galambos, 1998), sendo um fator preocupante pelas conseqüências a ele associadas, tais como doenças sexualmente transmissíveis (Lohman & Billings, 2008) e a própria gravidez na adolescência (Nelson, 2004; Schenker & Minayo, 2005). Por outro lado, os participantes referiram ter usado algum método contraceptivo,

sobretudo a camisinha, para evitar a gravidez e o contágio de doenças. Em geral, os participantes referiram ter recebido orientações sobre a sexualidade dos pais, familiares, amigos, escola e televisão. De fato, esses são alguns dos elementos que contribuem para os adolescentes utilizarem métodos contraceptivos com uma frequência maior (Cabral, 2003; Fagot et al., 1998).

No que diz respeito aos projetos de vida dos adolescentes, os resultados mostraram diversas especificidades quanto aos aspectos particularmente investigados: escola, trabalho e família. Além disso, os participantes expuseram pensar sobre o futuro e ter planos para o mesmo. Em relação à escola, percebeu-se a importância que os participantes atribuíam à permanência na mesma, uma vez que todos mencionaram planos de, pelo menos concluir o Ensino Fundamental, alguns o Ensino Médio, e outros de realizar alguma faculdade. Além de gostarem de frequentar a escola, assim como exposto anteriormente, três adolescentes pareceram motivados quanto à realização de atividades complementares para a formação escolar, como curso de computação e aulas de inglês. É interessante pontuar que as entrevistas foram realizadas no final do ano letivo – na última semana de aula – e, apesar de alguns adolescentes já saberem que haviam passado de ano, continuaram indo à escola. Esse resultado se aproxima do que foi pontuado por Günther (1993, 1996) sobre o papel central da escola na vida dos adolescentes, além de se constituir em uma de suas principais preocupações. A relação que o adolescente estabelece com a escola e as suas representações em torno da escolarização também podem contribuir favoravelmente na construção dos projetos de vida referentes a esse aspecto (Locatelli et al., 2007; Oliveira et al., 2001). Além disso, há uma expectativa social sobre o adolescente quanto ao seu empenho nos processos educacionais, uma vez que se entende que a escolarização possibilita uma melhor inserção futura no mercado de trabalho (Heilborn et al., 2002).

Dentro desse contexto, destacou-se a indecisão de um dos participantes entre permanecer na escola, após concluir o Ensino Fundamental, ou se dedicar apenas ao trabalho que já exercia no momento da realização da entrevista. Esse adolescente trabalhava como auxiliar de fotógrafo e referiu ter uma renda mensal razoável de um salário mínimo e meio. Esse resultado aproxima-se das considerações de Heilborn et al. (2002): diferentemente das classes média e alta, em que se espera haver uma seqüência entre finalizar a escola e ingressar no mercado de trabalho, nas classes populares, muitos adolescentes dividem suas rotinas entre essas duas ocupações. Além disso, como há uma valorização social do trabalho nesse contexto, diversos adolescentes abandonam

projetos de vida quanto à escola ou, muitas vezes, acabam nem os elaborando. Assim, a classe social e as condições sócio-econômicas também influenciam nas decisões dos jovens sobre o futuro (Souza et al., 2007).

Por outro lado, os depoimentos de dois adolescentes mostraram uma definição maior quanto aos projetos de vida. Um deles expôs ter até um “*plano A*” e um “*plano B*”, enquanto o segundo apontou algumas soluções, como o apoio familiar, às possíveis barreiras que pudessem impedi-lo na concretização de seu projeto de vida quanto à escolarização e, conseqüentemente, a sua profissionalização. Os relatos desses dois adolescentes parecem se aproximar daquilo que Bohoslavsky (1998) nomeia de “projeto”, ou seja, a união dos anseios individuais com a possibilidade de concretizá-los, diferentemente dos relatos de alguns adolescentes em relação às aspirações ou desejos, o que se constituiria em “expectativas”. Além disso, a conexão mencionada pelo segundo adolescente entre seus projetos de vida e o apoio familiar parece confirmar o que alguns autores apontam sobre a importância de os adolescentes terem apoio dos pais e, muitas vezes, da família extensa na concretização de seus projetos de vida (Dallas, 2004; Esteves & Menandro, 2005; Herrmann, 2008; Silva & Tonete, 2006).

Quanto ao tipo de trabalho que planejavam exercer no futuro, os relatos dos participantes não mostraram haver projetos muito estruturados, embora, de modo geral, os adolescentes tenham relatado alguns projetos sobre a profissão que gostariam de seguir. De acordo com Locatelli et al. (2007), os projetos de vida podem ser estruturados para um tempo mais próximo, como concluir a escola ou passar no vestibular, ou em um tempo mais longo, como visualizar-se na profissão escolhida.

Em relação aos projetos de vida quanto à família, alguns adolescentes planejavam se casar e outros planejavam coabitar com a companheira. Além disso, seis participantes pensavam em ter filhos, mas referiram ser um projeto para o futuro, depois que já tivessem concluído a escolarização e pudessem sustentá-los. As percepções dos adolescentes parecem refletir o desenvolvimento humano como sendo uma seqüência, com funções específicas para cada etapa (Oliveira, 2008). Desse modo, assim como a literatura aponta, a gravidez seria um evento que alteraria esse ciclo (Dadoorian, 2003), por antecipar funções consideradas da idade adulta (Belsky & Miller, 1986; Cabral, 2003; Esteves & Menandro, 2005; Levandowski, 2001; Levandowski & Piccinini, 2006; Montemayor, 1986; Orlandi & Tonelli, 2005; Petersen, 1988).

No que se refere a um dos adolescentes do presente estudo, que não tinha projetos de vida relativos a ter um filho, a análise de seu relato ao longo da entrevista parece mostrar que esse plano vinculou-se a sua história pregressa de perda dos pais, fazendo com que o mesmo se sentisse sozinho. A convivência com seguidas situações de perdas e violência já na infância pode ter favorecido a opção desse adolescente em não incluir filhos em seus projetos de vida. Embora em um momento da entrevista o mesmo tenha referido ter alguma vontade de ter filho, mas como ele lembrou que haveria muitos “riscos” de acontecer algum “acidente” que poderia deixar o filho sozinho, então ele optava por não ter filhos. Ter vivenciado as situações de perdas (falecimento dos pais, bem como os tios e primos “baterem” nele) parece se associar ao medo desse adolescente de que esse ciclo se repetisse com seu filho. Essa consideração parece reforçar a idéia de que ter filhos é um projeto de vida esperado e, quando não o for, há algo na história do indivíduo que o justifica.

Embora, no presente estudo, os projetos de vida em relação à moradia fossem os menos estruturados, cinco participantes referiram planejar morar em algum local perto da moradia atual, ou seja, próximo à casa de seus pais. Através desse resultado, pode-se visualizar uma característica típica da adolescência: ao mesmo tempo em que está no processo de individualização, o adolescente ainda necessita sentir-se próximo de suas referências – geralmente seus pais. Assim, os projetos de vida quanto à moradia parecem refletir esse processo, pois, ao mesmo tempo em que morar em outra residência mostraria a autonomia e individualização, o fato de a mesma ser próximo à casa de seus familiares, traria segurança (Silveira & Wagner, 2006).

Dentro desse contexto, um dos participantes também expôs o desejo de morar longe de onde morava atualmente: no Rio de Janeiro. Assim como discutido anteriormente sobre a violência que perpassava o espaço onde esse participante residia (seu pai foi assassinado por pessoas que conviviam com o ele, seus irmãos muitas vezes usavam da força física para reprimi-lo, entre outros), a vontade de ir para um lugar diferente pode denotar o desejo desse adolescente em construir uma “nova história”, embora apresentasse dificuldades de formalizar isto em um projeto de vida mais estruturado. Além disso, as relações afetivas do adolescente com a família (Scelza, 2006), bem como o contexto que o mesmo se insere (Günther & Günther, 1998; Helborn et al., 2002; Lerner et al., 2001) influenciam nos elementos que farão parte de seu projeto de vida.

Outro resultado que merece atenção diz respeito aos esforços dos adolescentes quanto à concretização de seus projetos de vida. Todos os participantes destacaram como o principal meio para realizar seus projetos de vida a escola, especificadamente, a escolarização. Esse dado parece indicar a importância singular da escola na estruturação dos projetos de vida dos adolescentes, como referido anteriormente. Os participantes também destacaram outros aspectos que corroboram a literatura sobre elementos que se relacionam ao sucesso na realização de seus projetos de vida: esforços individuais e dedicação (Oliveira et al., 2001), obedecer aos pais, ajudar os amigos, poupar dinheiro (Souza et al., 2007) e trabalhar.

Embora frequentemente não ocorra concordância entre o que os jovens planejam e o que seus pais esperam de seu futuro (Günther, 1996), os resultados desse estudo indicaram tendência oposta: as percepções dos adolescentes entrevistados sobre as expectativas de seus pais mostraram-se bastante semelhantes aos seus projetos de vida. Deve-se ressaltar que essa é uma análise parcial, pois não foram consideradas as opiniões dos próprios pais, mas a visão dos participantes sobre as mesmas. Sob esse prisma, a preocupação com a escolarização, em conquistar um trabalho e ter uma família foram citados pelos adolescentes como sendo aquilo que os pais esperavam que os mesmo alcançassem no futuro. Esses resultados refletem a literatura sobre a importância dos valores e das crenças familiares nos projetos de vida dos adolescentes (Locatelli, Bzuneck, & Guimarães, 2007; Wagner et al., 1997). Além disso, os participantes ressaltaram a preocupação de seus pais quanto ao seu não-envolvimento com as drogas. Esse resultado parece refletir uma vulnerabilidade do contexto que esses adolescentes moravam, pois suas casas localizavam-se em uma região com alto índice de tráfico de drogas e também por conviverem com colegas, vizinhos e familiares que tiveram experiências com o consumo de substâncias ilícitas. O uso de drogas, como destacado anteriormente, além de ser um fator de risco à gravidez na adolescência, é também um fator de risco à vida dos adolescentes.

Em síntese, a análise geral dos projetos de vida mostrou que esses adolescentes já apresentavam indícios de tentar unir as ações do presente àquilo que queriam ser ou ter no futuro (Inhelder & Piaget, 1976), o que pode demonstrar os primeiros sinais do desenvolvimento do pensamento abstrato. Desse modo, é a partir do pensamento hipotético e da construção de hipóteses, que o adolescente desenvolve condições de construir um projeto de vida (Steinberg, 1993). Então, os projetos de vida aqui destacados retrataram a variedade de opções a que o

adolescente é exposto diariamente, tanto as possibilidades como os problemas, e a elaboração de projetos de vida podem ser uma tentativa de organizar não apenas a sua rotina, mas também de apaziguar a angústia da incerteza deles diante do mundo (Scelza, 2006).

Por fim, os resultados quanto às mudanças que ocorreriam em seus projetos de vida, diante de uma gravidez na adolescência mostraram novamente as conseqüências negativas desse evento, com enfoque para as perdas na vida atual e no futuro. Para Camerena et al. (1998), essas percepções dos adolescentes que não vivenciaram a gravidez podem contribuir em um aumento do desânimo de pais e mães adolescentes para manterem as relações com seus amigos, bem como podem desmotivá-los a iniciar novas amizades, criarem novos projetos ou conservarem aqueles que tinham antes da gestação. Assim, esses jovens pais e mães permaneceriam acompanhados de estereótipos negativos e críticas a esse evento (Herrmann, 2008; Medrado et al., 2008).

Os resultados associados às percepções dos participantes sobre as conseqüências da paternidade nos projetos de vida de adolescentes aproximaram-se do que já foi retratado sobre as conseqüências da gravidez adolescente. Esses dados corroboraram achados de outros estudos quanto à postergação ou restrição dos projetos de vida, das atividades individuais e de lazer, o aumento das responsabilidades devido à necessidade de se dedicar ao trabalho e aos cuidados com o bebê (Folle & Geib, 2004; Herrmann, 2008; Lima et al., 2004; Montemayor, 1986; Trindade & Menandro, 2002).

Em síntese, o presente estudo contribuiu para ampliar o conhecimento sobre as percepções em relação à paternidade na adolescência e sobre os projetos de vida, assunto pouco investigado na literatura nacional. Estudos futuros podem ampliar a compreensão desse tema, a fim de promover programas de intervenção não apenas para os adolescentes que já vivenciaram a paternidade ou maternidade, mas também como estratégias preventivas para outros adolescentes que podem estar vulneráveis a esse evento.

## CAPÍTULO III

### **ESTUDO II: Paternidade e os projetos de vida em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho**

Como exposto na introdução, a adolescência é um período de transição entre a idade infantil e a adulta, muitas vezes sendo considerada como um momento de crise, devido às diversas mudanças próprias dessa etapa do desenvolvimento. Além disso, espera-se que nesse período o adolescente constitua um projeto de vida, o qual seria base para suas ações futuras (Locatelli et al., 2007).

A gravidez na adolescência tende a antecipar tarefas desenvolvimentais, uma vez que sua ocorrência estaria associada à vida adulta (Oliveira, 2008; Dadoorian, 2003). Desse modo, comumente os pais adolescentes são taxados como precoces e irresponsáveis, por terem antecipado um papel que não lhes caberia nesse momento da vida. Nesse sentido, é possível se pensar que, dependendo da classe social, da cultura e de outros fatores sócio-culturais e individuais, para alguns jovens, particularmente de classes mais abastadas, a paternidade pode desorganizar os seus projetos de vida. Entretanto, para jovens de classes menos favorecidas, a paternidade pode ser percebida como um projeto de vida que foi concretizado.

Desse modo, esse estudo objetivou investigar a paternidade e os projetos de vida, em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho. Em particular, buscou-se examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida desses jovens com relação à família, à escola e ao trabalho.

Com base na literatura, a expectativa inicial era de se encontrar poucos projetos de vida entre os adolescentes (Herrmann, 2008), os quais seriam redefinidos após a gravidez (Esteves & Menandro, 2005). Isso se deve às dificuldades de manterem os projetos existentes antes da gravidez, uma vez que muitas das preocupações que antes eram individuais passariam a se voltar para o bebê.

Além disso, esperava-se que os projetos de vida dos pais adolescentes, antes da gravidez, fossem menos estruturados do que os dos adolescentes não-pais, como investigados no Estudo I, devido às eventuais alterações que poderão ocorrer na vida dos primeiros, em função da paternidade. Apesar disso, é possível que, para alguns pais adolescentes, isso não seja tão acentuado, e represente até mesmo um fator organizador de suas vidas.



## MÉTODO

### Participantes

Participaram deste estudo cinco adolescentes do sexo masculino, com idades entre 16 e 18 anos, que esperavam seu primeiro filho. As entrevistas foram realizadas no terceiro trimestre de gestação. Os participantes freqüentavam escolas públicas, variaram quanto à escolaridade e eram de baixo nível sócio-econômico. Todos residiam na região metropolitana de Porto Alegre. A Tabela 2 apresenta os dados sócio-demográficos dos pais adolescentes.

Tabela 2. *Dados sócio-demográficos dos pais adolescentes*

Identificação	Idade	Situação conjugal*	Ocupação	Escolaridade	Anos de estudo	Freqüentavam a escola?	Nº de reprovações
P1	18	Companheiro	Web Designer	2º G Inc.	10	Não	1
P2	16	Companheiro	Estudante e Estagiário	2º G Inc.	9	Sim	-
P3	17	Companheiro	Desempregado	1º G Inc.	7	Não	-
P4	16	Companheiro	Desempregado	1º G Inc.	4	Não	
P5	18	Companheiro	Desempregado	2º G Inc.	8	Não	2

\* Todos os participantes coabitavam com a gestante.

Os participantes fazem parte do estudo longitudinal denominado GRADO, conforme descrito no Estudo I. Para fins da presente investigação, foram selecionados os cinco primeiros participantes de Porto Alegre, que atenderam aos seguintes critérios: ter engravidado uma adolescente primigesta, cuja gestação se encontrasse no terceiro trimestre, que não apresentasse intercorrências clínicas durante a gravidez, nem tivesse sofrido abuso sexual, além de não ter comprometimento mental e emocional.

### Delineamento e Procedimento

Utilizou-se um delineamento de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005) para investigar a paternidade e os projetos de vida, em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho. Em particular, buscou-se examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida desses jovens com

relação à família, à escola e ao trabalho, o que permitirá examinar eventuais semelhanças e particularidades nos projetos de vida antes e após a gravidez.

O presente estudo seguiu as fases de coleta de dados do projeto GRADO. O contato inicial ocorreu com as gestantes adolescentes, que realizavam pré-natal no HMIPV - um dos hospitais que integram o projeto. Em Porto Alegre, as coletas de dados são realizadas no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV), no Posto de Saúde Santa Cecília – vinculado ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e em três unidades de saúde que compõem o Serviço de Saúde Comunitária do GHC.

As gestantes foram convidadas a participar do estudo e responderam inicialmente a *Entrevista de contato inicial*, utilizada para verificar os já referidos critérios de inclusão das participantes no projeto GRADO. Nesse momento, foi entregue o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (NUDIF, 2008a, cópia no Anexo A), que foi assinado pela jovem e por seu responsável, e trazido no novo encontro, agendado na mesma data da próxima consulta de seu pré-natal.

Após a aceitação das gestantes em participar do estudo, o convite foi estendido aos pais adolescentes que também atendessem aos critérios de inclusão no projeto GRADO. Nos casos em que os pais acompanhavam as gestantes no pré-natal, eles responderam a *Ficha de contato inicial* e quando atendiam aos critérios de inclusão, foram confirmados como participantes. Nesse momento, foi entregue o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, que foi assinado pelo jovem e por seus responsáveis (caso fossem menores de 18 anos), e trazido em um novo encontro agendado com aqueles que aceitaram participar do estudo. Esse procedimento ocorreu com quatro participantes cujas gestantes realizavam pré-natal no HMIPV. No caso do participante cuja companheira realizava pré-natal em uma unidade de saúde do GHC, os procedimentos foram semelhantes aos descritos acima. Todavia, o encontro ocorreu na própria residência do casal adolescente, pois assim preferiram.

Como parte do projeto GRADO, os pais adolescentes foram entrevistados em dois encontros, nos quais responderam a um conjunto de instrumentos, conforme detalhado em Piccinini et al. (2008). Para fins do presente estudo, serão descritos apenas os instrumentos cujos

dados foram analisados e correspondem ao primeiro encontro<sup>3</sup>. Entre os instrumentos, incluíram-se: a *Ficha de dados sócio-demográficos da família*, a *Entrevista sobre a gravidez adolescente: versão do pai* e a *Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*. A coleta de dados foi realizada individualmente em uma sala privativa, no HMIPV, nos momentos que os pais foram às consultas do pré-natal acompanhando a gestante. Entretanto, no caso do participante cuja coleta foi realizada em sua casa, ocorreu apenas um encontro.

### **Instrumentos**

**Ficha de dados sócio-demográficos da família** (NUDIF, 2009a): este instrumento, semelhante àquele descrito no Estudo I, investigou sócio-demográficos dos participantes, tais como: moradia, escolaridade, trabalho, religião, hábitos de vida e características de seus pais. Cópia no Anexo B.

**Entrevista sobre a gravidez adolescente: versão do pai** (NUDIF, 2008c): essa entrevista foi utilizada para se investigar os sentimentos do pai adolescente no que se refere à gravidez, suas expectativas quanto ao futuro bebê e seus projetos de vida, e está dividida em cinco blocos. O primeiro bloco investigou o planejamento ou não da gravidez, sua aceitação, o estado de saúde da gestante, além de possíveis mudanças decorrentes da gravidez. No segundo bloco, examinaram-se as percepções do pai adolescente quanto às atividades que realizava antes da gestação, seus projetos de vida, atividades escolares ou laborais, relacionamento com pares, relações sociais e as mudanças na sua vida após a situação de gravidez. O terceiro bloco investigou a percepção do jovem sobre a gestante, particularmente como a gestante está vivenciando a gravidez, sua reação e possíveis mudanças frente à situação de gravidez. No quarto bloco, investigou-se a relação do pai adolescente com a família de origem, a reação dos familiares diante da notícia da gravidez e o apoio recebido. As questões do quinto bloco concentraram-se nas expectativas sobre o bebê e no relacionamento pai-bebê. Cópia no Anexo G.

**Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis** (NUDIF, 2008b): Este Instrumento é o mesmo descrito no Estudo I. Cópia no Anexo D.

---

<sup>3</sup> Relação dos demais instrumentos que não foram utilizados no presente estudo: Primeiro encontro: *Entrevista sobre o relacionamento do casal adolescente* (NUDIF, 2008). Segundo encontro: *Questionário sobre Redes de Apoio Social e Escala de Apoio Social (MOS)*; *Inventário de Comportamentos Auto-referidos para adolescentes (Youth Self-report – YSR)* e *Escala Beck de Depressão, para o pai*.

### **Considerações éticas**

Foram atendidos todos os princípios éticos de autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça (ou equidade), como descritos no Estudo I.

Entretanto, diferentemente do Estudo I, o presente estudo envolveu considerações éticas mais delicadas, por investigar adolescentes que estavam expostos a uma situação de paternidade na adolescência. Ao serem solicitados a falarem sobre aspectos relacionados à vivência da paternidade, as questões da entrevista poderiam ter desencadeado reações emocionais mais intensas. Embora isto não tenha ocorrido com nenhum adolescente, a previsão era de se oferecer apoio emocional e encaminhamento às psicólogas dos hospitais vinculados ao projeto GRADO, caso algum deles precisasse.

Ressalta-se, também, que todos os participantes tiveram a liberdade de desistir da pesquisa em qualquer etapa, sem que isso trouxesse prejuízos aos mesmos ou as suas famílias no atendimento dos serviços, assegurando-se, assim, o princípio da autonomia.

## RESULTADOS

A análise de conteúdo qualitativa (Bardin, 1977; Laville & Dionne, 1999) foi utilizada para analisar os relatos dos pais adolescentes sobre a paternidade e os seus projetos de vida, durante a gestação do primeiro filho. Em particular, buscou-se examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida desses jovens com relação à família, à escola e ao trabalho.

A elaboração da estrutura das categorias seguiu os mesmos procedimentos descritos no Estudo I. Ressalta-se que, neste estudo, chegou-se a uma estrutura com quatro categorias, a saber: 1) Percepções sobre a gravidez na adolescência; 2) Comparações entre as atividades cotidianas antes e depois da gravidez; 3) Projetos de vida antes da gravidez e 4) Projetos de vida depois da gravidez. Cada uma destas categorias foi dividida em sub-categorias, como explicitado a seguir e apresentado no Anexo H.

A análise das categorias seguiu a proposta de Yin (2005), conforme descrito no Estudo I, em que se priorizou a análise cruzada dos dados que compõem cada categoria. A seguir, cada categoria e subcategoria serão caracterizadas e ilustradas a partir das falas dos pais adolescentes.

### 1. Percepções sobre a gravidez na adolescência

Nessa categoria, foram incluídos os relatos dos pais adolescentes em relação a sua vivência da gravidez. Esse tema foi investigado através das seguintes questões: *“Como foi para ti receber a notícia da gravidez? Como te sentiste? Foi uma gravidez planejada? (Se sim) Como planejaram? (Se não) Quando tu pensavas em ser pai? E, quando a (nome da mãe do bebê) engravidou, como a tua mãe e os demais familiares ficaram sabendo? Como ela reagiu à notícia? O que ela te disse na ocasião? O que ela fez? Alguma coisa te magoou? Alguma coisa te agradou? A tua mãe tem te ajudado? O que ela tem feito? O teu pai tem te ajudado? O que ele tem feito? E além destas pessoas que a gente conversou, tem mais alguém que te ajuda? Quem? O que esta pessoa tem feito? (professora, colegas) E tem alguém que não te ajuda? Quem? O que tu esperavas que essa pessoa fizesse?”*.

As falas dos pais adolescentes foram agrupadas em três subcategorias: 1) Reação inicial e sentimentos acerca da gravidez; 2) Reação da família à notícia da gravidez; 3) Apoio recebido pelo pai adolescente.

### 1.1 Reação inicial e sentimentos acerca da gravidez

Essa subcategoria abarcou os depoimentos dos pais adolescentes sobre suas reações iniciais à notícia da gravidez, o planejamento ou não da mesma e os sentimentos despertados naquele momento.

As falas dos pais adolescentes mostraram diferentes reações iniciais à notícia da gravidez, entre as quais se destacaram aqui: surpresa (P4), não saber o que esperar (P1), choque (P5) e felicidade (P2, P3). Contudo, todos os entrevistados, em um segundo momento, explicitaram sentimentos de alegria e felicidade com a paternidade, como pode ser visto nos relatos abaixo:

*“Ah, fiquei surpreso, como foi acontecer... (...) Me senti normal, fiquei bem (...) Só foi uma surpresa”.* (P4)<sup>4</sup>

*“Ah, foi diferente, né, como é o primeiro filho. Sei lá, eu não sabia exatamente o que esperar (...) Ai quando teve a confirmação, normal, assim, sei lá, fiquei feliz”.* (P1)

*“Num primeiro momento um choque, mas depois... levando bem até, é bom saber, é bom saber que tu vai ter um filho... a idéia é boa [risos]”.* (P5)

Como três pais adolescentes já imaginavam a ocorrência da gravidez, o resultado do exame tornou-se mais uma confirmação da gravidez do que uma surpresa:

*“Ela já tava passando mal, já teve alguns sintomas, né, da gravidez. A gente já tava mais ou menos ciente”.* (P1)

*“É, não... foi bem recebida, a gente tava imaginando já que ela tava, né”.* (P2)

*“É eu já tinha.... desconfiava. Então não foi tão grande o choque, só foi um choque porque confirmou. [Por que desconfiava?] [risos] Porque a gente sabe, né, quando a gente faz...”.* (P5)

Entre os cinco pais entrevistados, apenas um (P3) referiu ter “planejado” a gravidez, desde os quatro meses de namoro com a gestante. Isso pode ter influenciado em seu entusiasmo frente à notícia da gravidez, como pode ser exemplificado no relato a seguir:

*“Ah... nós estávamos conversando em ter um filho, só que, né, tava demorando, tivemos várias relações, né, só que nenhuma delas deu, né. Até que daí finalmente aconteceu, né? [Como reagiu?]”*

<sup>4</sup> Cada vinheta apresenta a transcrição dos relatos dos participantes, seguida da identificação dos mesmos, conforme descrito na Tabela 2. Comentários adicionais foram acrescentados, entre colchetes, a fim de facilitar a compreensão das vinhetas. Referências quanto à gestante foram substituídas pela letra “G” e quanto ao bebê pela letra “B”, seguidas do número correspondente à identificação do participante.

*Foi ótimo, porque, eu tava esperando e nunca vinha, nunca vinha e quando ela chegou e falou pra mim que tava grávida eu: “Bah...”. Que bom né, porque eu já queria faz tempo, já. Daí foi ótimo mesmo. [Como se sentiu?] Bahh!!! Eu senti... não sei, bah um negócio no coração, né? Tipo de um, uma felicidade, um negócio bom, né? Quando sente um negócio bom, tu fica melhor, né, por isso que é uma notícia boa, né...”. (P3)*

Os outros quatro participantes referiram que não esperavam se tornar pai na adolescência, tanto por não quererem se tornar pai “cedo” (P5), como por terem objetivos a ser cumpridos antes de ter um bebê, como terminar o colégio e ter uma casa própria (P2). Um deles (P1) disse não pensar em quando queria que a paternidade acontecesse, e outro não queria se tornar pai (P4).

*“Bah, sinceramente não tenho idéia, assim. (...) É, eu nunca parei pra pensar assim: ah, em tal idade eu quero ser pai e tal”. (P1)*

*“É, não é que eu não pensava assim, né? [em quando queria ser pai] Mas pensava por mim... pelo menos ter minha casa primeiro, ter condições. Nós planejava assim... depois que terminasse o colégio, né. É que a gente estuda junto e tudo, depois que a gente terminasse o colégio, aí sim”. (P2)*

*“Nunca parei para pensar sobre isso. Eu sempre tive vontade assim, desde pequeno... Mas não assim ser pai cedo. Mas é até boa a idéia, não pelo fato de ser cedo mas... para aproveitar mais, né”. (P5)*

*“Não, ainda logo na idade da G4, né? [13 anos]. [E quando pensava em ser pai?] Acho que nunca”. (P4)*

Embora apenas um dos pais adolescentes mencionasse ter planejado a gravidez, a análise das respostas dos participantes a “*Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis – versão do pai*” (NUDIF, 2008) mostrou que, quando a companheira engravidou, três dos pais adolescentes não utilizavam nenhum tipo de método contraceptivo (P1, P3 e P4), um (P2) a namorada tomava pílula, mas às vezes esquecia, e apenas um dos participantes (P5) referiu utilizar a camisinha adequadamente. Não obstante conhecessem alguns métodos contraceptivos, nenhum dos participantes demonstrou utilizá-los em todas as relações e, inclusive, três deles nunca os utilizavam.

A análise conjunta dos relatos mostrou diferentes reações iniciais dos pais adolescentes à notícia de gravidez. Contudo, posteriormente, os participantes enunciaram sentimentos de alegria com a chegada do bebê. A não ocorrência de reações mais “negativas” pode ter sido influenciada pelo fato de três participantes desconfiarem que as companheiras estivessem grávidas, então a notícia da gravidez tornou-se mais uma confirmação do que uma novidade. Além disso, a reação

entusiasmada de um dos entrevistados também pode ter sido associada com o fato de o mesmo ter planejado a gestação.

## 1.2 Reação da família à notícia da gravidez

Nessa subcategoria foram abarcados os relatos dos pais adolescentes sobre a forma como seus pais e de suas mães ficaram sabendo da gravidez, bem como as reações (incluindo falas e comportamentos) que tiveram diante da notícia. Além disso, também se questionou como os participantes sentiram-se diante da reação de seus pais, após a notícia da gravidez.

Em geral, as avós paternas já desconfiavam da gravidez, antes de haver a confirmação da mesma.

*“Foi assim: a gente fez o exame e tudo, aí... mas a minha mãe já imaginava, né, porque já tava aparecendo uma barriguinha assim. Ai eu cheguei em casa e falei? ‘Ô mãe, tu vai se vovó’ [risos]”* (P2)

*“[silêncio] Acho que nós contamos pra ela. Ah não, não... ela desconfiou da, da barriga da G4. Daí ela comprou um teste de gravidez e deu pra nós. (...) Deu positivo. (...) Daí nós contamos”*. (P4)

*“[rindo] Eu fui dando doses homeopáticas de informações... Fui assim, perguntando ‘como é que eu faço pra...’, porque eu tenho irmão pequeno, ‘como é que eu faço para trocar aqui?’. Ah e, ‘como é que é a dosagem de leite?’, ‘ah, e se não sei o quê acontecesse..?’, [ri]. (...) Aí uma vez a G5 foi lá em casa, aí ela me olhou e saiu... Ai ela olhou pra mim: ‘A G5 tá grávida, né?’. Ai eu: ‘Tá. Como é que tu sabe? Olha os peitos dela!’, ela falando... [rindo]”*. (P5)

As mães que já suspeitavam da gravidez (P1, P4 e P5) demonstraram o sentimento de felicidade frente à notícia da mesma. Embora não desconfiasse da gravidez, a mãe de um dos participantes (P3) reagiu tranquilamente ao comunicado do filho. Além disso, o comportamento dessas mães, no momento da notícia, variou entre: abraçar o filho, querer levar a gestante ao médico, ressaltar a importância de trabalhar, assim como contar a notícia para os demais, como pode ser visualizado nas passagens abaixo:

*“Ah, ela ficou muito feliz, assim, me abraçou, sei lá. Quando eu encontrei com ela, né. Felicidade, assim, sentimento de felicidade. (...) Coisa de vó, assim, não sei exatamente explicar”*. (P1)

*“Ela não fez nada. Eu acho que ela reagiu tranqüila assim, ficou bem tranqüila. Porque também não tem o que fazer, né? Tem gente que fica ai nervoso, se desespera, mas vai fazer o quê? Depois que fez não adianta, né?”*. (P2)



*“Ah, ela ficou feliz. (...) Mais pela cara dela, pelo jeito dela, e ela ficava, já ficou falando em roupa, em comprar as coisas. (...) Depois ela, depois ela quis levar a G4 no médico. ‘Eu acho que eu vou levar a G4 no médico pra ver’. Dai ela levou”. (P4)*

*“Ai ela ficou feliz, ficou muito faceira (...) ‘Eu vou ser vó!’. E saiu contando pra vizinha”. (P5)*

Apenas uma das mães de um dos participantes (P3) teve uma reação de “choque” frente à notícia da gravidez. Através da fala desse participante, pode-se pensar que sua mãe pode ter equiparado a situação atual àquela que vivenciou quando ela mesma engravidou pela primeira vez (com 17 anos) e não havia planejado a gestação.

*“Ah, ela não acreditou, né, bah, ela tomou um choque! (...) Bah... Bah, mas quem imaginava, um gurizinho do nada que decide ter, que nem eu, agora com ele, daqui a pouco ele chega pra mim e fala que daqui a 15, 16 anos que vai ser pai. Meu Deus do céu!! E ela sentiu, né, é uma coisa que todo mundo sente”. (P3)*

Destaca-se a reação dessa mãe, pois esse mesmo participante referiu ter planejado a gravidez, ao longo da entrevista. Apesar da reação inicial, essa mãe pareceu apoiar o filho (P3), mesmo que delegando responsabilidades ao mesmo. Outra mãe também apontou a importância de o filho adolescente (P2) assumir as conseqüências que acompanham a chegada do bebê, como pode ser visualizado nas seguintes falas:

*“É, me deu boa sorte [risos]. ‘É contigo agora!’(...) De ruim assim nada. Até comprou uns negócios pra dar”. (P3)*

*“E ela começou a rir. E eu ‘é sério’. Dai ela: ‘que bom’. (...) mas daí depois (...) ela falou ‘vai ter que trabalhar agora, né?’”. (P2)*

Segundo os entrevistados, nenhuma das mães expressou algum comportamento ou falou algo que eles consideraram ruim ou que os magoaram. Pelo contrário, as reações delas apenas os agradaram, como mostram as seguintes passagens:

*“Me agradou. Deu roupa, fralda. (...) É, deu bastante presente, deu bastante roupinha e coisa”. (P2)*

*“Me agradou que todo mundo gostou”. (P3)*

*“Me agradou só... me agradou ela ter falado que sempre ia ficar do meu lado”. (P4)*

*“Que ela ficou feliz de cara, isso foi muito bom. (...) Eu acreditava que... que ela ia me deportar do país (rindo). [Por que tu achava isso?] Sei lá, ué, minha mãe. O que a gente pensa quando a gente vai dizer para a mãe que fez um filho com 17 anos de idade?” (P5)*

Já em relação aos seus pais, nenhum participante referiu que os mesmos suspeitavam da gravidez, antes deles ou de suas mães contarem. Um dos entrevistados (P5) já tinha perdido seu pai, aos seis anos.

*“Ele tava em casa também quando eu falei pra mãe que ela ia ser vovó”. (P2)*

*“Eu fui lá e contei pra ele”. (P3)*

*“Pela mãe. [Tu estava junto?] Não”. (P4)*

Por outro lado, a reação dos pais assemelhou-se a das mães, no sentido de os participantes considerarem que eles reagiram bem à notícia. Além disso, em três casos (P1, P2 e P3), os avôs paternos do bebê ressaltaram a importância de o pai adolescente assumir as responsabilidades de ter um filho.

*“Aí ele tava na cozinha, aí ele veio pro quarto, né? ‘Que história é essa?’ e eu: ‘Ué [risos], é verdade!’. [Pai:] ‘É... Então vai ter que trabalhar agora!!!’” (P2)*

*“Ah, ele gosto. (...) Não tem como uma pessoa reagir mal, né? (...) Eu acho, na minha mente eu acho que não tem como. Se a pessoa reagir mal, a pessoa mesmo, não tem amor à vida. [E o que ele te disse na ocasião?] ‘Vai trabalhar’”. (P3).*

Em conformidade com esses relatos, que destacaram a importância de trabalhar, encontra-se a passagem abaixo, que mostra a preocupação do pai quanto ao participante estar preparado para enfrentar a paternidade e suas conseqüências.

*“Ah, ele foi um tanto quanto, como é que eu posso te dizer, assim? Ele tinha, eu acho que ele tinha uma certa insegurança, assim, de que eu não fosse saber lidar com a situação e tal. Então ele procurava dar conselhos, assim, do modo dele, assim no caso (...) Mas eu creio que seja normal, assim, do pai, no caso do avô, querer que o filho tenha uma certa consciência de que agora a vida não vai ser a mesma, até porque ele já passou por isso antes [paternidade]. Então mais em relação a isso, assim”. (P1)*

Por fim, um dos participantes (P4) mencionou não saber como o pai reagiu, pois quem contou a notícia ao mesmo foi sua mãe, a qual não fez comentários sobre aquele momento.

Assim como ocorreu com as avós paternas diante da notícia da gravidez, a reação dos avôs paternos também foi associada a algo agradável, como receber presentes para o bebê.

*“Nenhum deles me magoaram e os dois, principalmente, me agradaram. Quando eles souberam da notícia”. (P3)*

*“Magoar.... não. Agradou também dando fralda, dando roupas. (...) Deu a camisa do Grêmio”. (P2)*

*“Aham. (...) De... de ajudar nós, de comprar as coisas pra G4, comprou roupa pra G4”. (P4)*

As reações dos familiares assemelharam-se as dos pais adolescentes. Além disso, em geral, as avós paternas já suspeitavam da gravidez e receberam a notícia de maneira tranqüila e feliz, assim como ocorreu com os avôs paternos. Deve-se destacar que apenas uma das avós (P3) teve uma reação de “choque” frente à notícia da gravidez. Nas reações dos familiares já apareceram manifestações de apoio aos pais adolescentes, tanto de suas próprias famílias, como das famílias das gestantes.

### **1.3 Apoio recebido pelo pai adolescente**

Na presente subcategoria foram incluídos os relatos dos pais adolescentes sobre as pessoas que o apoiaram emocionalmente e/ou financeiramente. Embora as questões da entrevistas enfatizassem o apoio familiar, sobretudo o oferecido pelo pai e pela mãe do adolescente, também foi investigado os relatos dos participantes sobre o apoio oferecido por outras pessoas.

Em relação a própria mãe, os pais adolescentes referiram que elas os ajudavam, dando apoio (P2), financeiramente através de dinheiro ou presentes (P1, P3 e P4) e também ensinando aos pais adolescentes o cuidado de uma criança (P3 e P5).

*“Ah... ela me dá bastante apoio, né? E o que eu precisar, eu posso contar com ela, tudo, com o meu pai, com a minha família, a família da G2 também”. (P2)*

*“Sim, ela... ajudado, como é que eu posso dizer, assim? Nada que eu precise, assim, muito da ajuda dela. Mas é sempre bom, ela, quando ela vai lá em casa ela ajuda a G1, que agora já no final da gestação ela não pode mais fazer tudo que ela fazia antes, né. Então ela ajuda, como eu trabalho e tal. E ah, presentes, ela dá, assim, pra criança”. (P1)*

*“Ela me deu mais um dinheiro, deu 100 pila pra eu comprar umas coisas pra G3, que eu tava na casa dela, né? Então eu tenho que ajudar, né, e me ajudou também, falou como é que funciona, que ela já teve quatro, né. Falou como é que funciona, as coisas assim, assado, falou como é que é, acontece isso e aquilo. Me explicou, nos falou tudo como é que era, explicou pra ela também, não explicou muito pra mim, como explicou bastante pra ela, né”. (P3)*

*“Tem. (...) Ela tem comprado as coisa pra nós. Tudo o que a G4 pede ela compra pra G4. Agora tênis, essa semana ela comprou tênis pra mim”. (P4)*

*“Tem, tem. Isso é uma das coisas que ela me ensinou agora, que ela pode me ensinar agora. A criar uma... uma... (...) ela pode me ensinar, ela está me ensinando muito a cuidar de uma criança pequeninha. [E como é que ela te ensina?] Com meu irmão pequeninho. Ela me mostra e tal”.* (P5)

Já em relação a seus pais, os participantes destacaram que o apoio estava mais vinculado à questão financeira.

*“Tem, tem ajudado bastante. Inclusive é ele que tá construindo a minha casa, né, no caso. Tá me ajudando bastante.”.* (P1)

*“Ah... ele sempre me dá apoio, né? Que nem na casa ali agora, ele disse que vai me apoiar, tudo. Ele me ajuda a comprar os materiais e disse que vai me ajudar a construir a casa e tudo”.* (P2)

*“Ele só ajuda nós quando nós precisamos das coisas, pra comprar pra G4, ou agora o carrinho ele vai comprar. Ele ajuda, ele ajuda nessas coisas”.* (P4)

Quanto ao apoio recebido por outras pessoas, também foram citadas a família da gestantes (P1 e P2), a própria família extensa (P4) e os amigos (P5).

*“Ah, os pais da G1 tão sempre ajudando, também, na medida do possível, assim. Mas como eu te falei, assim, não é uma coisa que gente precise de muita ajuda, assim, a gente consegue se virar, assim”.* (P1)

*“A família da G2 (...) Ah! Eles me ajudam também... A mãe da G2 também nessa questão de construir a casa, ela vai... agora esse final de semana, ela disse vai comprar material pra mim também, vai ajudar nós. (...) É! E em roupa pro bebê, fralda, tudo. Mais é isso”.* (P2)

*“Ah, a minha tia. (...) Ela já tá comprando as coisas também, ela também ontem deu umas fraldas. (...) A minha avó também ajuda, o avô não. A avó ajuda”.* (P4)

*“Meus amigos. [De que forma?] Eu tenho... Os pais dos meus amigos e os meus amigos que ajudam com... além de dicas e coisa, eles têm ajudado com presentes para a B5. (...) Os dindos também já tão [ajudando]”.* (P5)

Ainda em relação às outras pessoas, quando questionados se imaginavam receber o apoio de mais alguém e essa pessoa não os apoiava, os entrevistados disseram que contavam somente com aqueles que já os ajudavam (P1, P2, P4 e P5), considerando-se satisfeitos

*“Se eu imaginasse quem ia me ajudar ia ser o pai, a mãe e a avó...”.* (P4)

*“Não. Acho que tá todo mundo ajudando bastante”.* (P5)

*“Não. Todo mundo ajuda! Todo mundo chega e dá roupinha e dá isso e aquilo. Sei lá, é que a gente assim, a gente se da bem com todo mundo, né? A gente conhece bastante pessoas e todo mundo chega e dá”.* (P2)

Um participante (P3) destacou a importância de ele mesmo responsabilizar-se pelo filho e não depender apenas do apoio de seus pais ou de outra pessoa.

*“Nessas horas, tu não tem amigo. (...) Não, na real, eu acho que quem quiser ajudar, ajuda! Eu não, eu não devo pedir pra ninguém sabe? (...) Ninguém deve me ajudar, nem meu pai, nem minha mãe, entendeu? Se eles me ajudarem, bom, melhor pra mim, mas eu não posso chegar lá e cobrar deles, sabe, eu que tenho que trabalhar, eu que tenho que, né... eu não posso cobrar deles uma coisa que não tem, não é pra mim, mesmo que fosse pra mim, eu já tenho 17 anos, né”. (P3)*

Em geral, a mãe e o pai foram apontados como as pessoas que mais apoiavam os participantes, seguidos pelos pais da gestante. Nenhum adolescente indicou que a professora e os amigos os apoiaram. Quando questionados sobre quem não os apoiava, mesmo que eles esperassem que o fizessem, os pais adolescentes responderam que todos aqueles que eles acreditavam que iriam ajudá-los, estavam fazendo, sobretudo suas famílias. Um dos participantes (P3) ressaltou que embora recebesse o apoio de sua e da família da gestante, ele era a pessoa que mais deveria responsabilizar-se pela paternidade.

## **2. Comparações entre as atividades cotidianas antes e depois da gravidez**

Essa categoria teve como temática central a análise das atividades cotidianas dos adolescentes, investigando possíveis mudanças nas mesmas, depois da gravidez. Também foram incluídos os relatos sobre o relacionamento do adolescente com a gestante, seus amigos e familiares nesses dois momentos. As questões referentes a essa categoria foram: *“Como é o teu dia-a-dia atualmente? Tu frequêntas a escola e/ou trabalhas? O que fazes? Como era o teu dia-a-dia antes da (nome da mãe do bebê) engravidar? Tu tinhas amigas/os? E namorada? O que tu fazias para se divertir? Tu trabalhavas fora de casa? (Se sim) O que tu fazias? Tu eras remunerado? O que tua achavas deste teu trabalho? E na escola, como era? Como tu te sentias? Como eram tuas notas? Pegou recuperação? Teve alguma reprovação? Tu costumavas faltar aula? (Se sim) Com que frequência? Por quê? O que tu fazia? Que outras atividades tu realizavas além de ir à escola? (ex. esporte, religião, lazer), A gravidez da (nome da mãe do bebê) mudou alguma coisa na tua vida?”*

Todos os participantes mencionaram que a gravidez trouxe diversas mudanças em suas vidas, descritas por expressões como “muito”, “totalmente”, “em muitas coisas” como se pode ver nas seguintes subcategorias:

## 2.1 Atividades cotidianas, diversão e lazer

Nessa subcategoria foram incluídos os relatos dos participantes em relação ao dia-a-dia, atividades de diversão e lazer antes e depois da gravidez, buscando identificar se havia diferenças entre esses dois momentos e se a gravidez trouxe mudanças na vida deles.

Quanto às mudanças pessoais, dois participantes mencionaram sentirem-se mais maduros (P3) e mais responsáveis (P5), pois agora deveriam preocupar-se também com o bebê e não mais apenas com eles.

*“Mudou, mudou, muitas coisas. (...) deixou o cara mais maduro e com o pensamento mais pra frente. (...) Mais pro futuro! E investir em uma pessoa que vai tá do teu lado, né? [Referindo-se ao bebê]”. (P3)*

*“Sim... Além de eu ter que ficar mais.. mais... como é que se diz....? Esqueci a palavra... mais responsável pelas coisas... Á... é... o fato de eu ter que... não preocupar só mais comigo. Com outras pessoas”. (P5)*

Esses participantes citaram que, antes da gravidez, suas rotinas focavam-se em interesses mais individuais.

*“Mas é que daí, tempo de guri... eu não dava bola pra nada”. (P3)*

*“Eu ficava só pensando em mim... sei lá. Fazia tudo em... questão... da minha... do meu bem estar”. (P5)*

As principais atividades de lazer que os participantes realizavam antes da gestação incluíam: sair para festas com os amigos, tocar em uma banda, jogar futebol, escutar música, ir caçar, andar de skate e jogar videogame.

*“Saía com os amigos, tocava, sei lá, tinha uma banda, acho que basicamente”. (P1)*

*“Eu jogava sempre futebol. Eu jogava na segunda, quarta e sexta no Fluminense e (...) na terça e no sábado a gente tinha o nosso time, que era eu, meu pai, meu primo, um time assim da família, sabe? E nós jogava contra os vizinho nossos lá. [Depois da gravidez]: Ah... agora eu jogo futebol só nas terças de noite, né?”. (P2)*

*“Escutava rádio. (...) Escutava música, ficava dentro de casa, via DVD. (...) jogava bola. (...) Nós ia caçar... e só”. (P4)*

Para um dos participantes (P3), as atividades de lazer modificaram-se quando ele começou a trabalhar:

*“Assim, quando era pequeno, o cara jogava uma bola, o cara jogava um vôlei com as gurias lá, mas quando comecei a trabalhar no supermercado, eu entrei com 17, que 17! Foi 16, vou fazer 18, faz um ano que... é, fiquei quatro mês no supermercado. Era aí, né, eu consegui comprar uma motinho pra mim e era só sair” (P3).*

Outras mudanças na rotina e no comportamento desse adolescente (P3) foram relacionadas ao início de seu relacionamento com a companheira. Outro participante (P4) também citou mudanças na sua rotina, após ir morar com a companheira, bem como salientou a diminuição na sua independência.

*“Bah, muito diferente! (...) Bah, de noitada. (...) nós só pensava em festa, festa e festa, não pensava em mais nada (...). Dai todo mundo fala: “Bah, olha lá, quem vê o cara agora, que vivia ali com nós, agora tá, não sai mais pra rua!”. (...) Bem diferente, as outras, né, não é eu que acho, né, as outra pessoa que conviviam comigo falam que eu era bem diferente, que eu era.... de outro... tipo de outro sistema, sabe, meu lance era outro, era fazer outras coisas, mas daí conheci ela e já, aí larguei de mão, não, não dá, vou ter minha família agora”. (P3)*

*“Eu saía pros lugares (...) ficava até tarde na rua. (...) Eu jogava, jogava bola, depois ia pra locadora... jogar videogame (...) Agora fico mais dentro de casa”. (P4)*

*“Fazia as coisas, sem ter que levar ela junto. Agora tudo o que eu faço eu tenho que levar ela junto. (...) Depois que ficamos juntos”. (P4)*

Já um dos entrevistados (P5) não citou mudanças no relacionamento com seus amigos e nas atividades de lazer após a gestação.

*“Claro... continuo tendo os mesmos [amigos]. (...) Eu toco numa banda. (...) Quer dizer, tem duas, né, [E tu ainda está dando show, tocando?] Sim, sim, sempre que dá”. (P5)*

Apesar de enunciarem que a gravidez trouxe mudanças em suas vidas quanto as suas rotinas, os participantes não mencionaram muitas alterações nas atividades, se comparadas com as que realizavam antes da gestação. Em geral, não se pôde perceber uma associação direta entre a gravidez e alterações nas atividades descritas pelos participantes. Destacou-se que as maiores mudanças descritas nas atividades cotidianas, de lazer e de diversão ocorreram após o início do

relacionamento com a mãe do bebê e do trabalho, e pouco se alteraram somente com a notícia da gravidez.

## 2.2 Relacionamento afetivo com a gestante

Esta subcategoria incluiu os depoimentos sobre as mudanças no relacionamento e no comportamento com a companheira a partir da gestação.

Alguns pais adolescentes (P1, P2, P5) disseram não haver grandes mudanças quanto aos seus relacionamentos afetivos com as companheiras. Enquanto dois deles (P2, P5) já moravam na mesma casa que as gestantes antes da gravidez, para outro adolescente (P1) a decisão de morarem juntos surgiu a partir da suspeita da gravidez.

*“É tinha... antes dela engravidar, a gente já morava junto... (...) Aí a gente acordava de manhã, bem tarde assim. E ia pro colégio de tarde e de noite voltava pra casa. E eu jogava futebol também de manhã. (...) É, a mesma coisa assim, a gente convivia junto e tudo. A gente estuda junto desde a sétima série, a gente começou a namorar na oitava, né... já... já acostumado assim, sempre junto (...) a gente se gosta bastante e eu acho que não vai mudar a vida assim... vai mudar os nossos planos e tudo mais, mas vai continuar normal [o relacionamento]”. (P2)*

*“Continuo tendo [risos] [namorada] (...) Eu saía com ela [risos]. (...) A gente ia no shopping, redefeição, saía caminhar... Nada demais. E às vezes eu ia em shows (...) também, sozinho... porque ela não gosta de ir”. (P5)*

*“Antes dela engravidar eu tava num outro emprego, né. Então, assim, eu tinha rotina de trabalho... eu trabalhava num dia e folgava no outro. (...) eu ia pra casa dela, não era sempre, né, mas provavelmente assim no dia seguinte, que era o meu dia de folga, ela vinha pra minha casa e tal e ia embora, no mesmo dia ou no outro dia, assim (...). Era mais ou menos isso. Era bem diferente a rotina, assim. Aí eu, a G1, inclusive, ela não morava comigo ainda, né, nessa época. Porque ela foi morar comigo acho que uma semana antes da gente ter confirmação de que ela tava grávida mesmo. Antes também de descobrir que ela tava grávida. (...) Mas nada muito de grandes voltas”. (P1)*

Um dos participantes (P3) passou a morar na casa dos pais da gestante após a notícia da gravidez, mas o mesmo relatou mudanças em seu comportamento após começar o seu relacionamento com ela.

*“É, eu ficava com umas gurias, mas na noite, né... Mas depois que eu conheci ela, parou tudo”. (P3)*



Apesar de ter tido outras namoradas, a companheira atual foi a única que o entrevistado (P4) apresentou a sua família. Ao mesmo tempo em que achava bom namorar a gestante, a inserção na família pareceu ser um fator que deixava a relação “chata”.

*“Teve, tive [outras namoradas] (...) Era legal... era... Ah, às vezes era legal, às vezes era chato. (...) Tinha que tá indo lá na, na casa dela pra eu poder namorar com ela. (...) Legal era quando ela vinha lá em casa. Não precisar apresentar”.* (P4)

*“Nós namorava na ponte, daí depois nós começamos a namorar no quarto dela. Daí depois ela começou a ir lá pra casa, daí ela começou a morar lá em casa. Daí agora nós estamos na casa dela”.* (P4)

Além disso, na segunda passagem, o pai adolescente relatou como ocorreu seu envolvimento com a companheira. Apesar de parecer um processo, o que poderia implicar em um intervalo de tempo longo entre cada etapa, ocorreu de maneira bastante rápida, ou seja, desde que se conheceram, em poucos meses já estavam morando juntos e, em seguida, a companheira engravidou. Em relação à gestação, esse participante referiu algumas mudanças no comportamento da gestante (P4)

*“Mudou muita coisa, a G4 ficou mais sensível, ficou mais chata. [E pra ti, assim, o que mudou?] Pra mim mudou o jeito dela, o jeito que ela me trata agora. Qualquer coisa, não dá pra falar uma coisinha com ela que ela começa a chorar”.* (P4)

### **2.3 Percepções sobre o trabalho**

A presente subcategoria abarcou os relatos dos participantes sobre as modificações em suas vidas após o início do relacionamento conjugal e também após o início do trabalho.

Três dos pais adolescentes entrevistados (P1, P3, P5) já haviam trabalhado, antes da gravidez, em diferentes tipos de atividades. Além disso, um deles (P4) tinha realizado um trabalho de férias, mas por pouco tempo.

*“Eu trabalhava numa Lan House de um tio meu”.* (P1)

*“Daí eu trabalhei [no supermercado], e eu tinha pensão agora, nos últimos tempos. Depois que eu saí do supermercado, eu fui morar em São Leopoldo um pouco, com meu pai e daí ele comprou um terreno (...) com uma floricultura com produtos coloniais, (...) Daí eu fiquei um ano e uns quatro meses lá, cinco meses, depois eu voltei, daí voltei pra Viamão, aí até hoje não voltei mais pra São Leopoldo”.* (P3)

*“Trabalhava com meu avô, num xerox lá no centro. Na Borges...[E o que tu achava deste teu trabalho?] [risos] Era um trabalho. Né... me ajudava a ganhar. [Gostava?] Sim, sim, lógico”. (P5)*

*“Foi só, foi um mês [que ele trabalhou com o pai dele]. (...) Eu gostei. Eu só ficava lá embaixo dos andaimes, vendo eles etiquetar e depois recebia (...) Só alcançava as coisas pra eles. [E o que tu achava do teu trabalho?] Eu achava bom, até ganhava”. (P4)*

Já um dos participantes (P2) apenas estudava antes da gestação, mas após a confirmação da gravidez, suas preocupações focaram-se em conseguir um emprego, como retrata a seguinte passagem:

*“A primeira... a primeira não, a única [preocupação], foi arranjar um serviço, né? Que eu já tinha me inscrito lá, só que eles demoram pra chamar, né? E como eles chamam com 16 anos e com quatro meses eles falaram que chamavam e eu já tava nos meus... quase fazendo 16 já, né? Eu pensei ‘tá, não vão me chamar, né?’. Aí eu comecei a vender churrasquinho e aí começou as aulas. Quando começou as aulas, eles me chamaram lá [estágio em um órgão público federal]”. (P2)*

Em relação às atividades atuais, no momento da realização das entrevistas, um participante (P1) trabalhava como Web designer e outro (P2) continuava com o estágio remunerado em informática, em um órgão público federal. Além do trabalho, ambos relataram gostar das atividades que realizavam e também estavam mais próximos da gestante, principalmente no período da noite. Ressalta-se que o último (P2) permaneceu frequentando a escola e, após iniciar a trabalhar, apenas trocou o turno dos estudos.

*“(...) Eu acordo e trabalho, depois volto pra casa pra cuidar da G1. Geralmente quando tem alguma alteração, sei lá, a gente dá um passeio alguma coisa do tipo, assim”. (P1)*

*“De manhã eu trabalho, né? E de tarde eu vou pra escola, aí de noite eu vou pra casa e aí eu fico em casa com ela G2”. (P2)*

Um dos participantes (P3) auxiliava seu padrasto com conserto de carros, mas como não era um trabalho fixo, estava à procura de um emprego. Desse modo, a sua rotina também se dividia entre fazer companhia para sua mãe e para a gestante.

*“É, daí fico na casa da minha mãe, ajudando, fazendo companhia pra ela, já que eu já vou embora, já mesmo, agora mês que vem, já vou pra São Leopoldo. Dou uma companhia e também saio um pouco lá de baixo [casa dos pais da gestante, onde o participante reside], porque se a gente fica muito assim, a gente se enche muito [ele e a gestante] já começa a brigar também. E o negócio de gravidez também, eu acho também que seja de gravidez, né. Daí eu fico lá na mãe e de noite eu desço pra ficar com ela G3, né?”. (P3)*

Outra situação encontrada referiu-se ao pai adolescente (P5) que estava procurando emprego e iria retornar à escola (supletivo) no mês seguinte à realização da entrevista. Quando questionado sobre o dia-a-dia, ele referiu que não estava contente, pois ainda não tinha encontrado um emprego, o que lhe causava preocupação. Talvez essa ansiedade pudesse estar relacionada com o fato de o participante referir pensar apenas em si mesmo antes da gravidez. Todavia, após tomar conhecimento que se tornaria pai, a busca por um emprego tornou-se essencial, uma vez que ele se sentia responsável financeiramente pelo sustento do bebê e da gestante, conforme retratado ao longo da entrevista.

*“Um saco. (...) É, porque enquanto eu não consigo um emprego... ta... ta ruim... Mas hoje se Deus quiser vai mudar. [Tu está procurando?] Sim, sim... Passo o dia... Mas hoje se Deus quiser vai dar tudo certo. [É? O que que tu tem procurado assim de emprego?] O... o que der. Por enquanto é o mais fácil”. (P5)*

## 2.4 Percepções sobre a escola

Nesta subcategoria abarcou-se os depoimentos dos participantes sobre a escola, como se sentiam na mesma, a história escolar (motivos para faltarem aulas, se tiveram experiências de recuperações e reprovações) e o que levou alguns participantes a saírem da escola.

Entre os motivos associados ao decréscimo no rendimento escolar e no abandono da escola, incluíram-se: começar a trabalhar (P1, P3), namorar (P5) e a gestação da companheira (P4). No momento da realização das entrevistas, apenas um pai adolescente (P2) permanecia na escola. Além disso, o início do trabalho possibilitou a um dos entrevistados (P3) começar a ganhar dinheiro, levando-o a comprar sua moto. Com isso, ele não mais frequentou o colégio, pois suas aulas eram à noite e ele destinava esse horário para ir às festas com seus amigos. As seguintes passagens ilustram essas situações:

*“Assim, é que escola se divide, assim, em duas fases, né, no caso: tipo antes de eu começar a trabalhar e depois quando eu comecei a trabalhar. Tipo, eu sempre fui um aluno exemplar, assim. Não um exemplo para todos os alunos seguir, mas sempre, nunca fui reprovado, sempre fazia os trabalhos, provas, não faltava aula, nem nada do tipo assim. Mas quando eu comecei a trabalhar aí veio as complicações, né, porque começou a ficar pesado e tal. Aí como eu estudava de manhã, trabalhava depois até certo horário, começou a pesar, assim, entre o estudo e além do estudo o convívio social e tal e trabalho”. (P1)*

*“Tinha comprado uma moto e eu nem pensava mais em ir pro colégio. (...) Daí eu comprei a motinho, saí do supermercado, daí eu comecei entrar nessa onda de festa, né?”. (P3)*

*“Eu estudei até o primeiro ano do segundo grau. (...) Parei ano passado. [Por quê?] Burrice [risos]. (...) Segundo minha professora era, foi, foi... Esse tal de namoro, aí, essas pessoas que se apaixonam. (...) É, no calor da hora”. (P5)*

Também se questionou se os pais adolescentes costumavam faltar aulas (nos casos que não estavam estudando no momento, investigou-se quando estudavam), qual a frequência e os possíveis motivos para tal ação. Iniciar a trabalhar foi referido como causa por dois dos entrevistados (P1 e P3):

*“Não. Depois que eu comecei a trabalhar no caso, eventualmente, assim, eu costumava a chegar atrasado. Mas não era, não era no caso faltar aula, né, no caso era conseqüente do trabalho”. (P1)*

*“Não, era de noite, né? Daí só quando chegava cansado do supermercado, daí eu faltava, mas era muito raro, daí eu levava também, pegava o caderno do colega na saída de noite, depois levava o caderno no colégio. [E quando tu faltava, o que tu fazia?] Ia pra casa dormir, descansar, bah cara, é puxado, né? Mas eu não faltava muito porque o único dia que era puxado no supermercado, era quarta, porque todas quarta têm aquela promoção que vende no mercado e quarta não tem aula de noite do EJA, nenhum colégio tem aula de noite. Daí bem no dia, não tinha aula”. (P3)*

Outro pai adolescente disse que nunca faltava (P2), atitude oposta a de outros dois participantes (P4, P5). O primeiro (P4) ficou afastado da escola um ano, por não gostar de frequentá-la. Já o segundo (P5) optou por afastar-se da escola porque queria aproveitar sua liberdade.

*“Eu fiquei um ano sem ir pro colégio. (...) Porque eu não gostava de acordar de manhã. Ficava dormindo”. (P4)*

*“Comecei depois de... depois que eu entrei no primeiro ano. [Frequência] Todo o tempo [risos]. (...) Sempre que eu podia. [Por quê?] Ah... aquela coisa nova, primeiro ano a gente pode fazer o que quer e tal... É, aquela coisa, o início da liberdade, ó, sei lá... parece mais liberdade. As pessoas não tão nem aí pra ti em qualquer um dos colégios... E as pessoas ficam mais... a fim de... não fazer nada. [E o que tu costumava fazer quando tu faltava aula?] [risos] Preciso responder isso... [risos]? (...) Não a gente ia lá beber... a gente ia... (...) É... perto do colégio. Tocar violão.... Era bom matar aula!”. (P5)*

A atitude desse adolescente (P5), por um lado, pode se aproximar do anterior (P4) pela falta de comprometimento que os levaram a faltar às aulas e, como conseqüência, ao abandono escolar. Por outro lado, esse participante deixa claro a seguinte característica da adolescência: a vontade de experimentar, ou seja, a “liberdade” para fazer o que queria, inclusive beber, permitia que ultrapassasse o que não era permitido anteriormente. Além disso, essa possibilidade de

usufruir a liberdade acabava se opondo às obrigações escolares. Essas características também podem se relacionar ao início dos relacionamentos com o sexo oposto: fator que também levou o adolescente a faltar aulas para encontrar-se com a namorada, como relatou no decorrer da entrevista.

A análise conjunta dos depoimentos mostrou que diferentes motivos podem ter influenciado os participantes no abandono escolar, como o início do trabalho, do namoro e a própria gestação da companheira. Outro fator que também parece ter contribuído ao abandono escolar foi as constantes faltas às aulas ou, até mesmo, o desejo de aproveitar a “liberdade” – algo bastante almejado pelos adolescentes, em geral.

### **3. Projetos de vida antes da gravidez**

Nesta categoria foram incluídos os relatos dos pais adolescentes sobre seus projetos de vida antes da notícia da gravidez. Para fins de análise, os relatos foram agrupados em três subcategorias: características dos projetos de vida, os esforços destinados à realização dos projetos de vida e as expectativas das mães, pais e familiares do adolescente quanto a esses.

As questões da entrevista que embasaram esse tema concentraram-se no segundo bloco e foram: “*Quando tu pensavas sobre o teu futuro, quais eram os teus planos? O que tu fazias para alcançar esses planos? E antes de engravidar, o que tu achas que teus pais esperavam para teu futuro?*”. Cada uma dessas questões foram exploradas com relação ao trabalho, estudos, casamentos, filhos e local de moradia, conforme já explicitado na apresentação da entrevista.

#### **3.1 Características dos projetos de vida antes da gravidez**

Na presente subcategoria foram abarcadas as falas dos participantes sobre quais eram as características de seus projetos de vida antes de receberem a notícia que se tornariam pais. Em particular, aqueles relacionados à escola, à família e ao trabalho, de acordo com os objetivos do presente estudo, além do local de moradia.

Os relatos revelaram que os participantes não tinham projetos muito definidos, ao mesmo tempo em que eram bastante heterogêneos quanto aos tipos e em relação as suas motivações. Entre os projetos citados, incluíram-se: estudar e fazer uma faculdade, comprar um carro, morar sozinho, ser *motoboy*, ter um emprego, ficar solteiro e se divertir.

*“Faculdade, fazer faculdade, né? (...) De... Ou Engenharia Mecânica ou de Administração de Empresas. E também fazer uma casa, ter meu carro, né? Tudo... porque eu gosto bastante de carro”. (P2)*

*“Bah!!! Dai é uma coisa que eu sempre quis, né? (...)É, de ser motoboy e construir minha casinha e morar sozinho, sai lá da casa da minha mãe e morar sozinho, me sustenta, porque com o salário que o motoboy tá ganhando eu me sustento sozinho, né? (...) Porque motoboy não tá ganhando mal, tá ganhando uns 600, 700 por mês e não faz nada, fica em cima da moto o dia do todo, andando pra lá e pra cá e dando volta”. (P3)*

*“Ficar solteiro, me divertir, só”. (P4)*

Apenas um dos pais adolescentes (P5) relatou ter metas bem definidas e que considerava que não iria alterá-las com a chegada do filho.

*“Eu continuo tendo... [risos]. [Os projetos anteriores]. Eu penso em terminar o segundo grau, fazer uma faculdade de jornalismo e pretendo seguir carreira com música. Eu tenho uma... eu tenho um sonho de... umas metas de vida que são bem definidas e eu não quero mudar”. (P5)*

Por outro lado, outro participante (P1) referiu que não havia pensado em projetos de vida, uma vez que priorizava as questões mais atuais, ou seja, a curto prazo.

*“Ah, na verdade eu nunca parei pra pensar, assim, em algo a longo prazo, né, no caso. Mas tipo, sempre mais: ‘ah, esse ano vai ser tal coisa, assim, tipo fazer um curso, alguma coisa do tipo assim’. (...) Coisa mais, nada muito planejado, assim, não planejei muito assim o futuro”. (P1)*

A fala que segue, desse mesmo participante (P1), mostra algumas idéias que podem vir a ser realizadas em um futuro distante. Mas, as mesmas parecem ser abstratas, sendo difícil considerá-las um projeto, uma vez que não se evidenciam maneiras de concretizá-lo.

*“Mas nada muito planejado, assim: ah, quando eu tiver 40 anos eu quero ter um emprego, coisa do tipo”. (P1)*

Quando questionados se havia algum plano mais específico quanto à escola antes da gravidez, os relatos mostraram um desejo de continuar ou retornar a mesma, nos casos que já não a freqüentavam. Especificamente quando souberam da notícia da gravidez, um dos pais entrevistados (P2) freqüentava o 2º ano do Ensino Médio; já outro (P5) referiu que retomaria os estudos no próximo semestre, uma vez que havia saído da escola 1º ano do Ensino Médio. Além disso, dois participantes não chegaram a concluir o Ensino Fundamental: um (P4) parou na 5ª série e o outro (P3) na 8ª série. Embora tenha parado de estudar no 1º ano do Ensino Médio, um

participante (P1) realizou Curso Técnico em Manutenção e Web Designer, formação na qual exercia atividade remunerada, bem como outro (P5) realizou Curso Técnico em Informática.

*“É... pensava em estudar e depois tirar a carteira. Mas eu tirei a moto antes de eu terminar, daí eu parei de estudar, porque é uma coisa que tu não pensa mais em estudar, quer sair”.* (P3)

*“Devia ter terminado o colégio, guardado o dinheiro, esperado agora em agosto, tirar a motinho e tirar a carteira e pronto, não teria perdido moto, não teria perdido escola, né... Mas aconteceu, aconteceu, né, não posso tá reclamando do que aconteceu, né?”.* (P3)

*“Estudar eu queria completar a escola. Eu queria completar até o terceiro grau”.* (P4)

Percebeu-se que, em geral, os pais adolescentes entrevistados não revelaram planos claros para o futuro vinculados ao trabalho, como exemplifica a fala abaixo:

*“Trabalhar. Idéia tinha”* [mas nada estruturado]. (P4)

Examinando conjuntamente os relatos tem-se a impressão que o trabalho foi considerado o meio pelo qual os participantes concretizariam os seus projetos de vida e não se constituía em um projeto em si, como será destacado mais adiante.

Os projetos de vida relacionados à constituição de uma família foram mencionados como algo mais distante ou até mesmo inexistente. Dois dos participantes enunciaram que a idéia de casar ou ter filhos era imaginada, após haver uma estabilidade maior (P2, P3). Todavia, como o plano de ter filhos foi antecipado, estes pais adolescentes pareceram conformados com a situação ao exporem que nada poderiam fazer diante desse acontecimento.

*“O casamento depois que... e filhos depois que... tivesse já a casa própria, tudo. Depois que estivesse bastante estabilizado, né, nós pensava assim, só que, né, veio acontecendo...”.* (P2)

*“Né. Casar não. (...) Pensava em ter filho, mas não com ela, né? Com outra pessoa. Sim, pensava, mas depois que eu tivesse trabalhando, com minha carteira assinada, depois que eu tivesse 18 e tudo, com a minha carteira de motorista e tudo, com a minha motinho. Só que daí eu achei a pessoa antes de acontecer isso, né? E aí, aconteceu, aconteceu, né? Não posso, né?”.* (P3)

Por outro lado, um dos participantes (P4) referiu não ter planos de casar ou de ter filhos, sendo que permanecer solteiro foi indicado como um de seus principais projetos de vida. O participante (P1) referiu ter planos em relação a ter filhos, mas não havia pensado em que momento específico. Por fim, um dos pais adolescentes (P5) incluía o casamento e a paternidade

como projetos de vida, sendo que o primeiro acabara sendo desmotivado pela companheira antes de saber da gravidez, mas, no momento da entrevista, estava sendo repensado.

*“É... no início eu queria, né, casar e tal. E ela ficava me dizendo “não, casar, pra quê”... E aí eu... perdi a vontade. E agora ela está com essa vontade, mas eu to pensando ainda [risos]”. (P5)*

*“Tinha, tinha planos que fosse uma menina. E é uma menina [risos]”. (P5)*

Especificamente em relação a projetos de vida quanto à moradia, quatro dos pais não fizeram referência de pensarem em um lugar específico para morarem. Apenas um dos participantes (P5) citou que gostaria de ter uma moradia própria antes de se tornar pai.

*“Ah, sim, sim... (...) É, nessa parte é a única parte que eu me decepcionei porque eu já queria ter um lugar certo, eu não queria morar junto com ela nos fundos de uma casa. [O que planejava?] Primeiro alguma coisa alugada, né. Depois tentar comprar alguma coisa... Isso é um sonho muito grande”. (P5)*

Considerando-se conjuntamente todos os depoimentos, perceberam-se diferentes projetos de vida dos pais adolescentes. Alguns estavam mais relacionados às questões de escolarização, como fazer uma faculdade, ou profissionais, como ter um emprego específico de *motoboy*. Também foram relatados projetos voltados à constituição de uma família, ou seja, o desejo ou não de casar e de ter filhos. Salienta-se que, após analisar conjuntamente os dados, em geral as falas dos participantes mostraram que os mesmos apresentavam dificuldades em estabelecer um projeto de vida, em longo prazo, sendo mais focados em questões atuais.

### **3.2 Esforços destinados à concretização dos projetos de vida**

Essa subcategoria envolveu os depoimentos dos pais adolescentes sobre o que consideravam importante realizar (seus esforços e possíveis ações) a fim de concretizar seus projetos de vida.

Quatro (P1, P4, P3, P5) dos cinco entrevistados responderam que o trabalho era a maneira de conseguirem alcançar não apenas os projetos de vida, mas também os atuais.

*“Bom, geralmente assim, ó... por exemplo, quando eu comecei estudar no caso no Ensino Médio, quando eu fui pro Ensino Médio, começaram a basicamente esses planos, né, no caso. Aí então eu comecei a trabalhar e tal pra tentar adquirir essas coisas”. (P1)*



*“Ah, pra ser motoboy vou ter que trabalhar, pra comprar uma moto, né. Eu pensava nisso: se eu quisesse alguma coisa, eu vou ter que trabalhar pra tê, né? Porque roubar não adianta, se roubasse adiantasse, estaria todo mundo roubando, daí tu tem que trabalhar, né? Trabalhar e tirar minha motinho já agora. (...) Daí já eu ganhando 700, trabalhando de motoboy, eu pago a prestação da moto e sobra ainda, aluguel não vou pagar, porque a casa eu pretendo construir. Faço um rancho e sobra pra eu investir em alguma coisa pra mim (...) só que agora aí, a gente tem que investir em outras coisa, né? Tem que investir no bebê”.* (P3)

*“Olha, eu tentava trabalho. Eu trabalhei, eu tentei trabalhar em tudo. Até faço freelancer até hoje em eventos de coisas. Toco para ganhar dinheiro também, daí, tento arranjar um trabalho fixo pra ganhar... um fixo. Tudo quanto é jeito de arranjar dinheiro. E tentando estudar, né...”* (P5)

E apenas um dos pais adolescentes (P2) referiu que, além de trabalhar, estudar era a maneira que poderia alcançar seus planos.

*“Estudava. Eu estudava, pretendia terminar os estudos e fazer uma faculdade, né, fazer uma faculdade e arranjar um serviço, mas... mas eu já pensava em arranjar um serviço, né, porque eu já tinha me inscrito antes da G2 engravidar [no Menor Aprendiz]”.* (P2)

Além disso, outro pai adolescente (P4) referiu que seu plano era se divertir e ficar solteiro, então ele acreditava que não precisaria fazer nada para ter essas conquistas, como pode ser visto na passagem abaixo:

*“Ah, se divertir é fácil, qualquer coisa que tu faça é pra se divertir, né. Em casar, eu pretendia só ter ido ficar junto... e não pra se casar, só ter namorada, mas não pra se casar”.* (P4)

Ainda em relação ao trabalho, é importante salientar que três entrevistados estavam trabalhando (P1, P2), dois estavam desempregados (P3, P5), mas já haviam trabalhado antes e um estava procurando emprego (P4). Considerando conjuntamente esses dados com as falas anteriores, pôde-se constatar que o trabalho já era uma importante ocupação de alguns pais e, com a gravidez, ele deixou de ser um projeto de vida e tornou-se uma necessidade do presente, a fim de buscar subsídios ao sustento do bebê e da gestante adolescente.

### **3.3 Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes**

Essa subcategoria incluiu as falas dos participantes em relação as suas percepções sobre o que seus próprios pais esperavam de seus projetos de vida, antes de saberem da notícia da gravidez.

A análise dos depoimentos revelou que dois dos pais adolescentes não sabiam o que seus familiares esperavam quanto aos seus projetos de vida (P1, P4). Um dos mesmos acreditava que seus pais não esperavam muito para seu futuro – fato que também ocorreu com outro participante (P5).

*“Não sei”*. (P4)

*“Os meus pais? É que assim, na verdade eu nunca fiz muitas coisas que eles queriam que eu fizesse, né no caso. Não sei exatamente o que eles esperavam. Talvez eles não esperassem muita coisa”*. (P1)

*“Eu acho que ela [mãe] não esperava muito. [Por quê?] Acho que ela... Não, ela queria muito... Ela ainda quer muito, né... Mas quando eu disse que queria ser músico ela olhou pra minha cara e riu [risos]”*. (P5).

Por outro lado, um dos pais adolescentes (P2) entrevistados apontou claramente o que seus pais almejavam como projetos de vida.

*“Que eu fizesse faculdade, estudasse, trabalhasse”*. (P2)

E, ainda, um dos participantes (P3) referiu que seus pais, mesmo não explicitando seus desejos de projetos de vida, demonstravam apoio em qualquer decisão que ele tivesse.

*“Ah... meu pai... ele não falava nada, né? Ele só falava se eu quisesse aquilo ele vai me apoiar, né? (...) E a minha mãe também, eles deixam por mim, sabe? Livre, se eu quiser motoboy, eles vão ajudar eu a ser, se eu quiser ser dentista, eles vão me apoiar, vão me dá toda a força pra sê dentista. (...) se eu quiser ser... qualquer... taxista, essas coisa assim, esses emprego normal assim sabe, né?”*. (P3)

De maneira geral, os participantes mencionaram não saber, mais detalhadamente, quais eram as expectativas de seus pais e familiares sobre seus projetos de vida antes da gravidez. É plausível considerar que havia poucos diálogos sobre esse assunto, no meio intra-familiar, o que pode ter contribuído para os pais adolescentes pouco saberem sobre essa temática.

#### **4. Projetos de vida depois da gravidez**

Na terceira categoria, investigaram-se os projetos de vida dos pais adolescentes após a notícia da gravidez. Essa temática foi dividida em três subcategorias: 1) Mudanças nas características dos projetos de vida frente à gravidez na adolescência; 2) Esforços destinados à concretização dos projetos de vida e 3) Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos

adolescentes. As questões da entrevista que abordaram essas temáticas foram: “*E depois que a (nome da mãe do bebê) engravidou, alguma coisa mudou nesses teus planos para o futuro? (Se sim) O que mudou? E agora, quais são teus planos para o futuro? O que tu pensas fazer para alcançar esses planos? E hoje, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?*”.

#### **4.1 Mudanças nas características dos projetos de vida frente à gravidez na adolescência**

Nessa subcategoria foram incluídos os depoimentos dos participantes sobre as possíveis mudanças em seus projetos de vida, após a gravidez, em comparação com os planos antes da mesma, descritos na categoria anterior.

Todos os pais adolescentes referiram algumas mudanças, em maior ou menor escala, nos seus projetos de vida. Entre os dois pais (P1 e P2) que expuseram poucas mudanças, ambos referiram que as mesmas anteciparam planos relacionados à moradia e casamento, ou seja, as alterações nos projetos de vida estavam relacionadas à constituição familiar, como nos exemplos a seguir:

*“Olha... mais ou menos, mudou bastante assim... mas, como é que eu posso te explicar, assim? Como eu te expliquei, como não eram planos muito distantes, assim, a longo prazo, não fez tanta diferença, eu só comecei a repensar neles assim pra outro lado, né, no caso. O lado mais nós dois, família, assim, feliz”.* (P1).

*“Não [mudou nada]. (...) É, só que morar junto, né, de ter nossa casa, que agora eu comprei o material, final de semana passado, pra começar a construir a casa já. (...) só adiantou a construção e o endereço”.* (P2)

Os outros três pais adolescentes (P3, P4 e P5) citaram mudanças mais expressivas em seus planos após a gravidez. Tais alterações ocorreram em relação a uma maior preocupação em conseguir um trabalho, em não mais poder concretizar o plano de ser solteiro, diminuir as atividades que proporcionavam diversão e ao início de planos com o bebê, como expostos nos discursos a seguir:

*“Mudou. Acho que tem que... bom tem que trabalhar, dar valor, dar tudo pra ele, né meu. Não querer que ele passe o que o cara [aqui] já passou, né”.* (P3)

*“Mudou, né? Ficou ruim pra mim agora, com a mãe do bebê, né? (...) Ser solteiro não [esse plano não pode mais ser realizado], mas se divertir... Se divertir dá. (...) Agora eu não vou mais na praça, me divirto só jogando videogame lá dentro de casa”.*(P4)

*“Mudou. Eu tenho uma filha. Agora eu... eu penso nela também. (...) Imagina que massa uma filha”.* (P5)

Quando questionados sobre quais os projetos de vida que se mantiveram ou se modificaram após a gravidez, os pais adolescentes detalharam um pouco mais as mudanças que eles já haviam anunciado no questionamento anterior. Os relatos indicaram principalmente, planos para o presente e futuro imediato e não para um futuro muito distante que estariam associados a projetos de vida. Assim, construir uma casa, comprar um carro, residir com a gestante e buscar formas de sustentar o filho e a gestante foram as respostas encontradas nesse questionamento.

*“Bom, atualmente é que a gente tá construindo uma casa pra nós. Assim que a casa ficar pronta, sei lá, comprar um carro, alguma coisa assim pra ter mais... é que assim, agente mora numa, digamos assim, uma vila, como chama aqui em Porto Alegre no caso. E não tem muita opção de lazer ali perto e coisa e tal”.* (P1)

*“Trabalhar, tirar minha carteira, tirar minha moto, trabalhar, ter meu salário, minha carteira e poder compra as coisa pra ele e tentar sustentar os dois, né? Não precisar que ela trabalhe, né. Não trabalhe enquanto ele tiver pequeno, porque quando ele tiver grandinho, ela pode, né, se ela quiser... mas por enquanto eu quero ter um serviço pra poder deixar ela em casa, sabe? Pra ela não precisar ir trabalhar”.* (P3)

*“Agora eu penso em trabalhar, vou morar sozinho, eu e a P4 (...) Eu acho que nós vamos morar numa parte [do terreno] da mãe dela ou lá pra baixo, na parte do meu tio [onde irão construir a casa].”* (P4)

Além disso, três participantes citaram que, apesar de haver mudanças em alguns planos, outros permaneceram inalterados.

*“De trabalhar continuam os mesmos. (...) Nem pretendemos se casar”* [também não pretendiam antes da gravidez]. (P3)

*“[Pretende voltar a estudar?] Não. [E casar?] Também não”.* (P4)

Ainda em relação aos planos que surgiram, é interessante notar a inclusão do filho e da gestante aos planos de um dos participantes (P3). Para esse pai adolescente, a paternidade era um projeto de vida para um futuro próximo, sendo que o mesmo expôs que a gravidez havia sido planejada.

*“Só que agora é... continuam os mesmos planos, só que com outras pessoas dentro, entendeu? (...) A única coisa que surgiu foi ela, foi ela vim morar comigo”.* (P3)

É oportuno destacar que as falas dos pais adolescentes já abarcavam a presença dos bebês em suas vidas. Se antes a idéia da paternidade poderia não ser um plano para a adolescência (com exceção do P3 descrito acima), a partir da gravidez o foco de suas vidas voltou-se ao bebê e às implicações de ter um filho. Assim, todos destacaram que queriam encontrar uma moradia conjunta com a mãe do bebê, bem como maneiras de sustentá-los, como já exposto nas passagens anteriores e nas que seguem abaixo.

*“Sei lá, tenho o plano de comprar um carro pra deslocar mais fácil, assim, pela cidade, levar a G1 e o B1 pra passear. Alguma coisa do tipo, assim. Esse é o único plano que eu tenho, assim a curto prazo, né, no caso”.* (P1)

*“Pra ter um futuro melhor pra ela [filha]. Pra dar uma coisa boa, coisas que eu não tive. [Como assim?] É, sei lá. Tipo... uma... uma vida estável sei lá, não precisar ficar rezando pra ter comida no outro dia [risos]. Porque eu já passei por isso.... Já passei por isso antigamente. Agora, não, agora está tudo tranqüilo. Mas era barra antigamente. (...) Teve fases que tava difícil... Mas agora tá tudo.. tudo bem. Ainda bem [risos]”.* (P5)

Em especial, um dos participantes (P5) referiu que a notícia sobre a chegada do bebê deixou-o com mais força, ou seja, com mais motivação para ir em busca de seus planos. Além disso, esse participante havia mencionado que acreditava que sua mãe não tinha muitas expectativas sobre seus projetos de vida antes, mas que a mesma passou a confiar mais nele após saber que ele se tornaria pai e demonstrou apoio quanto à paternidade. Assim, pode-se pensar que a gravidez, por vezes, fortaleceu os projetos de vida de pelo menos um dos pais adolescentes, como pode ser visto abaixo:

*“Ficaram com mais... com mais força por causa que daí eu tenho mais motivo para conseguir me dar bem nestes planos que eu tenho”.* (P5)

As falas dos pais adolescentes indicaram tanto mudanças quanto permanência de alguns de seus projetos de vida após a gravidez. Entre as principais mudanças encontram-se aquelas vinculadas à constituição de uma família e ao aumento das preocupações quanto ao sustento de suas “novas” famílias. Também foi relatado, por um dos pais adolescentes (P4), as suas apreensões quanto às atividades que não mais seriam concretizadas com a presença do bebê, como por exemplo, as maneiras de se divertir. Já, para outro participante (P5), o anúncio da paternidade motivou-o para tentar concretizar os seus projetos anteriores.

Dois pais adolescentes (P2 e P5) residiam com as companheiras antes da gravidez, um (P5) começou a morar junto quando suspeitaram da mesma e os outros dois (P3 e P4) após a confirmação da gravidez. Chama atenção que quatro desses pais moravam com as gestantes na casa dos pais dela (P2, P3, P34 e P5) e apenas um (P1) morava só com a gestante e um irmão dele. Além disso, dois participantes (P1, P5) indicaram o desejo de morarem em uma residência própria, apenas com a gestante e o bebê.

Enfim, como todos os planos relatados envolveram questões financeiras, não foi surpresa que os participantes indicassem que a concretização dos mesmos ocorreria através do trabalho, como pode ser visualizado na subcategoria a seguir.

#### **4.2 Esforços destinados à concretização dos projetos de vida**

Na presente subcategoria foram incluídos os relatos dos pais adolescentes sobre seus esforços para concretizar os projetos de vida que surgiram após a gravidez, bem como aqueles que já existiam anteriormente.

Os discursos de todos os pais adolescentes apontaram que os projetos de vida poderiam ser concretizados através do trabalho. Além disso, para um dos participantes (P2) que já trabalhava, buscar outro emprego seria uma possibilidade de oferecer condições satisfatórias de futuro ao bebê.

*“Trabalhando”*. (P1)

*“Me esforçar e trabalhar, né?”*. (P4)

*“Arranjar um serviço melhor, né? Arranjar um serviço melhor e fazer a faculdade pra também poder dar um futuro bom pra minha filha, né?”*. (P2)

Para outro pai adolescente (P3), que também havia indicado a importância do trabalho, o apoio de seus próprios pais possibilitaria que ele conseguisse comprar uma moto. Assim, esse participante poderia trabalhar como *motoboy* – profissão que lhe traria o retorno financeiro almejado – além de concretizar um projeto de vida que possuía antes da gravidez.

*“Eu pretendo trabalhar e pretendo... até meu pai vai me ajudar, né, ele falou, que se eu precisar da carteira, ele tira pra mim, né. Ai eu tirando a carteira, posso pedir pra qualquer um, minha mãe, meu pai, pra, só qualquer familiar tirar uma moto pra mim, que eu pago por mês a prestação, né? Porque se tu tá com uma moto tem serviço, né, não é só de motoboy, de tudo que é... é motoboy que se diz, né, qualquer empresa tu pega. (...) Já tá estruturado”*. (P3)

Examinados conjuntamente, os relatos dos pais adolescentes indicaram que, em geral, não houve mudanças significativas quanto às maneiras de conseguirem concretizar seus projetos de vida antes e depois da gravidez. A referência ao trabalho como sendo o meio pelo qual os projetos de vida poderiam ser concretizados foi comum aos dois momentos analisados. Quando entrevistados, dois pais adolescentes estavam trabalhando, um (P3) já havia trabalhado anteriormente e estavam procurando emprego e um (P4) não tinha a experiência de trabalhar, apenas tinha sido auxiliar de pedreiro de seu pai, por dois meses. Embora esse último participante tenha referido desejar trabalhar, o mesmo não enunciou, durante a entrevista, a realização de ações que o fizessem alcançar tal objetivo, pois sua rotina consistia em permanecer em casa jogando *videogame*.

#### **4.3 Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes**

Essa subcategoria incluiu os depoimentos em relação às percepções dos participantes sobre o que os seus próprios pais passaram a esperar de seus projetos de vida, após saberem da notícia da gravidez.

A análise dos relatos mostrou diferentes expectativas dos familiares dos pais adolescentes quanto aos projetos de vida após a gestação. Para dois participantes (P2, P4), não houve mudanças nesse aspecto. Ressalta-se que um deles (P4) referiu não saber o que seus pais esperavam nem antes da gravidez e nem depois.

*“Que eu continue com o mesmo pensamento, fazer a faculdade e tudo. (...) Eu pretendo ainda fazer faculdade, né”. (P2)*

*“Também não sei”. (P4)*

Situação semelhante foi descrita por outro participante (P1), o qual também não sabia o que seus pais esperavam de seus projetos de vida e, além disso, acreditava que eles tinham poucas expectativas frente aos mesmos. Contudo, para esse pai adolescente, a gravidez fez com que ele sentisse um maior apoio de sua família, e também proporcionou que suas percepções sobre as expectativas dos familiares se alterassem.

*“Esperam que eu seja um bom pai. (...) Mas agora até que ela tá apoiando mais (...) eu creio que atualmente eles estão bem contentes assim, com as coisas assim e tal, a minha vida, da mãe do bebê e tal”. (P1)*

Mudanças semelhantes também foram expressas por outro participante (P5), o qual também considerava que seus pais tinham escassas expectativas para seus projetos de vida antes da gravidez.

*“Ah, eu acho que ela confia muito em mim atualmente. (...) No sentido de que eu vá dar certo em alguma coisa. (...) [O que ela espera que tu faça?] Que eu faça o que me der... o que me der... dinheiro e que me faça feliz. Ela quer o meu bem [risos]”.* (P5)

A análise da entrevista de outro pai adolescente (P3) mostrou que as expectativas de seus pais voltaram-se ao filho e à gestante. A posição de seus pais diferiu de antes da gravidez, uma vez que anteriormente eles o apoiavam em todas as decisões individuais que o participante escolhesse.

*“Eles querem que eu trabalhe e que eu ajude ela [G3], né? Que eu tenho que fazer isso mesmo!”.* (P3)

Os relatos acima mostraram que cada participante expressou percepções diferentes sobre as expectativas de seus familiares quanto seus projetos de vida após a gravidez. Tal situação já havia ocorrido quando questionados sobre o mesmo tema, mas em relação às expectativas anteriores à gestação. Apenas um dos pais adolescentes (P4) não sabia as expectativas de seus pais em nenhum dos dois momentos. Para os demais, as expectativas divergiram: mantiveram-se (P2); focaram-se na situação da paternidade (P1, P3) ou representaram maior apoio familiar (P1, P5).



## DISCUSSÃO

O objetivo desse estudo foi investigar a paternidade e os projetos de vida, em adolescentes, durante a gestação do primeiro filho. Em particular, buscou-se examinar o impacto da gravidez nos projetos de vida desses jovens com relação à família, à escola e ao trabalho. Nesta seção, serão discutidos os principais resultados de cada um dos temas centrais das categorias descritas anteriormente, levando-se em conta a literatura.

A análise dos relatos demonstrou que, apesar de quatro participantes não planejarem a gravidez e, inicialmente, haver diferentes reações à notícia da mesma; em um segundo momento, todos disseram sentirem-se felizes com a chegada do bebê. A literatura aponta que a descoberta ou confirmação da gravidez pode gerar sentimentos confusos (Frizzo et al., 2005) e ambivalentes (Levandowski, 2001b) nos adolescentes, ocorrendo simultaneamente angústias e alegrias, “um choque” ou uma surpresa e mesmo felicidade, como ocorreu com os participantes deste estudo. As variações na interpretação da gestação também se associam às concepções dos adolescentes sobre esse evento (Trindade & Menandro, 2002), o que contribui para que alguns relacionem a gravidez com felicidade e, inclusive, realização pessoal (Ximenes et al., 2007). Além disso, as reações dos pais adolescentes podem variar ao longo da gestação (Levandowski, 2001b) e os sentimentos ambíguos são mais comuns nas situações em que a gravidez não foi planejada (Amazarray et al., 1998).

Como para três dos entrevistados a notícia da gravidez foi mais uma confirmação do que uma surpresa, por já desconfiarem ou por terem planejado a mesma, pode-se pensar que os mesmos tiveram um período de preparação maior antes da ratificação da notícia; diferentemente das situações em que, além de não planejar, também não se esperava sua ocorrência, como para um dos pais adolescentes. É oportuno destacar que esse pai era o participante mais novo e tinha apenas 16 anos. A literatura aponta que, embora seja denominada “paternidade na adolescência”, há importantes diferenças psicológicas entre aqueles estão no início ou no final da adolescência (Camarena et al., 1998; Montemayor, 1986; Teti & Lamb, 1986). O desenvolvimento cognitivo também pode interferir na percepção da paternidade, uma vez que muitos adolescentes, sobretudo os mais novos, podem ainda não ter desenvolvido a capacidade de pensar sobre o futuro (Montemayor, 1986; Levandowski & Piccinini, 2006). Assim, estes adolescentes podem ainda não

ter refletido sobre quando e se gostariam de se tornar pais, como ocorreu com esse participante de menor idade.

Embora apenas um dos pais adolescentes mencionasse ter planejado a gravidez, os resultados mostraram que nenhum dos participantes utilizava métodos contraceptivos em todas as relações, sendo que três deles nunca o faziam, mesmo que todos referissem conhecer pelo menos alguma forma de prevenção à gravidez. Esse dado chama a atenção para a pequena preocupação desses adolescentes não apenas com a possibilidade de ocorrência de uma gravidez, mas também para o risco de contraírem uma doença sexualmente transmissível. Lohman e Billings (2008) apontaram serem altas as taxas de adolescentes sexualmente ativos do sexo masculino que não usam contraceptivos, mesmo tendo mais de um parceiro. A iniciação sexual precoce associada ao uso inadequado de preservativos constitui-se em um fator de risco à gravidez na adolescência (Nelson, 2004) e também às doenças sexualmente transmissíveis (Lohman & Billings, 2008).

Pode-se considerar que o participante que mais se preocupou com esse aspecto foi aquele que referiu sempre utilizar métodos contraceptivos com a namorada antes de planejarem a gravidez. Após a tomada a decisão, ambos optaram por realizar exames para verificar se algum era portador de alguma doença sexualmente transmissível. A partir dos resultados negativos dos exames, não utilizaram mais nenhum método contraceptivo. Esse dado reflete os achados da literatura sobre a associação entre o uso de contraceptivos e a perspectiva de um projeto de futuro (Esteves & Menandro, 2005). Nesse caso, pode-se considerar que após o estabelecimento do projeto de ter um filho, esse adolescente deixou de usar preservativos. Quanto ao planejamento da gravidez por parte desse participante, parece que o mesmo apresentava mais o desejo de ter um bebê do que propriamente houvesse um planejamento envolvendo a análise das conseqüências ou, inclusive, a antecipação de ações que respondessem à demanda que a chegada de um filho implica. Pode-se pensar que o desejo de ter um bebê desse adolescente poderia refletir uma afirmação de sua capacidade reprodutiva e uma antecipação da vida adulta (Dadoorian, 2003). Apontamento esse sustentado por sua fala no decorrer da entrevista e por ser o participante que menos referiu precisar de apoio familiar para conviver com essa nova realidade.

Os resultados dos demais participantes que não utilizavam preservativos parecem se aproximar dos achados de Nelson (2004). Esse autor também encontrou estudos que investigavam a não utilização de métodos contraceptivos por adolescentes e levantou as seguintes questões:

Haveria intenção na ocorrência da gravidez? Ela foi apenas consequência de um acidente? Ou, ainda: a gravidez estaria em um campo entre ambos? Nos resultados do presente estudo não há respostas conclusivas para essa questão, mas, através da análise das entrevistas, pode se pensar que a gravidez, para vários dos participantes, estaria nesse campo ambíguo entre haver a intenção e ser um acidente.

Ainda em relação ao uso de métodos contraceptivos, deve-se considerar que essa questão pode não estar relacionada apenas ao aspecto individual, podendo refletir uma grande lacuna nos serviços de atenção à saúde reprodutiva dos adolescentes do sexo masculino, como aponta Ott (2010). Segundo a autora, a visão cultural da sexualidade masculina é um dos grandes motivos que leva a essa condição nos Estados Unidos, por exemplo. Situação semelhante ocorre no Brasil, cujas campanhas sobre sexualidade não raro enfocam apenas a “maternidade na adolescência”. O menor enfoque nos pais adolescentes no contexto da gestação também pode reforçar estereótipos e preconceitos em relação à importância da paternidade, podendo dificultar que o adolescente a assuma (Elster & Hendricks, 1986; Medrado et al., 2008). Assim, reitera-se a necessidade da inclusão dos pais adolescentes em programas de atenção à gestação (Caputo & Bordini, 2007; Miller, 1997; Ott, 2010). Além disso, outros estudos também mostraram que os adolescentes necessitam de alguém que os oriente em relação ao comportamento sexual e os assuntos a ele relacionados (Aquilino & Bragadottir, 2000; Herrman, 2008).

Assim como os participantes, inicialmente os familiares também tiveram reações diferenciadas frente à notícia da gravidez, mas, em um segundo momento, demonstraram sentimentos de felicidade. Deve-se destacar que apenas uma das avós teve uma reação de “choque” frente à notícia da gravidez. Algumas vezes, esse tipo de reação dos pais dos adolescentes reflete a sensação de que cometeram erros que levaram à gestação do filho (Silva & Tonete, 2006). Em suma, do mesmo modo que assinalado anteriormente sobre as controvérsias na reação dos pais adolescentes, também coincidem sentimentos de desaprovação, raiva, conformidade e alegrias nas reações de seus familiares à notícia da gravidez (Lima et al., 2004). Por outro lado, a reação de choque da mãe de um dos entrevistados chamou a atenção, sobretudo por esse ser o único participante que referiu ter planejado a gravidez. Além disso, esse adolescente mencionou que sua mãe estava apreensiva desde quando havia a suspeita de que a namorada estivesse grávida e, após a confirmação da gravidez, a mãe desse participante referiu que ainda

fora um susto. Assim como discutido anteriormente, esse mesmo participante foi o que menos destacou a importância de receber apoio da sua família na gestação. Essas falas podem indicar um distanciamento desse pai adolescente de sua mãe e, até mesmo, algum conflito familiar. O participante referiu que, após sua mãe casar-se novamente, passou a diminuir a convivência com ela, pois não se relacionava pacificamente com seu padrasto.

A análise desses dados corrobora a literatura, ao mostrar a importância do contexto, da classe social e da própria constituição familiar nas maneiras que os familiares irão reagir e perceber a gestação na adolescência (Cabral, 2003; Lerner & Galambos, 1998; Levandowski et al., 2008). Além disso, as normas dos grupos familiares e o que se espera dos adolescentes influenciam nas interpretações da gravidez, ocorrendo reações mais favoráveis ou mais “negativas” (Neiverth & Alves, 2003; Marsiglio, 1986).

Três participantes mencionaram as preocupações de seus pais com o fato de trabalharem e de adquirirem consciência sobre o aumento de suas responsabilidades. A preocupação da família com a questão econômica é oportuna, pois muitas vezes os avôs também se sentem responsáveis pelo bebê (Falcão & Salomão, 2005). Frequentemente, a gravidez na adolescência também aumenta os gastos familiares, além de deixar os avôs com excesso de tarefas (Levandowski, 2001).

É importante acrescentar que os entrevistados referiram não sentir mágoas ou sentimentos com conotações negativas frente à reação de seus pais sobre a chegada do bebê. Pode-se pensar que, embora alguns familiares tenham atribuído responsabilidades ao pai adolescente, os participantes mostraram-se contentes com as reações de seus familiares. Após a notícia da gravidez, alguns familiares deram presentes ao bebê, ofereceram ajuda financeira ou disseram que ficariam ao lado do filho. Essas reações parecem expressar o apoio inicial desses familiares aos pais adolescentes. Embora a gravidez na adolescência possa não ser um plano coletivo, muitas famílias reestruturam sua organização e seus projetos, a fim de manter a união do grupo familiar (Silva & Tonete, 2006), o que demonstra que o apoio dos familiares torna-se muito importante às repercussões da gestação adolescente.

Apesar de haver relatos diferenciados quanto ao tipo e à quantidade de auxílio que demandavam, todos os entrevistados citaram receber algum tipo de apoio de seus pais e também da família da gestante. Foram citados: ajuda financeira, poder contar com os pais para tudo, além

de receberem conselhos sobre maneiras de criar o filho. Esses dados estão de acordo com a literatura, que indica que o apoio da família aos pais e mães adolescentes durante a gravidez pode envolver auxílio financeiro, emocional, assim como conselhos e expressões de carinho (Lima et al., 2004; Silva & Tonete, 2006). Além disso, diversos autores apontaram a importância da família como principal fonte de apoio ao pai e à gestante adolescente (Coley & Chase-Lansdale, 1998; Elster & Hendricks, 1986; Levandowski et al., 2008; Marsiglio et al. 2000), tal como ressaltou um dos participantes, ao assinalar que frente a uma situação de dificuldade, muitos amigos “*somem*”.

Chama atenção que nenhum dos participantes residia mais com suas mães e seus pais, então a convivência com suas famílias de origem estava menor, o que não se constituiu em um empecilho para receberem apoio das mesmas. De acordo com Silva e Tonete (2006), os familiares podem oferecer apoio aos seus filhos adolescentes, mesmo não residindo com os mesmos.

Após a análise conjunta das reações dos familiares frente à notícia da gravidez e do apoio que os pais adolescentes receberam dos mesmos, os resultados deste estudo mostraram que possíveis resultados negativos da gravidez na adolescência podem ser amenizados quando há algum tipo de apoio familiar, tanto emocional, como material (Levandowski et al., 2008). Nessa mesma linha, considera-se que os apoios familiar, social e psicológico podem ser fatores de proteção ao adolescente que vivencia uma situação de gravidez, por auxiliar na diminuição das possíveis perdas decorrentes da mesma (Camarena et al., 1998; Carvalho et al., 2009). Por exemplo, ao explicitarem receber apoio de seus pais e dos pais da gestante para a construção de suas casas, dois pais adolescentes demonstraram que, mesmo de forma implícita, suas famílias possibilitaram a concretização de um projeto de vida que estava associado ao futuro: ter a casa própria. Assim, o apoio dos familiares permitiu a esses jovens prosseguirem seus processos de individualização. O apoio financeiro também é muito importante (Herrman, 2008), sobretudo porque os pais adolescentes têm limitadas oportunidades de emprego (Dallas, 2004). Assim, o apoio familiar ao pai adolescente mostrou ser um tema amplo e inseriu-se em outros aspectos da vivência da paternidade, como na concretização dos projetos de vida e na possibilidade de exercer a paternidade.

Em relação às atividades cotidianas dos pais adolescentes entrevistados, destacou-se a forte associação existente entre a escola e o trabalho. Os impactos da gravidez na adolescência em relação à escola estão associados aos em relação ao trabalho (Herrman, 2008). Conciliar as

funções de estudar e trabalhar já era difícil para alguns pais antes da gravidez; após a mesma, tornou-se praticamente impossível.

Ao se discutir as questões referentes à escola e trabalho, não se poderia deixar de considerar o contexto sócio-econômico no qual os participantes desse estudo inseriam-se. Geralmente, na classe média, há uma pressão familiar para que o adolescente conclua seu processo de escolarização e tenha uma inserção satisfatória no universo laboral, possibilitando que esses jovens tenham uma adolescência mais prolongada. Diferentemente, nas classes populares, a situação de gravidez pode antecipar a entrada do adolescente no mercado de trabalho ou, inclusive, pode até aparecer na seqüência de um abandono precoce da escola (Dadoorian, 2003). Assim, embora socialmente esteja instituído um padrão de etapas que os jovens deveriam passar e as tarefas que deveriam cumprir na infância, na adolescência e na vida adulta, essas padronizações podem se tornar descontextualizadas na análise das diferenças culturais e sócio-econômicas (Oliveira, 2008).

Outro resultado oportuno refere-se à comparação da trajetória escolar dos participantes com o histórico escolar, em geral, de baixa escolarização de seus pais. Esses dados corroboram algumas considerações encontradas na literatura sobre a importância do incentivo familiar como um dos principais componentes à escolarização dos filhos. Para Cabral (2003), haveria uma tendência dos pais adolescentes repetirem as trajetórias educacionais de seus pais, notadamente no que concerne ao baixo grau de escolaridade, uma vez que os antecedentes familiares podem ter um impacto sobre as escolhas educacionais dos adolescentes (Collins & Laursen, 2004). Além disso, a baixa escolarização dos pais é apontada como um dos fatores de risco à gravidez na adolescência dos filhos (Meade, Kershaw, & Ickvics 2008), visto que as atitudes e opiniões dos pais podem influenciar as escolhas dos filhos, principalmente as de longo prazo, como a escolarização e as questões de valores morais (Smetana, Campione Barr & Metzger, 2006). Desse modo, pode-se pensar que os participantes cujos pais tiveram menor tempo destinado ao estudo, por começarem a trabalhar precocemente, podem ter contribuído para que os filhos também valorizassem o início das atividades laborais já na adolescência. Muitas vezes, para os indivíduos das classes populares, o trabalho tem a função de inseri-los no mundo social e, em geral começa já na adolescência (Oliveira, 2008). Não raro, a falta de incentivos dos pais ao término da

escolarização, em prol da valorização do trabalho, vincula-se às possibilidades de auxílio que o adolescente trará à renda familiar (Dadoorian, 2003; Sabroza et al., 2004).

Ainda em relação à escolarização, a análise dos motivos que contribuíam para as faltas escolares dos participantes indicou: cansaço com o trabalho, a sobreposição de funções, a falta de vontade de ir à escola, bem como a vontade de vivenciar a liberdade. É oportuno destacar que dois dos participantes referiram que o processo que os levou a abandonar a escola iniciou com as faltas nas aulas. Conforme os estudos de Elster e Hendricks (1986), os adolescentes que se tornaram pais costumavam faltar mais às aulas, ter maior desinteresse pela escola e baixo rendimento escolar. Além disso, conciliar as atividades referentes à escola e ao trabalho tornou-se bastante cansativo e, quando tiveram que optar por qual prosseguir, três dos entrevistados preferiram seus trabalhos. Então, esses três participantes saíram da escola antes da gravidez. Além disso, um dos participantes apontou que a gestação foi o motivo para seu abandono escolar. Esse resultado aproxima-se da literatura ao salientar que muitas vezes a gravidez desencadeia um impacto negativo aos anos escolares (Hofferth, Reid & Mott, 2001). Todavia, esse participante também afirmou que não gostava de ir a escola, por não gostar de acordar cedo e por achar que “*não tinha graça*”, o que destaca outros motivos que contribuíam para esse adolescente sair da escola. Não obstante muitas pesquisas apontem uma associação entre o abandono escolar e a gestação na adolescência, cada vez mais se verifica que não há, necessariamente, uma relação causal clara entre ambos (Camarena et al., 1998). Assim, não se pode afirmar com certeza se a paternidade ou maternidade na adolescência levariam os adolescentes a saírem da escola ou se a saída da escola favoreceria uma situação de gravidez na adolescência; embora se saiba que há uma correlação muito forte entre esses dois eventos (Frizzo et al., 2005), a direção nem sempre é clara. Por outro lado, um dos participantes permaneceu com seus estudos, mesmo após iniciar a trabalhar, o que demandou uma reorganização de seus horários. Essa situação corrobora a literatura ao mostrar que muitos adolescentes conseguem dividir-se satisfatoriamente em diferentes funções (Levandowsky, 2001b). Além disso, esse pai adolescente também contava com o apoio familiar para permanecer na escola e, assim, manter alguns de seus projetos de vida. Para Arhin (2005), ter aspirações e objetivos de futuro pode ser considerado como fatores de proteção à gravidez na adolescência, uma vez que o impacto da mesma pode ser menor do que se imagina.

Ainda em relação à análise do histórico escolar dos adolescentes, visualizou-se que, exceto o participante que permanecia na escola, os demais já haviam tido pelo menos uma reprovação. Insucesso escolar e abandono da escola estão muitas vezes associados à gravidez na adolescência (Elster & Hendricks, 1986). Além disso, comumente, quando um adolescente se torna pai, ainda não concluiu seus estudos, os quais geralmente acabam sendo postergados ou não finalizados (Amazarray et al., 1998). Por outro lado, ao não concluir a escolarização, os adolescentes podem ter limitadas oportunidades de emprego futuras (Lemay et al., 2010), dificultando a autonomia financeira de seus pais (Dadoorian, 2003). Isso também ocorreu com os participantes do presente estudo, em que todos ainda dependiam financeiramente de seus pais ou dos pais da gestante. A dependência ocorria em relação aos gastos com o bebê (como a compra dos móveis para o quatinho e de fraldas), ou por morarem na casa dos pais da gestante, como ocorreu com quatro dos participantes. Esses resultados salientam a dificuldade de muitos pais adolescentes viverem independentemente de suas famílias de origem (Dallas, 2004).

Quanto ao relacionamento com as gestantes, três participantes relataram poucas mudanças, pois dois dos mesmos já consideravam ter uma união estável e residirem juntos antes da gravidez. Já um dos pais adolescentes também não relatou mudanças no seu relacionamento, embora a decisão de morar juntos tenha ocorrido após a confirmação da gestação. Os outros participantes passaram a residir na casa dos pais de suas companheiras após a gestação. Um dos pais adolescentes mencionou mudanças nas suas atitudes, em reduzir sua ida às festas e não “*olhar para outras gurias*”. Já outro destacou alterações no comportamento da namorada após a gestação, tornando-se mais “*chata*”. Além disso, os pais adolescentes já namoravam as gestantes há algum tempo, então, as gestações ocorreram em namoros estáveis, como apontado por outras pesquisas (Cabral, 2003; Esteves & Menandro, 2005; Levandowski & Piccinini, 2004; Levandowski et al., 2008). Além disso, a união conjugal também pode influenciar positivamente a reação familiar sobre a gravidez na adolescência (Meade et al., 2008; Sabroza et al., 2004), como ocorreu no presente estudo.

Assim como antes da gravidez, em geral os participantes não mencionaram ter projetos de vida muito definidos após a notícia da gravidez, pois referiram priorizar suas vidas no presente ou no futuro próximo. De acordo com Camarena et al. (1998), ter maturidade é um dos indicadores dos adolescentes que conseguem estruturar seus projetos de vida com mais facilidade. E a



maturidade associa-se ao desenvolvimento do pensamento formal, em que há uma ampliação do pensamento concreto para a construção de idéias, assim possibilitando que o adolescente pense sobre seu futuro (Inhelder & Piaget, 1976).

O enfoque maior nas questões do presente também contribuiu para que os projetos de vida após a notícia da gravidez complementassem os anteriores. Desse modo, tornou-se difícil distinguir quais as mudanças nos projetos de vida relacionaram-se à gravidez ou a quando os adolescentes foram morar com a companheira ou, ainda, após começarem a trabalhar. Essas alterações nos projetos de vida mostraram-se associadas com as mudanças nas atividades cotidianas. Resultados encontrados por Calesso et al. (2000) também mostraram que o fato de já terem abandonado a escola e viverem com os companheiros antes da gestação contribuiu para que a gestação não causasse mudanças profundas nos projetos de vida das adolescentes.

Os projetos de vida em relação à escola mostraram-se mais estruturados para dois dos pais adolescentes, os quais planejavam finalizar o Ensino Médio e cursar uma faculdade. Salienta-se que o primeiro era o único que freqüentava a escola e o segundo, iria retornar em breve (fazer supletivo). Outros dois participantes expuseram o desejo de retornar à escola algum dia, mas sem especificar detalhes de como o fariam. Após a notícia da gravidez, os participantes não mencionaram alterações nos planos anteriores em relação à escolarização. Como discutido anteriormente, apenas um entrevistado justificou sua saída da escola como sendo uma consequência da gravidez, o qual não mencionou ter planos para voltar a estudar. Muitas vezes, além de não estar nos projetos de vida do adolescente, a gravidez pode interromper alguns projetos que os mesmos tinham, sobretudo quanto à escolarização (Folle & Geib, 2004).

A saída da escola muitas vezes ocorre precocemente e não está vinculada à situação de gravidez, como já destacado acima e conforme apareceu nos relatos dos pais do presente estudo. Outras pesquisas também já revelaram que o abandono escolar pode não ser consequência da gravidez e estar associado a outros fatores, como por exemplo, uma situação econômica precária (Coley & Chanse-Lansdale, 1998; Levandowski et al., 2008), a ao próprio desinteresse pela escola (Elster & Hendricks, 1986).

Ainda quanto à escola, destaca-se a trajetória de um dos participantes, que além de nunca ter sido reprovado e ter o projeto de concluir um curso superior, não foi impedido pela gravidez de continuar sua escolarização, sobretudo por contar com o apoio de sua família. A fim de apoiar a

gestante ou o pai adolescentes, a família pode reestruturar seus projetos, priorizando as necessidades em torno da gravidez (Esteves & Menandro, 2005; Silva & Tonete, 2006).

Em relação ao trabalho, não foram explicitados projetos de vida sobre possíveis lugares onde trabalhar e quais atividades exercer. Os relatos dos participantes mostraram que o trabalho representava um meio ou uma ferramenta para que pudessem concretizar os seus projetos, tanto antes, como depois da gestação. Apenas um dos pais adolescentes apontou a importância da escolarização associada ao trabalho. Assim, aqueles que ainda não trabalhavam ou estavam desempregados, o trabalho também passou a ser uma necessidade para conseguirem sustentar o filho e a companheira - resultados que corroboram os achados de Esteves e Menandro (2005).

Outro motivo que pode estar relacionado com o início do trabalho nos adolescentes relaciona-se aos seus envolvimento românticos. O fato de dois participantes já morarem com suas companheiras antes de elas engravidarem pode ser outro elemento que impulsionou a iniciação no mercado de trabalho. Apesar de muitas vezes serem pouco evidenciados os estudos sobre as consequências do envolvimento romântico na adolescência (Smetana et al., 2006), a pesquisa realizada por Tynkkynen, Nurmi e Salmela-Aro (2010) apontou que, em alguns casos, ele pode se tornar mais importante para o adolescente do que os seus próprios anseios educacionais. Os resultados da pesquisa de Tynkkynen et al. (2010) mostraram que os adolescentes que se identificaram com seus pais apresentaram mais interesse em seguir os estudos do que aqueles que se identificavam com o parceiro romântico, os quais tendiam optar pelo ingresso na vida profissional.

Nas classes populares, não raro o início do trabalho ocorre já na adolescência: mais cedo que nas classes média e alta. Dessa forma, freqüentemente os projetos de vida das classes populares focam-se na obtenção de um trabalho (Esteves & Menandro, 2005). Então, pode-se privilegiar o trabalho às atividades escolares, como se as mesmas estivessem em um segundo plano ou como segunda opção. Isso pode estar relacionado às precárias oportunidades disponíveis associadas ao contexto no qual os adolescentes estão inseridos, o que influenciaria nas decisões dos mesmos quanto aos seus futuros (Günther & Günther, 1998).

Um dado que merece destaque foi a preocupação de um dos participantes em conseguir encontrar algum emprego com uma remuneração satisfatória para sustentar o filho e a companheira e que a mesma não precisasse trabalhar. No decorrer da entrevista, esse participante

enunciou, repetidas vezes, a sua responsabilidade com as questões financeiras para que a gestante destinasse sua atenção aos cuidados com o bebê. Essa situação mostra, assim como em muitas famílias contemporâneas, que nestas dos adolescentes, também apareceu uma divisão tradicional dos papéis, em que caberia ao pai o sustento econômico (Castoldi, 2002; Lamb, 1986; Lewis & Dessen, 1999, Miller, 1997, Rizzini, 2001; Wagner et al., 2005 ).

Enfim, a possibilidade de sustentar economicamente a família também pode melhorar a relação com a mãe do bebê (Lemay et al., 2010) e, o auxílio financeiro à família também se constituiu como um fator promotor de bem-estar psicológico nos pais (Schindler, 2010). Assim, se o pai adolescente está trabalhando, há maior predisposição para que o envolvimento com o bebê seja maior.

Quatro participantes relataram ter projetos de vida voltados à constituição de uma família (casar e ter filhos). Contudo, para dois desses, antes seria necessário haver uma maior estabilidade financeira. Então, nesses casos, o projeto de ter um filho foi antecipado e, assim como ocorreu com a notícia de gravidez, todos os participantes pareciam ter recebido de maneira tranqüila a antecipação desse plano, inclusive o pai adolescente que não tinha como projeto se tornar pai. Associado à paternidade, também é importante destacar que não foram mencionadas falas em relação ao aborto, pelo contrário, alguns participantes inclusive salientaram que nada podiam fazer frente à gravidez, senão aceitá-la. Além disso, três participantes já residiam com suas companheiras e os outros dois assinalaram que a companheira não provocou alterações em seus projetos de vida, apenas foram inseridas nos mesmos e a gravidez acabou antecipando um projeto que já existia de morarem juntos. Esses resultados mostram que a opção por assumir a paternidade leva muitos adolescentes a modificarem suas vidas nos aspectos afetivo, social, quanto à escolarização e o trabalho (Amazarray et al., 1998).

Embora dois dos pais adolescentes manifestassem a vontade de morarem sozinhos com a gestante e o bebê, eles ainda não possuíam condições financeiras próprias para o mesmo. Além disso, alguns participantes estavam construindo uma casa no pátio da casa de seus pais e das gestantes, a partir dos auxílios financeiros que recebiam dos familiares. Esses resultados corroboram a literatura que aponta ser bastante difícil os adolescentes, em uma situação de gravidez, terem autonomia financeira de seus pais (Daddorian, 2003; Dallas, 2004).

Quanto às expectativas dos familiares, dois participantes não sabiam o que os familiares esperavam de seus projetos de vida. Essa “falta” pode ser sentida pelo adolescente e dificultar aquilo que ele acredita que possa vir a ser, pois o mesmo utiliza o que as outras pessoas falam sobre ele na construção de seu projeto de vida (Scelza, 2006). Já no caso de outro participante que referenciou receber grande apoio, as expectativas de seus pais estavam em consonância com os seus projetos de vida quanto a continuar a escolarização e a cursar uma faculdade. As redefinições dos projetos de vida são possibilidades através do apoio familiar (Brandão & Heilborn, 2006; Esteves & Menandro, 2005). Por essa razão, outro fator que pode ter contribuído para a pouca estruturação dos projetos de vida daquele participante foi a carência de apoio familiar ao mesmo. Por um lado, a gravidez pode ampliar a rede de apoio dos pais para os filhos, desencadeando uma maior vinculação emocional do adolescente com sua família (Trindade & Menandro, 2002). Por outro lado, a ampliação do apoio familiar pode se focar na situação de paternidade, priorizando os cuidados com o bebê, deixando os projetos de vida dos pais adolescentes em um segundo plano (Camarena et al., 1998), ou postergados para o futuro (Brandão & Heilborn, 2006).

De qualquer modo, o apoio familiar é importante, independentemente de ser focado no adolescente ou no bebê. Por exemplo, a literatura aponta que, para realizar atividades, além dos cuidados com o bebê, como ir à escola, trabalhar ou até mesmo atividades de lazer, as mães adolescentes necessitam de ajuda de sua família (Carvalho et al. 2009), muitas vezes ofertadas pelas avós do bebê (Falcão & Salomão, 2005). Partindo-se dessa consideração, pode-se pensar que os pais adolescentes também precisam de tal apoio: tanto para realizarem atividades laborais e de escolarização, mas também para poderem dispor de um tempo livre com seus amigos e companheiras. Como os entrevistados ainda estavam vivenciando o período gestacional, em que o envolvimento da mulher com o bebê geralmente é maior, sobretudo pelos aspectos fisiológicos e hormonais, não foram citadas expectativas que seus familiares fossem apoiá-los com os cuidados com os bebês. Por outro lado, ao enunciarem que recebiam ajuda financeira de seus pais e que as mães de dois participantes estavam os ensinando em como cuidar de bebês, os participantes expuseram algumas facetas do apoio familiar. Assim como apontou Dallas (2004), o apoio familiar é considerado essencial para um maior envolvimento dos pais adolescentes com seus filhos.

Embora, em geral, tenham sido citadas muitas alterações nos projetos de vida, para um participante a diminuição da liberdade era considerada uma das conseqüências da paternidade na adolescência, podendo trazer prejuízos a sua vida social do adolescente (Herrmann, 2008). Em contrapartida, ter um filho tornou-se motivador para um dos participantes concretizar os seus projetos anteriores, enquanto para outro isso permitiu a busca por um emprego. Neste caso, destacou-se a preocupação desse participante em investir no bebê, para que o filho não precisasse vivenciar as dificuldades que ele havia vivenciado, demonstrando o aumento de suas responsabilidades e as preocupações frente ao bebê. Assim, a chegada de uma criança pode simbolizar uma nova força para alcançar projetos de futuro (Camarena et al., 1998, Herrman, 2008). O empenho pode ser justificado como uma forma de garantir um futuro melhor (Esteves & Menandro, 2005) e seguro para o filho (Camarena et al., 1998). Esses resultados também indicaram que o bebê se torna um incentivo para os pais buscarem um trabalho ou se dedicarem mais arduamente às atividades escolares e laborais. Assim, o emprego e o estudo foram considerados fatores que os tornariam melhores pais para o bebê (Lemay et al., 2010). Associado a esse dado, os mesmos autores (Camarena et al., 1998) apontaram que muitos pais adolescentes acabam diluindo suas aspirações quanto às necessidades do filho, o que pode levá-los a abdicar de seus projetos de vida. Então, de acordo com a literatura, é muito difícil o jovem conciliar o estudo, o trabalho e os cuidados com o bebê (Amazarray et al., 1998; Herrman, 2008).

Após a análise conjunta das categorias sobre as características dos projetos de vida e das expectativas familiares, tanto antes quanto após a notícia da gravidez, salienta-se a dificuldade dos adolescentes descreverem suas vidas, antes de saber que se tornariam pais, sem que os mesmos deixassem de referenciar esse evento. Assim, a análise das falas dos participantes em relação aos planos que possuíam antes da gravidez parece relacionar-se mais a expectativas em relação ao futuro do que propriamente projetos de vida. De acordo com Bohoslavsky (1998/1977) os projetos combinam as aspirações do indivíduo com a possibilidade de alcançá-las; já as expectativas estariam relacionadas apenas às aspirações, vontades que se quer ter ou ser no futuro. Enfim, as falas dos pais adolescentes indicaram tanto mudanças quanto permanência de alguns de seus projetos e de algumas de suas expectativas de vida após a gravidez.

## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi investigar os projetos de vida e a paternidade adolescente sob a percepção de adolescentes não-pais e de adolescentes que esperavam seu primeiro filho. Em particular, buscou-se examinar os projetos de vida desses jovens com relação à família, à escola e ao trabalho. Ao se realizar dois estudos, um com adolescentes não pais e outro com adolescentes pais, isto permitiria examinar eventuais semelhanças e particularidades nos projetos de vida, dentro de cada grupo e entre os grupos.

A expectativa inicial era de encontrar diferenças nos projetos de vida dos adolescentes não-pais e dos pais adolescentes, em função da paternidade. Essa expectativa baseou-se na literatura, que associa a ocorrência da gravidez na adolescência a conseqüências negativas tanto para as atividades cotidianas, como para os projetos de vida dos adolescentes (Carvalho et al., 2002; Dias & Aquino, 2006; Falcão & Salomão, 2006; Fraser et al., 1995; Gama et al., 2001, Levandowski et al., 2008; Meade et al., 2008; Montemayor, 1986; Trindade & Menandro, 2002), sendo considerada um problema de saúde pública (Brandão & Heilborn, 2006; Heilborn et al., 2002; Silva & Tonete, 2006; Trindade & Menandro, 2002).

Por outro lado, alguns autores têm questionado essa associação entre gravidez na adolescência e conseqüências negativas, ao apontarem alguns fatores que podem influenciar as representações da gravidez na adolescência, como o contexto e a situação sócio-econômica (Cabral, 2002, 2003; Esteves & Menandro, 2005; Heilborn et al., 2002; Levandowski & Piccinini, 2006; Levandowski et al., 2008; Marsiglio, 1986; Silva & Tonete, 2006) e a idade do adolescente (Calesso et al., 2000; Camarena et al., 1998; Montemayor, 1986; Sabroza et al., 2004; Teti & Lamb, 1986). Além disto, haveria uma heterogeneidade de significações em torno da gravidez na adolescência (Cabral, 2003; Heilborn et al., 2002; Trindade & Menandro, 2002).

Os resultados do Estudo I revelaram que os adolescentes não-pais apresentaram, em geral, percepções negativas da paternidade adolescente. Seus depoimentos confirmam os estudos que destacam as repercussões negativas da paternidade à vida dos jovens. Além disso, suas percepções seguem a tendência da mídia e das percepções, muitas vezes, estereotipadas sobre a gravidez na adolescência (Camarena et al., 1998; Elster & Hendricks; 1986; Heilborn et al., 2002; Herrman,

2008; Levandowski, 2001a). Essas percepções ressaltam as perdas que esta situação traz para os pais adolescentes, além de reforçarem julgamentos discriminatórios, muitas vezes culpando-os pela ocorrência desse evento.

Outro ponto importante sobre o Estudo I relaciona-se à diversidade de atividades cotidianas, de lazer e de diversão que os adolescentes não-pais realizavam sozinhos, com seus amigos, vizinhos e familiares. Além disso, todos freqüentavam a escola, mesmo os que tinham reprovações em seus históricos escolares e aqueles que trabalhavam em períodos opostos às aulas. Em geral, esses participantes também referiram ter apoio familiar para permanecerem estudando, uma vez que a conclusão dos estudos foi referida como sendo uma das expectativas de seus familiares. Esses são alguns elementos que podem ter favorecido a elaboração dos projetos de vida desses adolescentes. Desse modo, os adolescentes não-pais destacaram projetos de vida, sobretudo, em relação à escolarização, além de aspirarem ter sua própria família, mas no futuro. Embora considerassem uma realidade ainda distante, ter filhos fazia parte dos projetos de seis adolescentes não-pais, bem como, aqueles que tinham projetos quanto à moradia, referiram que o lugar fosse próximo ao local que moravam atualmente; exceto um participante, que gostaria de morar em outro estado. Em síntese, os depoimentos dos participantes destacaram a importância atribuída às atividades escolares, bem como o desejo de concretizarem seus projetos de vida, os quais dificilmente seriam obtidos se viessem a se tornar pais adolescentes.

Por outro lado, os resultados do Estudo II não corroboraram as concepções tradicionais da gravidez como essencialmente negativa para a vida dos adolescentes. Embora não possam ser desconsiderados todos os riscos, sobretudo, biológicos e psicológicos, a gravidez na adolescência também pode ser avaliada como um fator de proteção para alguns adolescentes (Camarena et al., 1998; Gontijo & Medeiros, 2008). Nesse sentido, o bebê pode ser considerado como uma força motivadora para o adolescente voltar a investir na escolarização e dedicar-se ao seu trabalho. Esse é um exemplo de como a gravidez pode ser um fator de proteção a alguns adolescentes, principalmente aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade (Camarena et al., 1998; Gontijo & Medeiros, 2008).

Quanto às percepções da paternidade na adolescência, os pais adolescentes apontaram algumas mudanças que haviam ocorrido, mas todos diziam se sentir felizes com a chegada do bebê. Nesse contexto, destacou-se a importância atribuída às redes de apoio tanto em relação à

paternidade, mas também na manutenção ou reconstrução dos projetos de vida dos participantes. Em relação ao primeiro aspecto, a família foi considerada como fonte de apoio principal para ajudar emocionalmente e financeiramente o pai adolescente e, após o nascimento do bebê, os participantes contavam com o apoio dos familiares para auxiliar nos cuidados com o mesmo. O apoio das mães dos participantes vinculou-se mais a aspectos emocionais, e dos pais ao apoio financeiro. Além disso, a família das gestantes também se constituiu importante fonte de apoio, como indica o fato de quatro pais adolescentes residirem com a família da gestante. A família extensa e os amigos, apesar de também apoiarem os participantes quanto à paternidade, foram citados em menor proporção.

Em relação às atividades cotidianas dos pais adolescentes, chamou atenção o fato de quatro, dos cinco participantes, não estarem freqüentando a escola no momento da entrevista. Embora um dos adolescentes tenha atribuído o abandono escolar à gestação, seu retorno à escola pareceu estar associado antes a uma vontade pessoal do que à gravidez. Nessa direção, destaca-se que, antes da gravidez, as atividades cotidianas destes participantes pouco incluíam lazer e diversão. Além disso, os pais adolescentes relataram projetos de vida pouco estruturados.

Um ponto que também merece destaque foca-se na dificuldade de tentar investigar sobre a vida desses adolescentes pais, antes da notícia da gravidez. A paternidade perpassou a entrevista em todos os momentos, sendo difícil e, inclusive, passível de questionamento a tarefa de investigar os projetos de vida através da comparação entre esses dois momentos: antes e a após a gravidez. Por outro lado, como fazê-lo sem utilizar do artifício de questões retrospectivas? Apesar de diversos fatores apontados pela literatura como possíveis causas ou facilitadores da gravidez na adolescência, é muito difícil fazer um estudo prospectivo, que entrevistasse adolescentes com risco para gravidez e, posteriormente, os entrevistasse novamente.

Embora os participantes do Estudo I não sejam equivalentes em termos de características sócio-demográficas aos do Estudo II, se buscou emparelhá-los pelo nível sócio-econômico, o que possibilita algumas comparações entre os participantes dos dois estudos. De qualquer modo, o fato de ambos estarem vivendo a adolescência, com toda sua dinâmica e complexidade, pode-se pensar em algumas comparações nas falas desses participantes

Nessas comparações destacam-se, em particular, as diferenças encontradas nos projetos de vida. Enquanto os pais adolescentes não tinham projetos muito definidos, além de serem bastante



heterogêneos e não mostrarem muitas motivações para concretizá-los, os relatos dos adolescentes não-pais mostraram uma diversidade quanto às possibilidades de projetos de vida. Os participantes do Estudo I, apesar de serem até mais novos (idades entre 13 e 16 anos) do que os participantes do Estudo II (idades entre 16 e 18 anos) expuseram projetos de vida mais estruturados, além de salientarem maneiras para alcançá-los.

Outra comparação que merece atenção relaciona-se à motivação para frequentar a escola dos adolescentes não-pais, bem como a escolarização ter sido referenciada como possibilidade de alcançar os projetos de vida. Já entre os pais adolescentes, destaca-se um maior número de faltas escolares, bem como o abandono precoce da escola. Além disso, para os mesmos era através do trabalho que seus planos poderiam ser concretizados. Esses resultados aproximam-se dos estudos que apontam os fatores protetores da escola ao desenvolvimento de adolescentes, bem como as associações entre o abandono escolar e a paternidade na adolescência (Filho e Guzzo 2008; Galo & Williams, 2008; Gonçalves et al., 2007; Marsiglio, 1986).

Especificamente quanto às possíveis implicações da gravidez aos projetos de vida de adolescentes, percebeu-se que ambos os “grupos de casos” referiram que os projetos de vida poderiam ser mantidos ou reconstruídos, principalmente, se os pais adolescentes contassem com uma rede de apoio, sendo que a família foi apontada com mais frequência nesse estudo. Além disso, apesar de mostrarem diferenças quanto aos projetos de vida, tanto os adolescentes não-pais quanto os pais adolescentes explicitaram que os projetos de vida do presente e do futuro estavam bastante conectados: ao mesmo tempo em que os participantes falavam de futuro, focavam-se no presente. Sabe-se que não há como desconsiderar as atividades atuais na constituição de planos a longo prazo. Por outro lado, um grande foco no presente parece refletir as características da própria fase da adolescência, em que o imediatismo e o desejo de suprir as necessidades do momento tornam-se essenciais. Essa explicação parece associar-se particularmente ao pai adolescente mais novo do Estudo II, que, ao longo da entrevista, enunciou uma menor apreensão quanto aos projetos de vida, em relação aos demais e, além disso, não demonstrou se preocupar com a falta de trabalho, com maneiras de obter subsídios ao sustento do filho e da gestante e nem com o fato de não frequentar a escola.

Apesar dessas diferenças entre os adolescentes não-pais e os pais adolescentes, reitera-se que tais comparações devem ser tomadas com cautela, em função das diferenças nas

características de cada ‘grupo de casos’, bem como das limitações do estudo. Uma das principais limitações do estudo foi não ter investigado a percepção de amigos de adolescentes que esperavam seu primeiro filho, como havia sido planejado, pois não se teve sucesso nesta tarefa. Embora a idéia inicial fosse a de se solicitar que o pai adolescente indicasse um amigo que pudesse ser entrevistado, isto não se mostrou viável. Se tivesse sido possível, poderia ampliar as possíveis comparações entre os grupos. Além disso, o fato de nem todos os adolescentes do Estudo 1 conviverem com adolescentes que seriam pais também se tornou uma limitação. Uma maior convivência poderia aumentar a compreensão dos adolescentes não-pais sobre a paternidade na adolescência e, inclusive, poderia ter diminuído as diferenças nas percepções dos mesmos, que tenderam a ser mais negativas em relação aos pais adolescentes.

Embora esse estudo tenha se focado na percepção dos pais adolescentes quanto às possíveis mudanças que já estavam ocorrendo em seus projetos de vida durante a gestação, em comparação com sua vida antes de engravidar, pouco se pode avaliar sobre o impacto da mesma nos projetos de vida desses adolescentes. Para tanto, seria necessária uma avaliação longitudinal, que pudesse continuar investigando as implicações da gravidez aos projetos de vida de pais adolescentes. Essa necessidade também foi notificada por outros pesquisadores que realizaram estudos com objetivos semelhantes ao presente estudo (Camarena et al., 1998).

Outra limitação refere-se ao pequeno número de participantes. Embora algumas pesquisas apontem haver uma dificuldade em encontrar pais adolescentes dispostos a participarem de pesquisas (Lemay et al., 2010), sabe-se que estudos qualitativos buscam primariamente compreender um fenômeno, independente da quantidade de participantes. Através de uma análise detalhada de um caso, pode-se chegar a uma grande quantidade de informações e aprofundar nossa compreensão sobre um fenômeno. Apesar disso, sugere-se que estudos futuros possam ampliar a amostra e incluir adolescentes não-pais que sejam amigos ou tenham uma maior convivência com pais adolescentes, além de pertencerem a famílias de diferentes níveis sócio-econômico. Os resultados aqui revelados, baseados em adolescentes de famílias de baixa renda, podem ser bastante diferentes se consideradas famílias de maior renda, em que os projetos de vida podem ser mais planejados não só pelo adolescente, mas pela própria família.

Cabe também lembrar que as entrevistas utilizadas podem não ter conseguido revelar toda a complexidade do que estava sendo investigado. Além disto, o Estudo I baseava-se na

percepção sobre outros e até no que os adolescentes achavam que aconteceria, no caso dos poucos que não conheciam outro adolescente que esperava um filho. Mas mesmo para os pais adolescentes, falar sobre esta situação não deve ser fácil, e podem não ter sido devidamente retratados. Além disto, a análise de conteúdo realizada e a estrutura de categorias utilizada podem não ter conseguido apreender adequadamente a complexidade desta situação.

É importante também destacar o reduzido número de pais adolescentes, no próprio projeto GRADO, do qual o presente estudo faz parte. No período de 12 meses, foram entrevistadas, 35 gestantes adolescentes e apenas cinco pais adolescentes com até 18 anos, sendo os demais pais mais velhos ou apesar de atenderem o critério de idade, não quiseram ser entrevistados. Isto apóia o que outros autores têm destacado sobre a idade dos pais ser geralmente maior do que a das gestantes adolescentes (Belsky & Miller, 1986; Dallas, 2004; Landry & Forrest, 1995; Miller, 1997; Wang & Chou, 2001; Woodward et al., 2006). Por outro lado, o estigma associado à paternidade na adolescência pode levar alguns homens a hesitar falar sobre essa experiência, sendo que os informantes geralmente são aqueles que reconhecem a paternidade (Marsiglio et al., 2000), ou seja, um subconjunto com comportamentos e crenças que podem diferir dos pais adolescentes em geral (Lemay et al., 2010).

Algumas limitações desse estudo, como citadas anteriormente, podem ser importantes temas de estudos futuros. Sugere-se que as investigações sobre a paternidade na adolescência e a percepção da mesma sejam ampliadas, sobretudo, por que, muitas vezes as pesquisas sobre gravidez na adolescência ainda privilegiarem apenas a visão das mães. Embora seja notória a ampliação dos estudos sobre a perspectiva do pai (Nelson, 2004), principalmente no que concerne sua importância ao desenvolvimento do bebê e a ampliação dos cuidados com o mesmo, ainda não são amplos os estudos que investigam os processos de se tornar pai (Genesoni & Tallandini, 2009) e como a paternidade constitui-se ou não como um projeto de vida. Muitos autores sugerem que é através da escuta dos pais adolescentes, sobre o que pode possibilitar ou inibir a sua participação no cuidado com os filhos que haverá uma melhor compreensão e a possibilidade de desenvolver programas específicos a esse público e, assim, contribuir para o bem-estar dos seus filhos (Dallas, 2004). Além disso, esse estudo colabora no desenvolvimento de conhecimentos sobre a temática da paternidade, sobretudo, após 2008, em que o Ministério da Saúde do Brasil lançou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem.

Outra importante questão que muitos estudos vêm destacando refere-se à impossibilidade de homogeneizar a experiência da paternidade, sobretudo devido ao contexto e nível sócio-econômico dos participantes. Então, não se pode falar em uma paternidade ou uma gravidez na adolescência, mas a singularidade desse evento para cada um dos adolescentes que o vivenciam. Isto também ocorreria com relação aos projetos de vida dos adolescentes, sendo que em algumas famílias, sobretudo de classe média e alta, há uma mobilização e esforços dos pais para que o filho adolescente tome decisões e elabore projetos de vida. Assim, poucos desses jovens exercem outras atividades que não estejam ligadas à escolarização. Condição essa, pouco visualizada em muitos adolescentes das classes populares: muitas vezes além de conciliarem as atividades escolares com algum trabalho, para auxiliar no sustento da família, as exigências que essa jornada implica pode levá-los ao abandono escolar. Como muitas vezes a preocupação foca-se no presente, isso pode levar a projetos de vida menos estruturados, como destacados pelos participantes deste estudo.

Enfim, apesar da literatura pesquisada não explicitar claramente, acredita-se que adolescentes que vivenciam a paternidade encontram-se em uma zona de transição de seus projetos de vida: a passagem do plano teórico para o início de sua execução. Ao mesmo tempo em que a paternidade implicaria em uma reestruturação de muitos planos, também exigiria novas maneiras de executá-los, sendo que, em alguns casos, o filho pode ser até um incentivo para a elaboração dos mesmos. Pode-se pensar, que a paternidade não necessariamente finda os projetos de vida dos adolescentes, mas pode ampliar os desafios que se estabelecem na reavaliação de projetos anteriores e na elaboração de aspirações futuras. E, neste processo, a família, a escola, e a própria sociedade, desempenham um papel fundamental de apoio a estes adolescentes.

## REFERÊNCIAS

- Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z., & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 431-440.
- Aberastury, A. (1981). O adolescente e a liberdade. In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico* (S. M. G. Ballve, Trans., 10th, pp. 13-23). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original published in 1970).
- Applegate, J. S. (1988). Adolescent fatherhood: Developmental perils and potentials. *Child and Adolescent Social Work*, 5(3), 205-217.
- Aquilino, M. L. & Bragadottir, H. (2000). Adolescent pregnancy: Teen perspectives on prevention. *The American Journal of Maternal Child Nursing*, 25(4), 192-197.
- Arhin, A. (2005). A literature review: Outcome measures of african american adolescent mothers. *African American Research Perspectives*, 11(1), 182-192.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições70.
- Belsky, J. & Miller, B. C. (1986). Adolescent fatherhood in the context of the transition to parenthood. In A. B. Elster & M. E. Lamb (Eds), *Adolescent fatherhood* (pp. 107-122). Hillsdale: Lawren Erlbaum.
- Benincasa, M., Rezende, M. M. & Coniaric, J. (2008). Sexo desprotegido e adolescência: Fatores de risco e de proteção. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2):121-134.
- Berquó, E. & Cavenaghi, S. (2006). Fecundidade em declínio: Breve nota sobre a redução no número médio de filhos por mulher no Brasil. *Revista Novos Estudos*, 74, 11-15.
- Bohoslavsky, R. (1998). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1977).
- Bornholdt, E. A., Wagner, A. & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 15(2), 75-92.
- Brandão, E. R. & Heilborn, M. L. (2006). Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1421-1430.

- Bustamante, V. (2005). Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: Um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Cabral, C. S. (2002). “Gravidez na adolescência” e identidade masculina: Repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 179-195.
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(Supl.2), 283-292.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Camarena, P.M., Minor, K., Melmer, T. & Ferrie, C. (1998). The nature and support of adolescent mothers’ life aspirations. *Family Relations*, 47(2), 129-137.
- Carvalho, M. A. B. D., Souza, D. V., Oliveira, D. S., & Pires, L. P. M. (2002). Gravidez na adolescência: aspectos socioeconômicos. *Revista de Ginecologia e Obstetrícia Atual*, 8(1), 7-14.
- Carvalho, G. M., Merighi, M. A. B. & Jesus, M.C. P. (2009). Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 18(1), 17-24.
- Calesso Moreira, M. & Sarriera, J. C. (2006). Preditores de saúde e bem-estar psicológico em adolescentes gestantes. *Psico-UFS*, 11(1), 7-15.
- Caputo, V. G. & Bordini, I. A. (2007). Problemas de saúde mental entre jovens grávidas e não grávidas. *Revista de Saúde Pública*, 41(4), 573-581.
- Castoldi, L. (2002). *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê*. Unpublished doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, Brasil.
- Coley, R. L. & Chase-Lansdale, P. L. (1998). Adolescent pregnancy and parenthood: Recent evidence and future directions. *American Psychologist*, 53(2), 152-166.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Changing relationships, changing youth: Interpersonal contexts of adolescent development. *Journal of Early Adolescence*, 24, 55–62.

- Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Resolução n.196/1996*, 16 de outubro de 1996. Brasília, DF.
- Costa, C. R. B. S. F. & Assis, S. G. (2006). Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto sócio-educativo. *Psicologia & Sociedade*, 18(3), 74-81.
- Dadoorian, D. (2003). Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 84-91.
- Dallas, C. (2004). Family matters: How mothers of adolescent parents experience adolescent pregnancy and parenting. *Public Health Nursing*, 21(4), 347-353.
- Dias, A. B. D. & Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1147-1458.
- Elster, A. B. & Lamb, M. E. (1986). *Adolescent fatherhood*. Hillsdale: Lawren Erlbaum.
- Elster, A. B. & Hendricks, L. (1986). Stresses and coping strategies of adolescent fathers. In: A. B. Elster & M. E. Lamb (Eds), *Adolescent fatherhood* (pp. 55-65). Hillsdale: Lawren Erlbaum.
- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). *Lei n. 8.069*, 13 de julho de 1990. Fortaleza, CE.
- Esteves, J. R. & Menandro, P. R. M. (2005). Trajetórias de vida: Repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. *Estudos de Psicologia*, 10(3), 363-370.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise* (A. Cabral, Trans). Rio de Janeiro: Zahar.
- Falcão, D. & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 205-212.
- Fagot, B. I., Pears, K. C., Capaldi, D. M., Crosby, L., & Leve, C. S. (1998). Becoming na adolescent father: Precursors and parenting. *Developmental Psychology*, 34(6), 1209-1219.
- Filho, A. E. & Guzzo, R. S. L. (2008). Fatores de risco e proteção: Percepção de crianças e adolescentes. *Temas em Psicologia*, 14(2), 125-141.
- Folle, E. & Geib, L. T. C. (2004). Representações sociais das primíparas adolescentes sobre o cuidado materno ao recém-nascido. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 12(2), 183-190.
- Fraser, A. M., Brockert, J.E., & Ward, R.H. (1995). Association of young maternal age with adverse reproductive outcomes. *New England Journal of Medicine*, 332(17), 1113-1117.

- Frizzo, B. G., Kahl, M. L. F & Oliveira, E. A. F. (2005). Aspectos Psicológicos da gravidez na adolescência. *Psico*, 36(1), 13-20.
- Furstenberg, F. F. J. (2003). Teenage childbearing as a public issue and private concern. *Annual Review of Sociology*, 29, 23-39.
- Gallo, A. E. & Williams, L. C. A. (2008). A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 41-59.
- Gama, S. G. N., Szwarcwaldb, C. L., Leal, M. C., & Filha, M. M. T. (2001). Gravidez na adolescência como fator de risco para baixo peso ao nascer no município do Rio de Janeiro, 1996 a 1998. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(1), 74-80.
- Gavin, L. E., Black, M. M., Minor, S., Abel, Y, Papas, M. A. & Bentley, M. E. (2002). Young disadvantaged fathers' involvement with their infants: An ecological perspective. *Journal of Adolescent Health*, 31, 266-276.
- Genesoni, L. & Tallandini, M. A. (2009). Men's Psychological Transition to Fatherhood: An Analysis of the Literature, 1989–2008. *Birth Issues in Perinatal Care*, 36(4), 305-318.
- Gomes, A. J. S. & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Gonçalves, H., Hallal, P. C., Amorim, T. C., Araújo, C. L.P, & Menezes, A. M. B. (2007). Fatores socioculturais e nível de atividade física no início da adolescência. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 22(4), 246-253.
- Gontijo, D. T. & Medeiros, M. (2008). “Tava morta e revivi”: Significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(2), 469-472.
- Günther, I. A. (1993). As necessidades emocionais do adolescente e a escola. *Temas em Psicologia*, 1, 45-58.
- Günther, I. A. (1996). Preocupações de adolescentes ou os adolescentes têm na cabeça mais do que bonés. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(1), 61-70.
- Günther, I. A. & Günther, H. (1998). Brasília pobres, Brasília ricas: Perspectivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(2), 191-207.
- Hardy, J. B. & Duggan, A. K. (1988). Teenage fathers and the fathers of infants of urban, teenage mothers. *American Journal of Public Health*, 78(8), 919-922.



- Heilborn, M. L.; Salem, T.; Rohden, F.; Brandão, E.; Knauth, D.; Víctora, C.; Aquino, E.; McCallum, C.; & Bozon, M. (2002). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, 8(17), 13-45.
- Hennigen, I. & Guareschi, N. M. F. (2002). A paternidade na contemporaneidade: Um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 44-68.
- Herrman, J.W (2008). Adolescent perceptions of teen births. *Journal of Obstetric Gynecologic and Neonatal Nursing*, 37(1), 42–50.
- Hofferth, S.L., Reid, L., & Mott, F.L. (2001) The effects of early childbearing on schooling over time. *Family Planning Perspectives*, 33(6), 259-267.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade (A. P. B. Arruda, Trans.). In L. Solis-Ponton (Ed.), *Ser pai, ser mãe - Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-51). São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo.
- Indicadores e Dados Básicos de Saúde (IDB). (2007). Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2007/matriz.htm>. Acesso em: 30 de setembro de 2008.
- Inhelder, B. & Piaget, J. (1976). *Da lógica da criança a lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. (D. M. Leite, Trans.). São Paulo: Pioneira.
- Ito, L. H & Soares, D. H. P. (2008). Projeto do futuro e identidade: um estudo com estudantes formandos. *Aletheia*, 27(1), 65-80.
- Jain, A., Belsky, J., & Crnic, K. (1996). Beyond fathering behaviors: Types of dads. *Journal of Family Psychology*, 10(4), 431-442.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. (S. M. G. Ballve, Trans., 10th, pp. 24-62). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original published in 1970).
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American Zoologist*, 25(3), 883-894.
- Lamb, M. E. & Elster, A. B. (1986). Parental behavior of adolescent mothers and fathers. In: A. B. Elster & M. E. Lamb (Eds.), *Adolescent fatherhood* (pp. 88-106). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Landry, D. J., & Forrest, J. D. (1995). How old are U.S. fathers? *Family Planning Perspectives*, 27(4), 159–171.

- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leal, A. F. & Knauth, D. R. (2006). A relação sexual como uma técnica corporal: Representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1375-1384.
- Lemay, C. A., Cashman, S. B., Elfenbein, D. S., & Felic, M. E. (2010). A Qualitative study of the meaning of fatherhood among young urban fathers. *Public Health Nursing*, 27(3), 221-231.
- Lerner, R. & Galambos, N. L. (1998). Adolescent development: Challenges and opportunities for research, programs and policies. *Annual review of Psychology*, 49, 413-446.
- Lerner, R. M., Lerner, J. V., Stefanis, I., & Apfel, A. (2001). Understanding developmental systems in adolescence: Implications for methodological strategies, data analytic approaches, and training. *Journal of Adolescent Research*, 16(9), 9-27.
- Levandowski, D. C. (2001a). Paternidade na adolescência: Uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6(2), 195-209.
- Levandowski, D. C. (2001b). *Paternidade na adolescência: Expectativas, sentimentos e a interação com o bebê*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, Brasil.
- Levandowski, D. C. (2005). *A transição para a parentalidade e a relação de casal de adolescentes*. Unpublished doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, Brasil.
- Levandowski, D. C. & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Levandowski, D. C. & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A. & Lopes, R. C. S. L. (2008). Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(2), 251-263.
- Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(1), 09-16.
- Lima, C. T. B., Feliciano, K. V. de O., Carvalho, M. F. S., Souza, A. P. P., Menabó, J. B. C., Ramos, L. S., Cassundé, L. F., & Kovacs, M. H. (2004). Percepções e práticas de

- adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista Brasileira de Saúde Materna*, 4(1), 71-83.
- Locatelli, A. C. D, Bzuneck, J. A. & Guimarães, S. E. R. (2007). A motivação de adolescente em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 268-276.
- Lohman, B. J. & Billings, A. (2008). Protective and risk factors associated with adolescent boys' early sexual debut and risky sexual behaviors. *Journal of Youth and Adolescence*, 37(6), 723-735.
- Magalhães, M. L. C., Furtado, F. M., Nogueira, M. B., Carvalho, F. H. C., Almeida, F. M. L., Mattar, R., & Camano, L. (2006). Gestação na adolescência precoce e tardia – há diferença nos riscos obstétricos? *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 28(8), 446-452.
- Maheirie, K., Urnau, L. C., Vavassori, M. B., Orlandi, R., & Baierle, R. E. (2005). Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: Um relato de experiência. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 537-542.
- Maldonado, M. T., Dickstein, J. & Nahoum, J. C. (1997). *Nós estamos grávidos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Males, M., & Chew, K. S. Y. (1996). The ages of fathers in California adolescent births, 1993. *American Journal of Public Health*, 86(4), 565-568.
- Marsiglio, W. (1986). Teenage fatherhood: High school completion and education attainment. In A. B. Elster & M. E. Lamb (Eds), *Adolescent fatherhood* (pp. 67-87). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Marsiglio, W., Hutchinson, S. & Cohan, M. (2000). Envisioning fatherhood: A social psychological perspective on young men without kids. *Family Relations*, 49(2), 133-142.
- Meade, C. S. Kershaw, T. S., & Ickvics, J. R. (2008). The intergenerational cycle of teenage motherhood: An ecological approach. *Health Psychology*, 27(4), 419-429.
- Medrado, B., Lyra-da-Fonseca, J. L. C., Rodrigues, L., Oliveira, A. R., Oliveira, D., & Felipe, D. (2008). No contexto da gravidez na adolescência, há paternidade: Revendo olhares e práticas. In *Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder* (p. 1-8). Florianópolis, Brasil: UFSC.

- Ministério da Saúde (2000). *Pesquisa sobre comportamento sexual da população brasileira e percepções sobre HIV/AIDS*. Coordenação Nacional DST/AIDS. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Brasília, DF.
- Ministério da Saúde (2008). *Política nacional de atenção integral à saúde do homem (princípios e diretrizes)*. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, DF.
- Miller, D. B. (1997). Adolescent fathers: What we know and what we need to know. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 14(1), 55-69.
- Monteiro, L. P. & Cardoso, N. A. (2001). Família e criação de filhos In S. G. Souza & I. Rizzini (Eds.), *Desenhos de família - criando filhos: a família goianense e os elos parentais* (pp. 95-115). Goiânia, Brasil: Cãnone Editorial.
- Montemayor, R. (1986). Boys as father: Coping with dilemmas of adolescence. In A. B. Elster & M. E. Lamb (Eds), *Adolescent fatherhood* (pp. 1-18). Hillsdale: Lawren Erlbaum.
- Nascimento, I. P. (2006). Projeto de vida de adolescentes do ensino médio: um estudo psicossocial sobre suas representações. *Imaginário*, 12(12), 55-80.
- Nelson, T. J. (2004). Low-income fathers. *Annual Review of Sociology*, 30, 427-451.
- Neiva-Silva, L. (2003) *Expectativas futuras de adolescentes em situação de rua: um estudo autofotográfico*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, Brasil.
- Neiverth, I. S. & Alves, G. B. (2003). Gravidez na adolescência e mudança no papel social da mulher. *Paidéia*, 12(24), 229-241.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2008a). *Termo de consentimento livre e esclarecido*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2009a). *Ficha de dados sócio-demográficos da família: versão do pai*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2008b). *Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2008c). *Entrevista sobre a gravidez adolescente: versão do pai*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2009b). *Entrevista sobre a percepção da paternidade adolescente*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Oliveira, M. W. (1998). Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. *Caderno CEDES*, 19(45), 48-70.
- Oliveira, D. C., Sá, C. P., Fischer, F. M., Martins, I. S., & Teixeira, L. R. (2001). Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. *Estudos de Psicologia*, 6(2), 245-258.
- Oliveira, R. S. (2006). *Expectativas de jovens que vivem em assentamento: um estudo sobre a tríade trabalho-educação-família*. Unpublished master's thesis. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, Centro Agropecuário, Universidade Federal do Pará. Belém, Brasil.
- Oliveira, R. C. (2008). Adolescência, gravidez e maternidade: A percepção de si e a relação com o trabalho. *Saúde e Sociedade*, 17(4), 93-102.
- Orlandi, R. & Tonelli, M. J. F. (2005). Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicologia em Revista*, 11(18), 257-267.
- Ott, M. A. (2010). Examining the development and sexual behavior of adolescent males. *Journal of Adolescent Health*, 46, 3–11.
- Parke, R. D. (1996). The transition to fatherhood: Pregnancy and birth. In R. D. Parke (Ed.), *Fatherhood* (pp. 17-43). London: Harvard Universal Press.
- Petersen, A. C. (1988). Adolescent development. *Annual review of Psychology*, 39, 583-607.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources, and consequences. In M. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 66-103). New York: John Wiley & Sons.
- Piaget, J. (1969). *Seis estudos de psicologia*. (M. A. M. D'Amorim & P. S. L. Silva, Trans.). Rio de Janeiro: Forense.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S. & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Piccinini, C. A.; Lopes, R. C. S.; Marin, A. H.; Carvalho, F. T.; Henn, C. G.; Dias, A. C. G.; Schwengber, D. D.; & Diehl, A. M. P. (2008). *Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança*. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Projeto de Pesquisa não publicado.

- Quinlivan, J. A. & Condon, J. (2005). Anxiety and depression in father`s teenage pregnancy. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 39, 915-920.
- Reichman, N. E., Pagnini, D. (1997) Maternal Age and birth outcomes: Data from New Jersey. *Family Planning Perspectives*, 29(6), 268-295.
- Rivara, F. P., Sweeney, P. J. & Henderson, B. F. (1987). Risk of fatherhood among black teenage males. *American Journal of Public Health*, 77(2), 203-205.
- Rizzini, I. (2001). Crianças, adolescentes e suas bases familiares: tendências e preocupações globais. In S. G. Souza & I. Rizzini (Eds). *Desenhos de família - criando filhos: a família goianense e os elos parentais* (pp. 23-44). Goiânia: Cãnone Editorial.
- Sabroza, A. R., Leal, M. C., Gama, S. G. N., & Costa, J. V. (2004). Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do município do Rio de Janeiro, Brasil – 1999-2001. *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1), 112-120.
- Sarriera, J. C., Pizzinato, A., Rispoli, A., Trindade, T. V. C. & López, V. B. (2000). Adolescentes de classes populares à procura de trabalho. *Revista Psicologia Argumento*, XVIII, 189-198.
- Scelza, C. M. (2006). *Construção de projetos de vida: um estudo sobre adolescentes fluminenses*. Unpublished doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil.
- Schenker, M. & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717.
- Schindler, H. S., (2010). The Importance of parenting and financial contributions in promoting fathers' psychological health. *Journal of marriage and the family*, 72(2), 318-332.
- Silva, M. R. (2003). *Sentimentos sobre a paternidade e envolvimento de pais que residem e pais que não-residem com seus filhos*. Unpublished master`s thesis. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M. R. (2007). *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. Unpublished doctoral dissertation. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, UFRGS. Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M. R. & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 561-573.

- Silva, L. & Tonete, V. L. P. (2006). A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14(2), 199-206.
- Silveira, S. C. & Wagner, A. (2009). Relação família-escola: Práticas educativas utilizadas por pais e professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, XIII, 283-291.
- Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC). (2007). Disponível em: [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sms/usu\\_doc/sinasc\\_2007\\_a.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/sms/usu_doc/sinasc_2007_a.pdf). Acesso em: 15 de janeiro de 2009.
- Smetana, J. G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284.
- Souza, L. G. S., Trindade, Z. A., Coutinho, S. M. S., & Menandro, M. C. S. (2007). Sentidos atribuídos ao sucesso pessoal e profissional em estudantes do ensino médio. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 8(1), 1-12.
- Stake, R. A. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). Londres: Sage.
- Steinberg, L. (1993). *Adolescence*. 3. Ed.. New York: McGraw-Hill.
- Steinberg, L. & Lerner, R. M. (2004). The scientific study of adolescence: A brief history. *Journal of Early Adolescence*, 24(1), 45-54.
- Taquette, S. R., Vilhena, M. M. & Paula, M. C. (2004). Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, 37(3), 210-214.
- Taquette, S. R. & Vilhena, M. M. (2008). Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 13(1), 105-114.
- Teixeira, A.M.F.B., Knauth, D.R., Fachel, J.M.G. & Leal, A.F. (2006). Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas de jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1385-1396.
- Teti, D. M. & Lamb, M. E. (1986). Sex-role learnig and adolescent fatherhood. In A. B. Elster & M. E. Lamb (Eds), *Adolescent fatherhood* (pp. 19-30). Hillsdale: Lawren Erlbaum.

- Thompson, S. D. & Crase, S. J. (2004). Fathers of infants born to adolescent mothers: a comparison with non-parenting male peers and adolescent mothers. *Children and Youth Services Review*, 26, 489–505.
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A. & Souza, J. Q. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: A perspectiva do pai. *Psico*, 28(1), 207-222.
- Trindade, E. & Bruns, M. A. T. (1998). Pai adolescente: Quem é ele? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 9(1), 23-28.
- Trindade, Z. A. & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: Vivência e significação. *Estudos de Psicologia*, 7(1), 15-23.
- Tynkkynen, L., Nurmi, J. E., & Salmela-Aro, K. (2010) Career goal-related social ties during two educational transitions: ntecedents and consequences. *Journal of Vocational Behavior*, 76(3), 448-457.
- Ventura, M. & Corrêa, S. (2006). Adolescência, sexualidade e reprodução: Construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1505-1509.
- Venturini, A. P. C., Freitas, A. P. C. O., & Piccinini, C. A. (2010). Gravidez na adolescência: A produção científica brasileira de dissertações e teses entre 1987 e 2007. Manuscript submitted for publication.
- Ximenes Neto, F. D. G., Dias, M. S. A., Rocha, J., & Cunha, I. C. K. O. (2007). Gravidez na adolescência: Motivos e percepções de adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(3), 279-285.
- Wagner, A, Predtebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wang, C.S.& Chou, P. (2001). Characteristics of males who father babies born to adolescents versus older adult women in Taiwan. *Journal of Adolescence Health*, 28(6), 509–512.
- Watarai, F. & Romanelli, G. (2005, May). Trabalho e identidade de adolescentes do sexo masculino de camadas populares [Abstracts]. In Simpósio Internacional do Adolescente (Ed.) *Anais de temas livres, 1º Simpósio Internacional do Adolescente*, São Paulo, Brasil.



- Wendland, J. (2001). Abordagem Clínica das Interações Pais-Bebê: Perspectivas Teóricas e Metodológicas. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(1), 45-56.
- Woodward, L. J., Fergusson, D. M., & Horwood, L. J. (2006). Gender differences in the transition to early parenthood. *Development and Psychopathology*, 18(1), 275-294
- World Health Organization (1995). *A Picture of Health?* Geneva: World Health Organization.
- World Health Organization. (2001). *Sexual relations among young people in developing countries: Evidence from WHO case studies*. Geneva: World Health Organization.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de Caso: planejamento e métodos* (D. Grassi, Trans.). Porto Alegre: Bookman.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### Universidade Federal do Rio Grande do Sul Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**Projeto: Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao Segundo Ano de Vida da Criança**

Antes de sua participação neste estudo, é preciso esclarecer alguns detalhes importantes, para que possíveis dúvidas sejam resolvidas. O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é o Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini, que poderá ser contatado pelo Tel: 3308-5058 .

#### **Qual o objetivo desta pesquisa?**

Investigar os diversos aspectos da gravidez adolescente com destaque para: 1) Fatores socioeconômicos associados à gravidez na adolescência; 2) Sexualidade na adolescência; 3) Saúde e gravidez adolescente; 4) Aspectos sócio-emocionais da gravidez adolescente; e, 5) Desenvolvimento do bebê e sua interação com a mãe e pai adolescente. Trata-se de um estudo longitudinal que acompanhará 60 adolescentes aqui da Grande Porto Alegre, desde a gravidez até o seu bebê completar 24 meses. O mesmo estudo também será feito em na cidade de Santa Maria e Rio Grande.

#### **Como vamos fazer isso?**

Ao participar, você realizará os procedimentos descritos abaixo:

- Responderá a alguns questionários (qualidade de vida, apoio social, depressão, apego mãe-bebê).
- Responderá a entrevistas (maternidade e paternidade, que deverão ser gravadas, para posterior análise).
- Terá momentos de interação com o bebê que serão filmados.

Esses procedimentos serão realizados no 3º trimestre da gravidez, e no 3º, 12º e 24º mês de vida da criança.

#### **Como é feita a avaliação dos resultados do estudo?**

Os resultados do estudo servirão para aumentar os conhecimentos sobre a gestação, maternidade e paternidade entre adolescentes, a fim de ajudar mulheres e bebês que passem por esta experiência. As informações desse estudo poderão também servir para beneficiar os participantes e seus bebês. Além disso, os dados deste estudo poderão ser utilizados posteriormente para novas análises. Todos os dados ficarão armazenados no Instituto de Psicologia da UFRGS.

#### **Quais os riscos e custos em participar?**

Não se espera que haja riscos em participar do estudo. Você não terá despesa por participar do estudo, bem como nada será pago por sua participação.

#### **O que a paciente ganha com este estudo?**

Embora não se espera que este estudo gere benefício imediato aos participantes, será uma oportunidade de refletir sobre a sua gravidez, a maternidade, a interação com seu bebê e sobre o desenvolvimento dele(a). Além disto poderá trazer benefícios para outras adolescentes que venham a viver esta mesma experiência, pois sua participação ajudará no desenvolvimento de novos conhecimentos, que poderão beneficiar outras pessoas.

#### **Quais são os seus direitos?**

Em caso de qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa, você terá total apoio dos pesquisadores do projeto; terá total liberdade para retirar seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento que você recebe aqui no hospital. Você não será identificada e será mantido o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com a sua privacidade.

#### **Concordância**

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo para fins exclusivamente de pesquisa e publicações científicas a utilização das informações prestadas.

Nome do(a) adolescente: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome pai/mãe/responsável legal: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## ANEXO B

**Ficha de dados sócio-demográficos da família**  
(Projeto GRADO/NUDIF, 2009a adaptada de NUDIF/UFRGS, 2008)

**Eu gostaria de ter mais algumas informações sobre você:**

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_ \_\_ / \_\_ \_\_ / \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ Idade: \_\_ \_\_

Endereço Completo: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

Celular: \_\_\_\_\_ Fone para recados: \_\_\_\_\_

Local de Nascimento: ( ) POA ( ) Grande Porto Alegre ( ) Interior, Onde? \_\_\_\_\_

**Se do Interior**, mas morando na Grande Porto Alegre, há quanto tempo mora aqui? \_\_ \_\_ meses

Por quê? \_\_\_\_\_

Com que idade você começou estudar? \_\_ \_\_ anos. Está estudando? ( ) Sim ( ) Não, por quê? \_\_\_\_\_

Quando parou de estudar? \_\_ \_\_ meses \_\_ \_\_ anos

Sua escola é ou era ( ) Municipal ( ) Estadual ( ) Particular Qual escola? \_\_\_\_\_

Até que série estudou ( ) nenhuma ( ) 1ºg \_\_\_\_ série ( ) 2ºg \_\_\_\_ série Anos completos \_\_ \_\_

( ) curso técnico \_\_\_\_\_ ( ) outro \_\_\_\_\_

Você já reprovou? ( ) Não ( ) Sim, Quantas vezes? \_\_ \_\_ Em que série? \_\_\_\_\_ Se atrasado, sem reprovação, qual o motivo? \_\_\_\_\_

Você é? ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Separado/divorciado ( ) Viúvo ( ) Morando junto ( ) Está namorando

Se é casado, quando casou? \_\_ \_\_ / \_\_ \_\_ / \_\_ \_\_ \_\_ \_\_

Tempo de namoro: \_\_ \_\_ meses Tempo de Convívio (morando junto): \_\_ \_\_ meses

Você já trabalhou? ( ) Sim ( ) Não

Atualmente está trabalhando? ( ) Sim ( ) Não

Que tipo de trabalho você faz? \_\_\_\_\_ Quantas horas? \_\_ \_\_ por dia

Você recebe? ( ) Sim ( ) Não Qual o valor? \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ , \_\_ \_\_ reais

Se trabalhava, mas parou, por quê? \_\_\_\_\_

Que trabalho você fazia? \_\_\_\_\_

Você recebia? ( ) sim ( ) Não Qual o valor? \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ \_\_ , \_\_ \_\_ reais

Você fuma? ( ) Sim ( ) Não, nunca fumou ( ) Fumava, mas parou

**Se sim**, continua fumando? ( ) Sim ( ) Não ( ) NSA Quantos cig/dia \_\_ \_\_

Você usa algum tipo de droga? ( ) sim ( ) Não, nunca usou ( ) Usava, mas parou

**Se sim**, qual? ( ) maconha ( ) cola ( ) lolo ( ) crack ( ) cocaína ( ) outra \_\_\_\_\_

Você toma bebida de álcool? ( ) sim ( ) Não, nunca tomou ( ) Tomava, mas parou

**Se sim**, qual? \_\_\_\_\_ Quando? \_\_\_\_\_ Quanto? \_\_\_\_\_Tem religião? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_ Praticante? ( ) Sim ( ) Não**ASPECTOS DA MORADIA ATUAL:**

Quantas pessoas moram na casa, incluindo você: \_\_ \_\_

( ) Pai ( ) Mãe ( ) Irmão, \_\_ \_\_ quantos ( ) Tio ( ) Companheiro ( ) Outro \_\_\_\_\_

Quantas pessoas trabalham? \_\_ \_\_

Se ninguém trabalha, quem sustenta a casa? \_\_\_\_\_

Nº de crianças menores de cinco anos que moram na casa: \_\_\_  
 Gostaria de saber algumas características da sua casa. A casa é de: ( ) Madeira ( ) Material ( ) Mista  
 Nº de quartos: \_\_\_ Nº total de peças \_\_\_ Na sua casa tem: Água encanada? ( ) sim ( ) Não  
 Luz elétrica? ( ) sim ( ) Não Esgoto? ( ) sim ( ) Não  
 Privacidade? ( ) sim ( ) Não Como? \_\_\_\_\_  
 Animais: ( ) sim ( ) Não Quais? \_\_\_\_\_

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PAIS DO ADOLESCENTE

#### DO PAI

Nome: \_\_\_\_\_  
 É seu pai biológico? ( ) sim ( ) não Se não, você conhece seu pai biológico? ( ) sim ( ) não  
 Idade do pai quando teve seu primeiro filho: \_\_\_\_\_ ( ) Não sabe  
 Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_  
 Endereço Completo: \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_ Cel: \_\_\_\_\_  
 ( ) Vivo ( ) Morto Tempo: \_\_\_\_\_ Causa: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: ( ) nenhuma ( ) 1º g \_\_\_ série ( ) 2º \_\_\_ série Anos completos: \_\_\_  
 ( ) Curso técnico \_\_\_\_\_ ( ) outro \_\_\_\_\_ ( ) não sabe  
 Seu pai trabalha? ( ) Sim ( ) Não. Que tipo de trabalho ele faz? \_\_\_\_\_  
 Qual o horário? \_\_\_\_\_  
 Ele recebe? ( ) Sim ( ) Não Qual o valor? \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ reais ( ) não sabe

O seu pai fuma? ( ) Sim ( ) Não, nunca fumou ( ) Fumava, mas parou  
 Ele usa algum tipo de droga? ( ) Sim ( ) Não, nunca usou ( ) Usava e parou  
**Se sim**, qual? ( ) maconha ( ) cola ( ) lolo ( ) crack ( ) cocaína ( ) outra ( ) não sabe  
 Ele costuma tomar bebida de álcool? ( ) Sim ( ) Não ( ) Bebia, mas parou  
**Se sim**, quando? \_\_\_\_\_ Quanto? \_\_\_\_\_  
 Ele tem alguma doença física? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_  
 Ele tem alguma doença mental? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_  
 Tem religião? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_ Praticante? ( ) Sim ( ) Não

#### DA MÃE

Nome: \_\_\_\_\_  
 Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_  
 Endereço Completo: \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_ Cel: \_\_\_\_\_  
 ( ) Viva ( ) Morta Tempo: \_\_\_\_\_ Causa: \_\_\_\_\_  
 Idade da mãe da gestante, quando teve primeira gestação: \_\_\_\_\_  
 Escolaridade: ( ) nenhuma ( ) 1º g \_\_\_ série ( ) 2º \_\_\_ série Anos completos: \_\_\_  
 ( ) curso técnico \_\_\_\_\_ ( ) outro \_\_\_\_\_ ( ) não sabe  
 Sua mãe trabalha? ( ) Sim ( ) Não. Que tipo de trabalho ela faz? \_\_\_\_\_  
 Quantas horas? \_\_\_ por dia  
 Ela recebe? ( ) Sim ( ) Não Qual o valor? \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ reais ( ) não sabe

Sua mãe fuma? ( ) Sim ( ) Não, nunca fumou ( ) Fumava, mas parou  
 Ela usa algum tipo de droga? ( ) Sim ( ) Não, nunca usou ( ) Usava, mas parou  
**Se sim**, qual? ( ) maconha ( ) cola ( ) lolo ( ) crack ( ) cocaína ( ) outra ( ) não sabe  
 Ela costuma tomar bebida de álcool? ( ) Sim ( ) Não ( ) Bebia, mas parou  
**Se sim**, quando? \_\_\_\_\_ Quanto? \_\_\_\_\_  
 Ele tem alguma doença física? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_  
 Ele tem alguma doença mental? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_  
 Tem religião? ( ) Sim ( ) Não **Se sim**, qual? \_\_\_\_\_ Praticante? ( ) Sim ( ) Não

**Quando sua mãe engravidou de você:**

A gestação foi planejada: ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sabe

Idade da mãe quando do seu nascimento: \_\_ \_\_ anos E do pai \_\_ \_\_

Parto: ( ) Normal ( ) Cesáreo ( ) Não sabe Onde: ( ) Domicílio ( ) Hospital

O que a mãe conta do parto? \_\_\_\_\_

Idade da mãe na 1º gravidez: \_\_ \_\_ anos

#### **RELACIONAMENTO DOS PAIS DO ADOLESCENTE**

Vivem juntos? ( ) Sim ( ) Não Há quanto tempo? \_\_ \_\_ anos Sabe por quê? \_\_\_\_\_

Nova união: Pai ( ) Sim ( ) Não Tempo: \_\_\_\_\_

Nova união: Mãe ( ) Sim ( ) Não Tempo: \_\_\_\_\_

#### **ESTRUTURA FAMILIAR**

Nº irmãos de pai/mãe: \_\_ \_\_ Nº irmãos p/parte do pai: \_\_ \_\_ Nº irmãos p/parte da mãe: \_\_ \_\_

## ANEXO C

### Entrevista sobre a percepção da paternidade adolescente (Projeto GRADO/NUDIF, 2009b adaptada de NUDIF/UFRGS, 2009)

#### 1. *Eu estou conversando com jovens da tua idade, a respeito de ser pai na adolescência.*

- Tu conheces algum jovem que engravidou uma menina e se tornou pai antes dos 18 anos?

**a.** *(Se sim)* Quem é? Que idade ele tem? O filho/a filha já nasceu?

- O que ele é teu? Tu convives com ele? O que vocês fazem/faziam juntos? *(Explorar)* Com que frequência?

- Como tu ficaste sabendo que ele ia ser pai? O que tu pensaste a respeito?

- E ele chegou a te dizer o que esta/estava achando de ser pai? *(Se sim)* O que ele te disse?

- E tu, o que achou de ele vir a ser pai?

- E os outros amigos de vocês, o que falam/falaram sobre isto? E a família de vocês o que achou disto?

- Na tua opinião, a gravidez mudou alguma coisa na vida dele?

- O quê mudou? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- E os amigos/colegas dele têm dado/deram 'uma força' para ele durante a gravidez? O que fazem/fizeram?

*(Se for amigo/parente)* E tu, tem dado/deu 'uma força' para ele? O que faz/fizeram?

- Tu achas que ele está satisfeito com a tua ajuda/apoio? Como te sentes com isto?

**b.** *(Se não)* O que tu acharia se um amigo da tua idade engravidasse uma menina?

- Como tu achas que seria ser pai ainda jovem?

- Como tu achas que isto afetaria a vida dele? *(explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- Como tu achas que ele seria visto: pelos amigos, colegas, família? Ou: "O que tu acha que os amigos, os colegas e família falariam sobre isso?"

#### 2. *Eu gostaria de conversar contigo sobre alguns aspectos da tua vida.*

- Como é o teu dia-a-dia?

- Como é a tua relação com teus amigos?

- Tu tens namorada?

- O que tu fazes para te divertir?

- Tu frequentas a escola? Como tu te sentes na escola? Como são as tuas notas? Já pegou recuperação? Teve alguma reprovação?

- Tu costumava faltar aula? *(Se sim)* Com que frequência? Por quê? O que tu fazia?

- Tu trabalhas? O que fazes? Tu és remunerado? O que tu achas do teu trabalho?

- Que outras atividades tu realizas além de ir à escola? (ex. esporte, religião, lazer)

- Quando tu pensas sobre o teu futuro, quais são os teus planos? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- O que tu fazes para alcançar esses planos? *(Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*

- O que tu achas que teus pais esperam para teu futuro?

- Tu achas que algo mudaria nos teus planos, se tu te tornasses pai nesse momento? *(Se sim)* O quê?

#### 3. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua família.*

- Como é a tua relação com a tuaco mãe? E com teu pai? E com os demais familiares? *(ele escolhe sobre quais familiares falar)*

- Tu te sentes mais próximo de quem? Por quê? E tem alguém que tu não te sentes muito próximo? Por quê?

- A quem tu recorres quando tens alguma dificuldade? Por quê? Como essa pessoa te ajuda?

- Há alguém com quem tu tens algum tipo de conflito? *(Se sim)* Quem? Por quê?

#### 4. *Eu gostaria de conversar um pouco sobre como tu pensas que vai ser quando tu te tornares pai.*

- Tu pensas em ser pai? Quando *(em que momento da vida)?*

- Tu te imaginas como pai?

- Tu achas que paternidade irá mudar alguma coisa na tua vida? O quê?

- Como tu te imaginas relacionando-se com um filho?

- Quando tu fores pai, o que tu achas que vai ser fácil? E o que tu achas que vai ser difícil?

- Quando te imaginas como pai, tu gostarias de ser parecido com alguém?

*(Se sim)* Quem seria? Como ele(a) é/era?

- E tem alguém com quem tu não gostarias de ser parecido? Quem seria? Como ele(a) é/era?

- E a tua mãe, como ela era contigo quando tu eras bem pequeno? E como o teu pai era? *(Se não lembra)* O que te contam?

#### 5. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?*

## ANEXO D

## Entrevista sobre práticas sexuais e doenças sexualmente transmissíveis

(NUDIF, 2008b adaptada de PAIGA-HMIPV<sup>5</sup>)

Que idade você tinha na primeira relação sexual? \_\_\_ anos Idade da parceira: \_\_\_\_\_

Teve alguma orientação sexual? ( ) Sim ( ) Não Quem orientou? \_\_\_\_\_

Você planejou o início da sua vida sexual (preservativo, anticonceptivo)? ( ) sim ( ) não

Você usou preservativo na primeira relação sexual? ( ) sim ( ) não Por quê? \_\_\_\_\_

Quantas namoradas você já teve? \_\_\_\_\_ Com quantas delas você teve relação sexual? \_\_\_\_\_

Com estas namoradas, com que frequência você usou preservativo?

( ) Sempre ( ) Menos da metade das vezes ( ) Mais da metade das vezes ( ) Nunca

Por quê? \_\_\_\_\_

Você tem atividade sexual atual? ( ) Sim ( ) Não Se não, por quê? \_\_\_\_\_

Com esta parceira, com que frequência você usa preservativo?

( ) Sempre ( ) Menos da metade das vezes ( ) Mais da metade das vezes ( ) Nunca

Por quê? \_\_\_\_\_

Na última relação sexual com sua parceira, você usou preservativo? ( ) sim ( ) não

Por quê? \_\_\_\_\_

(Caso use preservativo) Como você faz para conseguir o preservativo? \_\_\_\_\_

Houve alguma mudança na sua vida sexual com a gravidez ? ( ) Sim ( ) Não

**Se sim**, quanto mudou: ( ) Muito pouco ( ) Pouco ( ) Mais ou menos ( ) Bastante ( ) Extremamente

Em que mudou? \_\_\_\_\_

Experiência de anticoncepção anterior à gestação: ( ) Sim ( ) Não

**Se sim**, qual ? ( ) Camisinha ( ) Diafragma ( ) pílula ( ) DIU ( ) Coito Interrompido

Quando a mãe do bebê engravidou, vocês usavam algum método? ( ) Sim ( ) Não

**Se sim**, qual ? ( ) Camisinha ( ) Diafragma ( ) pílula ( ) DIU ( ) Coito Interrompido

Usavam adequadamente? ( ) Sim ( ) Não Por quê? \_\_\_\_\_

Você já teve alguma doença sexualmente transmissível? ( ) sim ( ) não ( ) não sabe

**Se sim**, qual? \_\_\_\_\_

Quando você teve esta(s) doença(s)? \_\_\_\_\_

Você fez tratamento? ( ) sim ( ) não

Como você descobriu esta doença(s)? \_\_\_\_\_

Algo mudou em sua vida sexual depois que soube que tinha esta(s) doença(s)? ( ) sim ( ) não

**Se sim**, o que mudou? \_\_\_\_\_

Que doença(s) sexualmente transmissível(is) você conhece? \_\_\_\_\_ ( ) nenhuma

Como você acha que se podem evitar doenças sexualmente transmissíveis? \_\_\_\_\_

Alguma parceira tua já fez algum aborto? ( ) sim ( ) não

(Se sim) Quantos foram espontâneos? \_\_\_\_\_ Quantos foram provocados? \_\_\_\_\_

<sup>5</sup> Programa de Atenção Integral à Gestante Adolescente – PAIGA - Hospital Materno Infantil Presidente Vargas – Secretaria Municipal De Saúde – Porto Alegre



ANEXO E  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

**PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2008/012**

Título do Projeto:

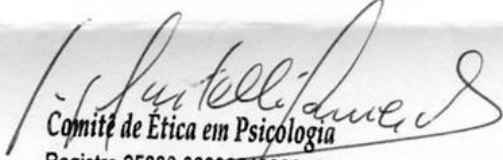
Aspectos Biopsicossociais da Gravidez Adolescente: Estudo Longitudinal da Gestação ao segundo ano de vida da criança.

Pesquisador(es):

Cesar Augusto Piccinini  
Rita de Cássia Sobreira Lopes

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 07/04/2009, bem como ao término do estudo.

**Aprovado**, em 07/04/2008

  
Comitê de Ética em Psicologia  
Registro 25000.089325/2006-58  
UFRGS

## ANEXO F

### Estrutura de categorias temáticas para análise das entrevistas dos adolescentes não-pais<sup>6</sup>

#### 1. Percepções sobre a gravidez de um adolescente\*

- 1.1 Considerações frente à notícia da gravidez de um adolescente
- 1.2 Percepções sobre as conseqüências da gravidez na vida de um adolescente
- 1.3 Percepções sobre o apoio recebido durante a gravidez de um adolescente

#### 2. Atividades cotidianas dos adolescentes

- 2.1 Rotina, diversão e lazer
- 2.2 Percepções sobre a escola
- 2.3 Percepções sobre o trabalho
- 2.2 Relacionamentos afetivos com amigos
- 2.3 Relacionamento afetivo com a namorada

#### 3. Projetos de vida\*\*

- 3.1 Características dos projetos de vida
- 3.2 Esforços destinados à concretização dos projetos de vida
- 3.3 Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes
- 3.4 Percepções sobre mudanças nos projetos de vida frente à paternidade na adolescência

---

<sup>6</sup> O sinal \* assinala que a subcategoria baseou-se em Levandowski e Piccinini (2001) e o sinal \*\* em (Camarena et al., 1998; Herrmann, 2008), com adaptações. As demais categorias e subcategorias foram criadas a partir da leitura e análise das entrevistas.

## ANEXO G

### Entrevista sobre a gravidez adolescente: versão do pai (Projeto GRADO; NUDIF/UFRGS, 2008c)

#### **1. Eu gostaria de conversar contigo sobre a gravidez da (nome da mãe do bebê).**

- Como foi para ti receber a notícia da gravidez? Como te sentiste?
- Foi uma gravidez planejada? *(Se sim)* Como planejaram? *(Se não)* Quando tu pensavas em ser pai?
- Como te sentias no início da gravidez da *(nome da mãe do bebê)* (física e emocionalmente)?
- E agora, como te sentes?
- A gravidez da *(nome da mãe do bebê)* mudou alguma coisa na tua vida?
- Como é o teu dia-a-dia atualmente? Tu frequentas a escola e/ou trabalhas? O que fazes?
- Como tu estás te sentindo em relação às mudanças do corpo da *(nome da mãe do bebê)*?
- Quais as tuas preocupações em relação à gravidez da *(nome da mãe do bebê)*? E em relação ao parto? E em relação ao bebê?
- Como está a saúde da *(nome da mãe do bebê)*, desde o início da gravidez até agora?
- E como está sendo o pré-natal dela? (ela tem consultado, como tem sido as consultas médicas)
- Ela já fez alguma ecografia?  
*(Se ela já fez ecografia)* Tu estavas junto na ecografia? *(Se sim)* Como te sentistes ao ver o bebê? *(Se não)* Por quê?
- Vocês já pensaram num nome para o bebê? Quem escolheu? Qual o motivo para a escolha do nome?
- Tu costumavas tocar na barriga da *(nome da mãe do bebê)* conversar com o bebê? Tem mais alguma coisa que tu fazes?
- Algum profissional (médico, psicólogo, assistente social) tem te ajudado? O que tem feito?
- Alguém da tua família teve filhos durante a adolescência? Quem? E sem ser da tua família?
- Como tu achas que foi essa experiência para ele?

#### **2. Agora eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua vida antes da (nome da mãe do bebê) engravidar.**

- Como era o teu dia-a-dia antes da *(nome da mãe do bebê)* engravidar?
- Tu tinhas amigas/os? E namorada? O que tu fazias para se divertir?
- Tu trabalhavas fora de casa? *(Se sim)* O que tu fazias? Tu eras remunerado? O que tu achavas deste teu trabalho?
- E na escola, como era? Como tu te sentias? Como eram tuas notas? Pegou recuperação? Teve alguma reprovação?
- Tu costumavas faltar aula? *(Se sim)* Com que frequência? Por quê? O que tu fazia?
- Que outras atividades tu realizavas além de ir à escola? (ex. esporte, religião, lazer)
- Quando tu pensavas sobre o teu futuro, quais eram os teus planos? *(Explorar: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*
- O que tu fazias para alcançar esses planos? *(Explorar novamente: trabalho, estudos, casamento, filhos, local de moradia)*
- E depois que a *(nome da mãe do bebê)* engravidou, alguma coisa mudou nesses teus planos para o futuro?  
*(Se sim)* O que mudou? E agora, quais são teus planos para o futuro?
- O que tu pensas fazer para alcançar esses planos?
- E antes de engravidar, o que tu achas que teus pais esperavam para teu futuro?
- E hoje, o que tu achas que eles esperam para teu futuro?

#### **3. Eu gostaria de conversar um pouco sobre a mãe do bebê.**

- Como ela reagiu à notícia da gravidez? Ela pensava em ser mãe neste momento?  
*(Se sim)* Por que tu achas isso? (Investigar se conversavam sobre o assunto) *(Se não)* Quando ela pensava em ser mãe?
- E como está sendo a gravidez para ela?
- Tu achas que a gravidez mudou alguma coisa na vida dela?
- O que ela está achando das mudanças do corpo dela?
- Quais as preocupações dela em relação à gravidez? E quanto ao parto? E quanto ao bebê?  
*(Se ela já fez ecografia)* E durante a ecografia, como ela se sentiu ao ver o bebê?
- Que tipo de apoio tu tens dado a ela durante a gravidez? Tu achas que ela está satisfeita com o teu apoio? Como te sentes com isto?

**4. Eu gostaria de conversar um pouco sobre a tua família.**

- Antes *da* (nome da mãe do bebê) engravidar, como era a tua relação com a tua mãe? E com teu pai? E com os demais familiares? (*ele escolhe sobre quais familiares falar*)

- Tu te sentias mais próximo de quem? Por quê? E tinha alguém que tu não te sentias muito próximo? Por quê?
- A quem tu recorrias quando tinhas alguma dificuldade? Por quê? Como essa pessoa te ajudava?
- Havia alguém com quem tu tinhas algum tipo de conflito? (*Se sim*) Quem? Por quê?

- E, quando a (nome da mãe do bebê) engravidou, como a tua mãe ficou sabendo? Como ela reagiu à notícia?

- O que ela te disse na ocasião? O que ela fez? Alguma coisa te magoou? Alguma coisa te agradou?

- E hoje, como está a relação com a tua mãe?

- O que tu gosta nas coisas que tua mãe faz ou diz para ti?

- O que tu não gosta nas coisas que tua mãe faz ou diz para ti?

- A tua mãe tem te ajudado? O que ela tem feito?

**Repetir este último bloco em relação: *Pai***

- E além destas pessoas que a gente conversou, tem mais alguém que te ajuda? Quem? O que esta pessoa tem feito? (*professora, colegas*)

- E tem alguém que não te ajuda? Quem? O que tu esperavas que essa pessoa fizesse?

**5. Eu gostaria de conversar um pouco sobre como tu pensas que vai ser quando o bebê nascer.**

- Como tu imaginas o teu relacionamento com o bebê quando ele nascer?

- Como te imaginas como pai? O que tu achas que vai ser fácil? E o que tu achas que vai ser difícil?

- Quando te imaginas como pai, tu gostarias de ser parecido com alguém?

(*Se sim*) Quem seria? Como ele(a) é/era?

- E tem alguém com quem tu não gostarias de ser parecido? Quem seria? Como ele(a) é/era?

- E a tua mãe, como ela era contigo quando tu eras bem pequeno? E como o teu pai era? (Se não lembra) O que te contam?

**6. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

## ANEXO H

### Estrutura de categorias temáticas para análise das entrevistas dos pais adolescentes<sup>7</sup>

#### **1. Percepções sobre a gravidez na adolescência**

- 1.1 Reação inicial e sentimentos acerca da gravidez
- 1.2 Reação da família à notícia da gravidez
- 1.3 Apoio recebido pelo pai adolescente

#### **2. Comparações entre as atividades cotidianas antes e depois da gravidez**

- 2.1 Atividades cotidianas, diversão e lazer
- 2.2 Relacionamento afetivo com a gestante
- 2.3 Percepções sobre o trabalho
- 2.4 Percepções sobre a escola

#### **3. Projetos de vida antes da gravidez**

- 3.1 Características dos projetos de vida antes da gravidez
- 3.2 Esforços destinados à concretização dos projetos de vida
- 3.3 Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes

#### **4. Projetos de vida depois da gravidez**

- 4.1 Mudanças nas características dos projetos de vida frente à gravidez na adolescência
- 4.2 Esforços destinados à concretização dos projetos de vida
- 4.3 Expectativas familiares quanto aos projetos de vida dos adolescentes

---

<sup>7</sup> As categorias e subcategorias foram baseadas no Estudo I, com adaptações.